



COMIDA NA MESA

Agricultura familiar alimenta 50% da população paraibana

Produção preserva o meio ambiente e fomenta economias locais em diferentes cidades do estado. **Página 6**

Foto: Roberto Guedes



Praças históricas são patrimônio urbano de João Pessoa

Cenário de movimentos políticos e festas públicas do passado, espaços urbanos não têm a boa frequência de antes, e alguns são pouco atrativos. **Página 5**

■ “Sei, desolado, que o Ponto de Cem Réis já era. Custei a aprender que, para cada geração, há uma cidade diferente. Minhas netas não sabem onde fica a Rua da Areia ou a Guedes Pereira. E são pessoenses”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Gosto muito de espiar as coisas. Bichos, insetos, o pulsar da vida, certos detalhes que piscam nos olhos das mulheres bonitas, os humilhados e ofendidos que suam para ganhar o pão”.

Hilberito Barbosa Filho

Página 11

Cantora suíça leva jazz cigano para a última noite de apresentações no Fimus

Tatiana Eva-Marie & Avalon Jazz Band são as atrações de hoje no Teatro Municipal de Campina Grande, às 20h, durante o encerramento do 15º Festival Internacional de Música. Artista conversou com exclusividade com **A União**.

Página 9

Foto: Roberto Guedes



Fungos ameaçam palmeiras-imperiais

Pelo menos 40 árvores da espécie não resistiram e morreram somente neste ano, na capital.

Página 20

Temporada de convenções movimenta partidos políticos

Prazo para definição de candidaturas e formação de chapas segue até o dia 5 de agosto.

Página 13

Sousa joga pela vitória, hoje, para garantir a classificação

Time entra em campo contra o Iguatu-CE às 16h, com chances de avançar na disputa da Série D.

Página 24



Foto: Divulgação



Pensar

O suplemento traz, nesta edição, uma reportagem especial sobre o estilo de vida minimalista, que prega a redução do consumo e mais qualidade de vida. Em debate, quais os impactos sociais, econômicos e culturais que esse movimento causa ao indivíduo.

Páginas 29 a 32

Editorial

PEC do retrocesso

A Câmara dos Deputados vem tentando reviver a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 18/2011, que estava adormecida desde 2021 e prevê a redução da idade mínima para trabalhar de 16 para 14 anos.

A PEC foi discutida pela Comissão de Constituição e Justiça da Câmara no mês passado e o seu relator, o deputado Gilson Marques, votou pela admissibilidade da matéria. Já os deputados Sandra Rosado, Luiz Couto, Tadeu Alencar, Índio da Costa, Chico Alencar, Ivan Valente, Glauber Braga, Afonso Mota, Luciano Ducci, Juscelino Filho, Hiran Gonçalves, Maria do Rosário, Fernanda Melchionna e Laura Carneiro votaram contra a proposta.

A redação original da Constituição Federal de 1988 previa, em seu artigo 7º, a proibição de trabalho noturno, perigoso ou insalubre aos menores de 18 e de qualquer trabalho a menores de 14 anos, salvo na condição de aprendiz.

Mais tarde, por meio da Emenda Constitucional nº 20, de 1988, a redação do artigo ficou da seguinte forma: proibição de trabalho noturno, perigoso ou insalubre a menores de dezoito e de qualquer trabalho a menores de 16 anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de 14 anos.

Os deputados favoráveis à PEC argumentam, portanto, que estariam apenas revertendo o texto da Constituição ao seu original, ou seja, um retrocesso. “Lamentamos a luta ideológica que trata o trabalho como maldição e que nega a realidade enfrentada pelo jovem brasileiro que clama por oportunidades para romper com ciclos de pobreza familiar. Crer que a educação é possível sem condições econômicas é lutar no campo do imaginário”, escreveu o relator.

Ora, colocar nos ombros de um adolescente de 14 anos a responsabilidade de tirar sua família da pobreza é, no mínimo questionável, para não dizer cruel. Além disso, qualquer adulto que já tenha conciliado estudos e trabalho sabe das imensas dificuldades de equilibrar as duas atividades. Para um adolescente pobre o mais fácil seria desistir de uma delas e adivinhem qual seria sacrificada nessa situação?

Ainda que a escola não seja abandonada, que tempo restará a este jovem para estudar para as suas provas ou mesmo para o Enem? Como romper o ciclo da pobreza se não pela educação?

A proposta pode parecer bem intencionada, ao permitir que adolescentes ajudem suas famílias, mas inverte a lógica de que são as famílias e também o Poder Público que têm obrigação de protegê-los, conforme prevê a própria Constituição Federal. Além disso, tende a aprofundar as desigualdades sociais, já que são os jovens mais pobres que seriam afetados nesta situação.

Caso a PEC seja aprovada, o resultado serão adolescentes ricos, com acesso às melhores escolas e cursinhos preparatórios, entrando nas universidades, e adolescentes pobres negligenciando os estudos para trabalhar e tendo menos oportunidades de ingressar no ensino superior e conseguir empregos melhores.

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com

O terrorismo da extrema direita na ditadura

Organizações terroristas da extrema direita atuaram durante a Ditadura Militar no Brasil. Eram grupos civis-militares anticomunistas que utilizavam táticas violentas com o intuito de identificar, perseguir e torturar opositores ao regime. As que mais se destacaram foram o CCC – Comando de Caça aos Comunistas, o MAC – Movimento Anticomunista e a AAB – Aliança Anticomunista do Brasil.

O CCC surgiu em 1963, fundado pelo policial civil e estudante de Direito Raul Nogueira de Lima, que se tornaria um torturador no DOPS, conhecido como “Raul Carreca”. Dele participavam estudantes da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e da Universidade Presbiteriana Mackenzie, policiais e intelectuais favoráveis à Ditadura Militar. Segundo o almanaque do jornal “Folha de S. Paulo”, o CCC foi responsável pelos seguintes eventos: invasão e destruição da Rádio MEC, no Rio de Janeiro, logo após o golpe de 31 de Março de 1964; invasão do Teatro Ruth Escobar, em São Paulo, onde espancaram o elenco do espetáculo Roda Viva (em 18 de julho de 1968); batalha campal na Rua Maria Antônia, em São Paulo, no dia 3 de outubro de 1968, entre alunos da Faculdade de Filosofia da USP (considerada como um reduto da esquerda política) e da Universidade Presbiteriana Mackenzie (tida como reduto da direita), quando o prédio da Faculdade de Filosofia da USP foi incendiado, e um jovem secundarista, José Carlos Guimarães, de 20 anos, morreu, atingido por uma bala na cabeça; atentado a bomba no Teatro Opinião, no Rio de Janeiro (em 2 de dezembro de 1968) e o sequestro, tortura e assassinato do padre Antônio Henrique Pereira Neto, auxiliar de D. Helder Câmara, em Recife (em 26 de maio de 1969).

O MAC- Movimento Anticomunista foi criado por um grupo paramilitar de direita, numa reação à decisão do governo João Goulart de restaurar relações diplomáticas com a União Soviética. Suas palavras de ordem eram: “Morte aos traidores Prestes e Julião”, “Fuzilemos, brasileiros, os lacaios de Moscou”, “Fogo nos comunistas” e “Guerra de morte ao PCB”. Suas principais ações foram: metralhar a sede da UNE, no Rio de Janeiro e a destruição da gráfica do jornal governista “A Última Hora”. A AAB – Aliança Anticomunista do Brasil foi fundada em Recife, mas suas principais atividades ocorreram na região Sudeste do Brasil. Seu objetivo maior era amedrontar a imprensa, institui-

ções e pessoas que identificavam como oposição ao regime ditatorial. As principais ações do grupo ocorreram no ano de 1976, com explosão de bancas de revistas e atentados a ABI – Associação Brasileira de Imprensa, OAB – Ordem dos Advogados do Brasil e a residência do jornalista Roberto Marinho, da Rede Globo. Costumava deixar panfletos nos locais dos atentados assumindo a autoria dos atos terroristas. Na ABI, produziu a seguinte mensagem: “A Associação Brasileira de Imprensa (ABI), totalmente dominada pelos comunistas, foi escolhida para esta primeira advertência. De agora em diante, tomem cuidado, seus ‘lacaios de Moscou’. Não daremos trégua. Já que as autoridades recolhem-se covardemente, nós passaremos a agir”.

A prática do terrorismo, por esses movimentos da extrema direita brasileira, espalhando os ideais anticomunistas pelo país de forma impune, era chancelada pelo governo e não pode ficar no esquecimento. A historiografia resgata esses atos condenáveis, idealizados e executados com a cumplicidade do Estado, numa explícita posição de intolerância à abertura democrática. As vítimas da violência ditatorial, após longo tempo de silêncio, ganharam espaços para falar, comprovando que o Golpe de 64 não foi um projeto de organização do regime, exclusivo dos militares, mas contou com o apoio e participação de simpatizantes entre estudantes e intelectuais, além de empresários, jornalistas e instituições civis, difundindo medo e ampliando as violações contra os chamados “subversivos”. A História não pode ser esquecida para que não se repita.

“

O MAC- Movimento Anticomunista foi criado por um grupo paramilitar de direita

Rui Leitão

Foto Legenda

Leonardo Ariel



Trabalho apesar da dificuldade

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Brechando da cerca

Não resisti ao apelo de quem pôs em livro o *Café Alvear, o ponto de encontro perdido*, aderindo a esta cidade ainda no tempo em que todas as pessoas se conheciam e fui ver, com o sol brando, o Ponto de Cem Réis em obra, na nova versão de Cícero Lucena.

A versão Damásio Franca, nos anos 1970, foi dada como impreterível a justificar o túnel e a passagem circular de nível da Guedes Pereira para a Duque de Caxias. Vem Ricardo Coutinho com Luciano Agra e deixam só o túnel, voltando o Cem Réis ao largo ou Praça Vidal de Negreiros surgida com a derrubada da Igreja do Rosário dos Pretos, que um belíssimo álbum editado por Fernando Moura, com prefácio do prefeito de então, reproduz em 2006.

Sei, desolado, que o Ponto de Cem Réis já era. Custei a aprender que para cada geração, há uma cidade diferente. Minhas netas, mesmo as que já me deram bisnetos, não sabem onde fica a Rua da Areia ou a Guedes Pereira. E são pessoenses.

Nestes últimos 10 anos, tenho atravessado o Ponto de Cem Réis apenas sob o testemunho adormecido e mudo dos três ou quatro prédios velhos, que ainda resistem ao abalo do trânsito e ao desprezo da elite.

Da elite, sim, porque o povo de hoje continua presente na mesma praça de 1951, quando aqui cheguei, com seus cafés, bancas de bicho, lojas populares e até sua feira. Antes da Covid, entre a agência do Bradesco e o oitão do antigo cinema Rex, ainda cheguei a curtir um momento dos meus ao encontrar, bem sentados, à sombra da tarde, num banco de rua, Joaquim Brito (o Quinca Brito de meio mundo social e cultural) e o shakspereano das nossas vênias, João Batista de Brito. Nunca mais me foi dada satisfação igual. Enquanto se entretinham na conversa faziam-me rever, passando ao lado e ao largo, todo um arquivo vivo em pessoa e espírito que habita o meu coração. Habita e sustenta, pois não tem sido outra a razão

do meu pulso ou dos meus batimentos, regulares ou oscilantes, pouco importa.

Não resisti e fui ver anteontem o que há por trás do tapume que circunscreve e encobre a nova restauração anunciada na placa de Cícero. Um palmo acima do meu queixo, trepado sob ajuda de um engraxate. Eles, os engraxates, pouquíssimos sobrevivem sem mais contar com o prestígio antigo que lhes reservara todo um pavilhão da praça. O brilho novo dos calçados lhes foi usurpado pela cobiça industrial.

Consegui brechar: o busto de Vidal de Negreiros livrou-se da enorme base de cimento, feita para lançamento de foguetes a pretexto de servir de pedestal para o fundador da nacionalidade brasileira. Há quatro ou cinco mil anos, pedestal tem sido suporte de pedra ou mármore para uma escultura, um objeto de arte com o qual deve se harmonizar. Faltava esse liame da escultura com a monstruosa plataforma de cimento a contrastar com a delicadeza do pequeno busto do nosso herói maior. Para Barbosa Lima Sobrinho deve-se a ele, a Vidal de Negreiros, a união cívica das três raças forjada nos Guararapes. O velho Varnhagen não diz por menos.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042

Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

GESTÃO PREVIDENCIÁRIA

PBPrev identifica 751 óbitos e economiza R\$ 3,6 milhões

Cruzamento de dados de cartórios possibilitou suspensão de benefícios

Anderson Lima
 Especial para A União

A Paraíba Previdência (PBPrev) – responsável pela gestão do regime de previdência dos servidores públicos do estado da Paraíba – identificou 751 óbitos de beneficiários no primeiro semestre deste ano, o que resultou no bloqueio de pagamentos e economia de R\$ 3,6 milhões aos cofres públicos. O número representa 86,62% do verificado no ano passado, quando 867 benefícios foram suspensos e R\$ 2,9 milhões poupados.

Desde 2022, a autarquia utiliza o Sistema Nacional de Informações de Registro Civil (Sirc) para o controle de mortes e, conseqüentemente, de fraudes. A plataforma digital conecta dados de cartórios. A medida evita que vencimentos continuem a ser depositados na conta bancária do beneficiário.



Fotos: Divulgação/PBPrev

Paraíba Previdência utiliza o Sistema Nacional de Informações de Registro Civil desde 2022

O presidente da PBPrev, José Antonio Coelho Cavalcanti, ressalta que a gestão correta dos óbitos é essencial para evitar prejuízos aos regimes previdenciários. Ele afirma que, muitas vezes, a comunicação do falecimento e a entrega da documentação necessária para atualizar os registros não acontecem de maneira imediata.

“Isso pode resultar na continuidade indevida dos pagamentos de aposentadorias e pensões, obrigando a Administração Pública a adotar medidas adicionais para suspender esses pagamentos irregulares”, frisa.

Por lei, os cartórios têm um dia útil para registrar o óbito no Sirc, prazo que pode ser ampliado para cinco dias úteis em localidades sem acesso à internet. Para José Antonio Coelho Cavalcanti, a medida contribui para a transparência e melhor funcionamento da máquina pública.

“A PBPrev reforça seu compromisso com a transparência, com a prevenção de fraudes e com a otimização dos recursos públicos, garantindo um atendimento de qualidade aos seus segurados”, diz.

A autarquia
 A PBPrev foi criada pela

Lei Estadual nº 7.517, de 30 de dezembro de 2003. Vinculada à Secretaria de Estado do Governo, a autarquia tem como competência a gestão do regime próprio de previdência dos servidores públicos efetivos do estado da Paraíba.

A gestão previdenciária envolve as atividades de controle e de arrecadação das contribuições patronal e dos servidores, tendo em vista a concessão, o pagamento e a manutenção das aposentadorias, reformas e pensões por morte devidas aos segurados do regime de previdência.

Objetivo

Medida evita pagamento irregular e reforça compromisso com a transparência, a prevenção de fraudes e a otimização dos recursos públicos

Autarquia organiza prova de vida e Censo

Para garantir a qualidade do atendimento, a PBPrev busca constantemente melhorar seus processos. Segundo José Antonio Coelho Cavalcanti, entre as iniciativas adotadas está a comprovação anual de vida para aposentados e pensionistas, instituída através do Decreto nº 38.877, de 7 de dezembro de 2018. A norma estabelece que os beneficiários precisam realizar essa comprovação junto à instituição financeira contratada pelo Estado no mês do seu aniversário.

O presidente da PBPrev destaca que, sem o procedimento, pagamentos de benefícios podem ser suspen-

sos, mesmo que não haja apresentação de certidão de óbito. José Antonio Coelho Cavalcanti lembra que a prova de vida chegou a ser suspensa em abril de 2020, em razão da pandemia de Covid-19, mas agora volta a ser obrigatória.

“A retomada da prova de vida está prevista para 2024, por meio da plataforma gov.br, do Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos. A Companhia de Processamento de Dados da Paraíba (Codata) está desenvolvendo uma ferramenta para integrar os dados dos segu-

rados ao portal nacional, e espera-se que o procedimento seja retomado ainda neste ano”, explica.

Revisão de informações

De acordo com José Antonio Coelho Cavalcanti, a PBPrev também planeja iniciar um Censo Cadastral Funcional e Financeiro em 2024, com o objetivo de atualizar toda a base de dados do Regime Próprio de Previdência Social, abrangendo servidores ativos, inativos, militares reformados e pensionistas.

“A Secretaria de Administração do Estado está

conduzindo o processo para contratar uma empresa especializada para o recenseamento, com a expectativa de economizar cerca de 3% da nossa folha de pagamento aos cofres públicos”, destaca.

Saiba Mais

Números da PBPrev:

- Aposentados da administração direta e indireta: 40.593
- Pensionistas: 12.746
- Total da folha do mês passado: R\$ 282 milhões



Presidente da autarquia defende a atualização da base de dados do Regime de Previdência

“

Estado vai contratar empresa para o recenseamento, com a expectativa de economizar 3% da nossa folha

José Antonio Coelho Cavalcanti

UN Informe

DA REDAÇÃO

ESTADO FAZ 161 SOLICITAÇÕES NA ÁREA DE SAÚDE EM PACTO PELA RETOMADA DE OBRAS INACABADAS

Agora está mais prático e rápido para os gestores preencherem a documentação para a retomada ou reativação de obras da saúde em seus estados e municípios. Alguns itens, entre laudos, atestados e certidões de conclusão de obras, deixaram de ser exigidos, neste momento, pelo Ministério da Saúde. Gestores têm até o próximo dia 23 para anexar a documentação exigida, que é simples e tem modelos fornecidos pelo próprio Ministério da Saúde. De acordo com os dados do InvestSUS, das 3.585 solicitações de retomada de obras, 2.099 ainda não foram concluídas por falta de envio de documentação. Na Paraíba, foram feitas 161 solicitações, sendo que 93 apresentarão documentação até o fim do prazo. Após a apresentação e análise dos documentos, os entes poderão ser convocados para assinatura dos Termos de Repactuação ou terão as obras reativadas no sistema. O Pacto Nacional pela Retomada de Obras Inacabadas, sancionado em novembro de 2023, tem como objetivo fornecer aos entes federativos melhores condições para a conclusão das obras paralisadas ou inacabadas. A iniciativa afeta diretamente diversas frentes: para a população, ele simboliza a retomada e conclusão de obras essenciais para o atendimento de qualidade em saúde; para os gestores públicos, esse pacto oferece uma oportunidade única de revisitar e concluir projetos que, por variados motivos, foram interrompidos. O programa do Ministério da Saúde faz parte do Pacto Nacional e investirá cerca de R\$ 500 milhões em mais de 3,5 mil obras que poderão ser retomadas ou reativadas. “O Governo Federal deve reconhecer os serviços e dar aporte. Nós vamos avançar nisso, de maneira a integrar todo o SUS”, conclui a ministra da Saúde, Nísia Trindade.

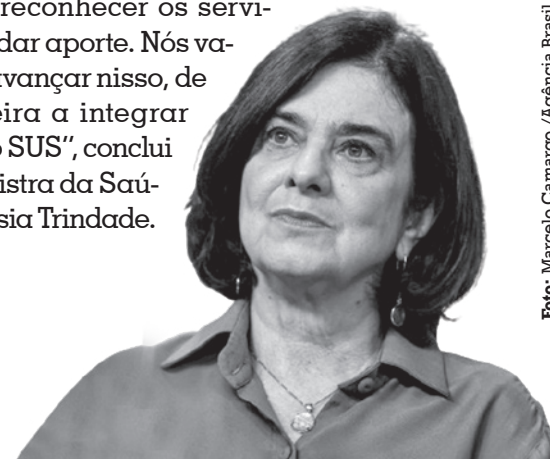


Foto: Marcelo Camargo / Agência Brasil

VISITAS TÉCNICAS

O novo procurador-geral do Estado, Fábio Brito, buscou, na semana passada, visitar os diversos órgãos e instituições do sistema judiciário paraibano. Na terça-feira (16), esteve no TCE-PB, com o presidente Nominando Diniz, e, na quarta-feira (17), foi recebido pelo presidente do TJPB, João Benedito da Silva. Na quinta-feira (18), visitou o TRE-PB, a OAB e a Defensoria Pública.

NOMINANDO VISITA OBRAS

O prefeito em exercício de João Pessoa, Nominando Diniz, inspecionou, na última sexta-feira (19), o andamento das obras do Parque das Três Ruas, nos Bancários, que tem 97% do cronograma já executado, e a requalificação do Convento São Frei Pedro Gonçalves (Conventinho), no Centro Histórico. Ele destacou a qualidade das intervenções e dos serviços que serão ofertados à população.

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Centro de Tecnologias Estratégicas do Nordeste (Cetene) promoveu, na última sexta-feira (19), o seminário “Mudanças climáticas e seus impactos no Nordeste: desafios e perspectivas para a região”. O evento teve a parceria da Academia Pernambucana de Ciências e abordou temas como vulnerabilidades climáticas, previsibilidade de fenômenos, educação ambiental e financiamento climático.

SEGURANÇA VIÁRIA

A Polícia Rodoviária Federal (PRF) na Paraíba promoveu, na semana passada, o 1º Seminário de Segurança Viária, reunindo mais de 400 participantes, entre autoridades, profissionais da área e sociedade civil. O evento, que celebrou os 96 anos da PRF, teve como objetivo fortalecer a discussão sobre a segurança no trânsito e promover a integração entre os diversos atores envolvidos em todo o estado da Paraíba.

SUDENE DIVULGA NOVA LISTA DE PARTICIPANTES DO INOVA MULHER

A Sudene divulgou, na última sexta-feira (19), o resultado da primeira interposição de recursos do Programa Inova Mulher, que classificou 30 empreendimentos, com atuação nos campos de biotecnologia, educação, tecnologia da informação, gastronomia, comunicação, agricultura, gestão de resíduos sólidos, entre outros. Foram contemplados projetos da Paraíba e dos estados de Bahia, Ceará, Maranhão, Minas Gerais, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Norte.

Foto: Carlos Rodrigo



Astier Basílio

Jornalista e mestre em Ensino da Literatura Russa

“Falta de liberdade é um traço de formação na Rússia”

Ex-repórter de *A União* fala da sua vida e pontos de vista enquanto imigrante brasileiro na terra de Maiakóvski

João Pedro Ramalho
joaoprimalhom@gmail.com

O poeta e jornalista Astier Basílio nasceu em Pernambuco, mas viveu a maior parte de sua vida em Campina Grande. Profissionalmente, foi repórter de diversos periódicos do estado, incluindo o *Jornal A União*, no qual também publicou críticas literárias. Já a poesia o acompanha desde os 14 anos, por influência da família, cheia de cordelistas e repentistas. Nos últimos sete anos, porém, seu endereço mudou. O autodeclarado paraibano viajou para a Rússia, onde se tornou mestre em Ensino da Literatura Russa e, atualmente, cursa o doutorado. De lá, também vem seu projeto mais recente: a tradução do livro “, Eu! + Todos os Poemas Anteriores”, do poeta Vladimir Maiakóvski, lançado, neste mês, na Paraíba. Em entrevista ao *Jornal A União*, Astier conta como é a rotina na Rússia, sua relação com o idioma e comenta a forma como os brasileiros veem o país — e como eles nos veem.

A entrevista

■ *O que o levou para a Rússia?*

A ida para a Rússia foi para realinhar a minha posição profissional. Eu imaginei que, se eu soubesse o idioma russo, isso ampliaria as minhas possibilidades de trabalho, seja na área acadêmica, seja na área da própria literatura como tradutor e como jornalista também. Então, o impulso principal foi de fazer um rearranjo, um reposicionamento da carreira.

■ *Como sua carreira estava antes, então, e de que maneira pensou nesse reposicionamento?*

Antes, eu estava em uma situação angustiante. Eu sou um jornalista de impresso, predominantemente, e imaginava que não tinha mais perspectiva. Agora, eu já estou conseguindo me posicionar e me apresentar como tradutor. Além do livro de Maiakóvski, também recebi convite de outras editoras e assinei meu primeiro contrato como tradutor. Como jornalista, cheguei a dar entrevistas para grandes veículos, como a CBN Nacional, e escrevi para as revistas *Veja* e *Piauí*, em função de estar na Rússia e ter adquirido esse conhecimento. Escrevi também, durante um período, para o Estado da Arte, suplemento de cultura do jornal *O Estado de S. Paulo*, na plataforma digital. Ainda não cheguei aonde eu quero, mas posso dizer que alguma coisa se modificou.

■ *Não deu para não notar sua camisa [a sigla СССР, no alfabeto russo, simboliza a extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas]. Existiu alguma afinidade política, nessa ida para a Rússia, em relação à história da União Soviética?*

A União Soviética chega para nós muito pelo prisma político, mas, para a Rússia, é muito ampla. Ela quer dizer um modo de vida, uma forma de ver o mundo, em que a política é apenas um componente, mas não o material definidor. Na verdade, quando eu fui para a Rússia, tinha alguns pensamentos anticomunistas. Mas comecei a analisar a história dos revolucionários brasileiros e cheguei à conclusão de que a Revolução Russa foi a grande matriz inspiradora dos movimentos revolucionários no mundo, porque foi a primeira revolução a se configurar em um governo e estado. E eu me dei conta, estu-

ando depois do momento em que eu comecei a falar russo. Então, quando eu falava os outros idiomas, limitava o meu alcance de compreensão e de conhecimento. Quando comecei a falar russo e a ter contato com as pessoas — todas elas —, a minha imersão e a minha percepção se potencializaram de forma ampla. Porque uma coisa é você falar com quem fala inglês, as duas pessoas não se comunicam na sua língua nativa; outra é sair na rua e entender uma briga, uma palavra de carinho, o mundo ao seu redor. Assim, a partir de um ano e meio após ter chegado, já comecei a me comunicar, a travar conversações com as pessoas que me abordavam, e isso fez toda a diferença.

■ *Você já tinha um contato com a língua antes de sair daqui? Como foi para aprender russo?*

Foi difícil aprender. Eu fiz cursos pagos, em aulas de segunda a quinta-feira, das 9h às 15h. Era uma carga muito intensa de aulas, e, em Moscou, poucas pessoas falavam inglês, então eu era o tempo todo forçado a me comunicar em russo. Eu fiquei um ano e meio fazendo esses cursos pagos, no Instituto Pushkin, e o que intensificou ainda mais o aprendizado foi que, na sequência, passei na seleção do mestrado, que me deu um ano letivo para estudar só a língua. Depois, eu comecei a ter as aulas com os outros russos, o que foi muito difícil, porque o curso era para eles. Era um mestrado em Ensino de Literatura Russa para Estrangeiros, no Instituto Estatal Pushkin, de Moscou. Nesse período, contei com muita ajuda dos colegas para tirar dúvidas em relação aos assuntos e descobri uma quantidade absurda de escritores que não são tão conhecidos aqui, de diferentes tendências, e sobre quem eu nunca tinha ouvido falar na minha vida. Isso foi, para mim, o mais difícil na época do mestrado; até cheguei a pensar em desistir, mas consegui obter apoio para me manter e terminar o curso. Lá, aliás, eles têm uma distinção: quando o aluno obtém as notas maiores, recebe um diploma vermelho, enquanto os demais, que não conseguem obter uma regularidade alta nas notas, recebem o diploma azul. Eu tive diploma vermelho e ainda fui escolhido como a segunda melhor dissertação do meu grupo. Esse foi o resultado de ter perseverado, mesmo achando muito difícil inicialmente. Agora, eu estou fazendo o doutorado, também em Literatura Russa, só que no Instituto de Literatura Maksim Gorki.

■ *Ao longo desses sete anos, como tem sido a sua rotina?*

Vida de estudante. E, como eu comecei a traduzir também, acordo de manhã e tenho as traduções para fazer. Tenho uma coluna no *Jornal A União* aos sábados, então, toda semana eu fico pensando “o que eu vou traduzir dessa vez?”, e não posso começar a me preparar só na quinta-feira. Essa coluna já tem dois anos e me ajudou muito em um projeto, uma antologia de poesia russa, que vai abranger desde o Moder-

nismo, na década de 1890, até o fim da União Soviética, em 1991. Além disso, quando vim para o Brasil, apareceram alguns trabalhos. Por exemplo, tem um livro que eu estou produzindo, ao qual dedico pelo menos duas horas; também estou preparando o livro de outro poeta, Ossip Mandelstam, contemporâneo de Maiakóvski; e estou traduzindo um romance distópico, chamado “Nós”, do escritor Evguêni Zamiátin. Além disso, Moscou é uma cidade que oferece muitas opções de cultura, e eu participo das atividades literárias da cidade. Já cheguei a ser jurado de um festival de poesia e fui convidado para participar, em setembro, do Festival de Literatura BRICS, em Cazã, como representante do Brasil.

■ *Para além da barreira do idioma, que outras dificuldades um brasileiro pode enfrentar na Rússia?*

Dificuldades culturais. Tem que entender muitos códigos que não estão presentes nos livros didáticos. Por exemplo, nós costumamos nos referir às pessoas com as quais temos certa relação de reverência usando o sobrenome. Eles não entendem isso como uma forma aceitável; é como se fosse uma coisa muito rude tratar alguém pelo sobrenome. Então, na Rússia, como devemos nos referir a alguém que respeitamos? A estrutura do nome deles já é bem definida: nome, patronímico [nome derivado do nome do pai] e sobrenome. Nesse caso, você chama pelo nome e pelo patronímico. Há também uma série de rituais à mesa. As pessoas se sentam, o dono da casa faz o primeiro brinde, e todo mundo é convocado também para brindar; isso, claro, nas relações com mais intimidade. Existem questões de etiqueta que são assimiladas à medida que vai se errando. Às vezes, você não entende e comete gafes por conta desses códigos que não são escritos, mas que regem a vida.

■ *Existe uma ideia, que pode ser uma visão ocidental sobre a Rússia, de que eles são um país de menor liberdade, além das polêmicas envolvendo os direitos sexuais e das populações LGBTQIAPN+. Como é viver isso lá?*

Olha, a liberdade é uma questão central para eles. Na Rússia, nunca teve liberdade, pela percepção ocidental — nem na época do Império Russo, nem na União Soviética, nem agora. Essa liberdade como a gente tem não existe e provavelmente não vai existir. E é uma questão que eles discutem muito, a literatura está cheia disso. Existem dois termos em relação a isso, que são “svoboda” e “volliya”, que se referem àquilo de que você tem vontade, mas não tem liberdade. Demandaria uma grande exposição para falar a respeito, mas, basicamente, a falta de liberdade é um traço de formação. E, com relação à sexualidade, uma grande diferença que eu percebi é que eles são muito reservados para falar da vida íntima. Não só os homossexuais, mas os próprios heterossexuais também. A cultura deles restringe muito falar da vida pessoal e demonstração pública de carinho. Ser *gay*, na União So-

viética, era difícil e passível de punição legal, e, na Rússia, também o é. Por outro lado, se olharmos a história da cultura e da literatura, encontramos vários *gays* importantes. Tchaikovski era *gay*, Mikhail Kuzmin também, a poeta Sophia Parnok era lésbica, e a própria Marina Tsvetaeva era bissexual. Então, existe muito esse pensamento de que você pode ter sua sexualidade, mas não é aceitável que qualquer pessoa fale de sua vida sexual e milite em função disso. Na verdade, eu já cheguei a ver beijo *gay* em Moscou, mas não é a mesma coisa em relação ao Ocidente, porque nada é igual em relação ao Ocidente. Tudo é muito diferente. A própria ideia que a gente tem de divisão política entre esquerda e direita não existe lá.

■ *E como é essa divisão política?*

Ela vem desde tempos imemoriais da formação da Rússia. Eu imagino que a dicotomia russa precede a dicotomia ocidental entre direita e esquerda, porque eles se dividem entre dois polos. De um lado, os ocidentalistas, que imaginam que o Ocidente deve servir de exemplo. O pensamento é: “nós temos que mudar, não estamos completamente corretos, e temos que nos ajustar ao Ocidente”. Já seus oponentes dizem: “não, nós temos que nos conduzir pelas nossas tradições”. É possível encontrar referências a isso em vários episódios da história russa, na época do Império, na época da União Soviética e hoje em dia.

■ *Qual é sua percepção da forma como a Rússia vê o Brasil?*

A calça branca é, para eles, um símbolo do Brasil, além, evidentemente, do carnaval e do futebol. Mas, tem algumas acepções deles em relação ao nosso país que ninguém imagina. Primeiro, existe um livro, dos autores Iliá Ilf e Evguêni Petrov, cujo personagem, Ôstap Bender, é uma espécie de João Grilo. Ele é um grande trambiqueiro e tem o sonho de ir para o Rio de Janeiro. Também foi feita uma peça de teatro britânica, chamada “Olá, eu sou sua tia!”, que é sobre um trambiqueiro que se disfarça de Dona Rosa para pegar uma herança. Essa comédia foi adaptada para o cinema e é uma das grandes referências sobre o Brasil, porque essa personagem, Dona Rosa, dizia: “Eu vim do Brasil, onde tem muitos macacos selvagens”. Há também aquela coisa do *latin lover*, por conta das novelas, de que o homem brasileiro seria fogoso.

■ *E o que esses anos na Rússia te trouxeram de maior aprendizado?*

Entender o papel da Literatura e do poeta. Na tradição deles, o poeta é alguém que desempenha um papel muito importante, e eu não consegui, depois disso, olhar para mim de uma maneira diferente. Por isso, escrevo poesias e me coloco como poeta no mundo e na cultura brasileira da mesma forma como eles reverenciam a figura do poeta, que é um profeta, alguém que tem uma missão importante a ser desempenhada.

MEMÓRIA

Praças históricas pedem cuidados em João Pessoa

Antigos palcos de movimentos políticos e importantes festas públicas, equipamentos apresentam problemas

Emerson da Cunha
emersonsousa@gmail.com

No Centro de João Pessoa, as praças históricas funcionam como pontes entre a correria do cotidiano e as memórias afetivas de quem vive nessa cidade. Tombadas como Patrimônio Histórico Material, elas testemunham as mudanças já vividas pela velha cidade, mostram a importância do espaço público e ajudam a entender como se formou o que hoje conhecemos como a capital da Paraíba.

Segundo o historiador José Octávio de Arruda Mello, as praças eram os principais lugares das cidades — inclusive,

algumas delas, como Guarabira, tiveram origem a partir de praças. “Não são apenas lugares de recreação, mas também de ordenamento urbano. Quando as diversões começaram a se modificar, as praças históricas foram perdendo o seu significado. No lugar delas, apareceram os cinemas e os circos”, diz.

Hoje, não há mais cinemas de rua, e os circos, que ainda resistem, armam seus picadeiros longe da região central. Mas as praças não voltaram ao seu antigo papel. Palco de movimentos políticos e festas públicas do passado, essas peças urbanísticas sofrem, atualmente, com pro-

blemas de manutenção.

Para verificar essa situação in loco, a equipe do Jornal **A União** visitou cinco delas: Praça da Independência, tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep), em 1980; Praça João Pessoa; Praça Venâncio Neiva (conhecida pelo Pavilhão do Chá); Praça Pedro Américo (em frente ao Theatro Santa Roza); e Praça Aristides Lobo — as duas últimas, pertencentes à poligonal do Centro Histórico, tombado desde 1982 pelo Iphaep e, desde 2009, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).



Na Praça João Pessoa, bancos, monumentos e canteiros de plantas demandam manutenção

Fotos: Evandro Pereira

Nicho de lambe-lambes do passado

Outras duas praças históricas chamam atenção por, aparentemente, ocuparem o mesmo espaço: a Pedro Américo e a Aristides Lobo, localizadas entre o Theatro Santa Roza e o Grupo Escolar Thomaz Mindello, sede do Centro Estadual de Arte da Paraíba (Cearte). Segundo Mello, na Praça Pedro Américo, os coretos ficavam em frente ao teatro, mas foram der-

rubados porque perderam a importância.

Já no caso da Aristides Lobo, o papel político e cultural dos coretos era garantido pela escadaria central. “Ela servia para manifestações políticas. Chegou a contar com a presença de autoridades como Getúlio Vargas e Plínio Salgado. Também era nesse espaço que ficava o pessoal do lambe-lambe. Era uma pra-

ça animada, cheia de barracas de refresco”, diz Mello.

Anteriormente, a estrutura que hoje abriga o Quartel do Comando Geral da Paraíba cumpriu outras funções. “O quartel que divide as duas praças já foi o Palácio das Secretarias, construído por João Pessoa. Depois, abrigou a Assembleia Legislativa. Por fim, a Polícia Militar o ocupou, por volta de 1958”, conclui.



Floricultura da Praça da Independência também funcionava como palanque público

Gestão depende de ação contínua

A gestão das quase 200 praças da capital é da Secretaria de Desenvolvimento e Controle Urbano (Sedurb) — menos daquelas adotadas por empresas, responsáveis pelo seu manejo. No caso das praças tombadas, ou que se encontram no eixo de preservação histórica do Iphan e do Iphaep, é a prefeitura quem planeja e executa, mas cabe a essas duas instituições dar autorização para que as atividades de manutenção e reforma aconteçam.

Características

O arquiteto e urbanista Orlando Cavalcante, do Iphan, reforça que a insti-

tuição preza pela leitura da paisagem. “A gente entende os estilos de cada praça, preserva monumentos, mas a leitura espacial tem que ser protegida. Temos edifícios ao redor, a praça não funciona sozinha; ela compõe o cenário todo”, diz. No caso das praças dentro da poligonal do Centro Histórico, ele orienta que a identidade visual do ambiente deva ser mantida, assim como os seus elementos iniciais, vegetação e traçado.

O Iphaep, órgão estadual, faz um acompanhamento ainda mais aproximado e rigoroso das praças. “A gente tenta, ao máximo, manter as características

originais da praça”, explica a coordenadora de Arquitetura e Ecologia do Iphaep, Katharina Ayres. Segundo ela, pintura, tipo de piso, vegetação e iluminação, entre outros, só são substituídos quando não existe reposição do original.

Zeladoria

Questionada sobre os problemas de manutenção das praças históricas visitadas, a Sedurb informou que as praças são alvo de manutenção e zeladoria todas as semanas, conforme cronograma da secretaria elaborado de acordo com a necessidade e solicitação da população.

Ponto de encontro dos pessoenses

Segundo José Octávio, o que agregava essas diferentes praças era a presença dos coretos, onde se realizavam retretas (apresentações de bandas de música) e se passava a vida social da capital. Desse espaços de cultura, sobrevivem o da Praça da Independência, que é uma floricultura, e o da Praça Venâncio Neiva, que virou um mictório. Ambos são tombados pelo Iphaep, desde 1980.

“Esses coretos eram utilizados, sobretudo, pela classe média alta, que ali recreava.

Era o chamado ‘bem-me-quer’, com a banda tocando em cima e o pessoal passeando embaixo. As moças para lá e para cá e os rapazes perto das calçadas. Às 21h, como num passe de mágica, essas manifestações se encerravam”, relata.

Na Praça Venâncio Neiva, ficava o coreto mais representativo, porque dele se avistava o Rio Sanhauá, com um túnel de passagem da praça para uma das principais avenidas da época, a General Osório. Segundo ele conta, a

frente do atual Palácio do Governo dava para essa praça. “O ‘bem-me-quer’ era na Venâncio Neiva, mas foi para a João Pessoa quando o palácio mudou a sua frente”, explica Mello.

O Pavilhão do Chá, nessa mesma praça, foi iniciado por João Pessoa e concluído por Antenor Navarro, em 1932. O equipamento pretendia “subir” o Centro, ainda muito vinculado ao Porto do Capim e ao Rio Sanhauá. O hotel principal deixou de ser o Hotel Globo e passou a ser o Paraíba Hotel.

Feita para o Centenário da República

Um dos mitos em relação à Praça da Independência é o de que seu desenho seria do reconhecido paisagista brasileiro Burlle Marx, o que é desmentido por Mello. “Ele cogitou planos para a praça, mas isso nunca foi concretizado”, conta. A praça foi construída em 1922, sob o centenário da

Proclamação da Independência, cujo símbolo é o obelisco central. Mas, contraditoriamente, seu desenho final fazia referência à bandeira inglesa, símbolo de libertação, à época.

O terreno da praça pertencia à família do então prefeito Walfredo Guedes Pe-

reira, de Bananeiras, cedido com reserva de domínio. “Ficou consagrado que ali seria uma praça. Se desviassem a destinação, o terreno voltaria para a família. Isso salvou a praça, pois quiseram colocar um campo de futebol e um estacionamento de circos ali”, diz ele.

Comerciantes do Centro reclamam

O comerciante José Paulo, que atua há cerca de três anos na Praça João Pessoa, das 5h às 11h, lastima o mau costume de transeuntes que jogam lixo no chão. “Aqui é o centro, o coração da cidade. Está com muito lixo, mesmo”, reclama o comerciante. Além da sujeira que populares provocam, diariamente, ele diz que falta manutenção do monumento central — conjunto escultórico tombado em 2002, pelo Iphaep —, dos bancos e do jardim.

Na Venâncio Neiva, a queixa é sobre a existência de ponto de drogas. “Muitos usuários de drogas frequentam o lugar. Às 18h, tudo ‘morre’, aqui, observa Scarlett da Silva, frequentadora do lo-

cal. Além do próprio Pavilhão do Chá, que se encontra desativado, há ainda desniveis no calçamento, banheiros insalubres e sujeira que transeuntes espalham.

Na Praça Aristides Lobo, Manoel Antonio é o último lambe-lambe da região, repetindo o ofício do pai — que foi o primeiro a oferecer esse serviço nesse espaço, onde permaneceu por 60 anos. “Faltam jardim e bancos e trazer o comércio para cá novamente”, sugere. E lamenta: “Não tem movimento. Nos anos 1970 e 1980, havia umas 30 máquinas, cada uma fazendo retratos de 20 a 30 pesos”, conta.

Ao redor, vândalos pi-

charam monumentos, antiga preocupação da prefeitura, e alguns não foram recolocados, como o do poeta Caixa D’Água.

Na Praça da Independência, beleza é o que não falta, mas também há alguns problemas pontuais, como uma grande armação derrubada, que impede uma das passagens nas alças da praça; a floricultura do coreto continua funcionando, mas fiação caída gera riscos para pedestres, e o elevador que garante acessibilidade ao coreto está sem funcionar; frequentadores sugerem a colocação de placas informativas sobre detalhes arquitetônicos e históricos da praça.

AGRICULTURA FAMILIAR

Setor põe a mesa de 50% da Paraíba

*Produção preserva solo e águas, fomenta economias locais e leva alimento a todas as cidades do estado*Emerson da Cunha
emersonsousa@gmail.com

Foto: Leonardo Ariel

Alguma vez você já ouviu a frase “Se o campo não roça, a cidade não almoça”? Ou, em outra versão: “Se o campo não planta, a cidade não janta”? Quem é da cidade, pode, de início, fazer cara de interrogação, mas depois vai entender. Para os que vivem no campo, no entanto, essas frases são a realidade do seu dia a dia. Especialmente para quem está entre os 260 mil agricultores familiares da Paraíba. É a produção dessas pessoas que leva comida à mesa de metade de toda a população do estado, diariamente.

Segundo dados da Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer), entre os milhares de produtores e produtoras familiares do estado, há 30.126 mulheres e 11.395 jovens. A produção é realizada em cerca de 125.500 estabelecimentos rurais, o que resulta um total de 1,4 milhão de hectare. Ainda de acordo com o órgão, nossas principais produções são feijão, milho, mandioca, macaxeira, hortaliças, abóbora, fava, arroz vermelho, frutíferas perenes (acerola, cajá, umbu, caju etc) e abacaxi, além da criação de aves caipira e de capoeira (carne e ovos), suínos, bovino de corte e de leite, caprinocultura para leite e corte, ovinos e piscicultura.

“A agricultura familiar é a base de tudo. Sem ela, não apenas a população paraibana, mas a de todo o planeta, passaria por dificuldades. Durante a pandemia, ela foi um dos setores que enfrentou bem aquele período, porque produziu alimento para toda a nossa gente”, diz Bivar de Sousa Duda, secretário-executivo da Agricultura Familiar e Desenvolvimento do Semiárido (Seafds).

Ele explica a importância econômica da produção da agricultura familiar, especialmente para a população em contexto local, pois o agronegócio produz para exportar, enquanto a agricultura familiar produz para vender à comunidade, ao município, ao estado — ao país, em suma. “Do ponto de vista

A agricultura familiar é a base de tudo. Sem ela, não apenas a população paraibana, mas a de todo o planeta, passaria por dificuldades

Bivar de Sousa Duda

econômico, o dinheiro circula quase 99% dentro do próprio município. O pessoal vai à feira livre e ali vende o seu produto. O dinheiro recebido vai para o comércio da cidade, para pagar as compras do agricultor, ou seja, fica circulando. Mas também esperamos chegar ao ponto em que esses agricultores possam exportar a sua produção”, salienta.

Além disso, ainda conforme o secretário, outros dois importantes fatores da agricultura familiar dizem respeito à saúde da população e à sustentabilidade do meio ambiente. Primeiro porque esses alimentos são produzidos sem o uso de produtos químicos — o que, em longo prazo, fortalece a imunidade das pessoas e diminui a busca por hospitais e tratamentos; depois porque os projetos são pensados a partir de sistemas agroflorestais — ocupação do solo em que árvores são plantadas em manejadas em associação com culturas agrícolas ou forrageiras, propiciando uma barreira vegetal, que protege as plantas contra a ação de ventos fortes.



Foto: Divulgação/Secom-PB



Foto: Evandro Pereira

Da lavoura para as feiras livres das cidades, os alimentos também auxiliam a saúde e a sustentabilidade ambiental

Governo desenvolve vários projetos na área

De acordo com o secretário-executivo, há uma série de projetos desenvolvidos pelo Governo da Paraíba, em parceria com outros órgãos, para fomentar a agricultura familiar na região. Ele cita o PB Rural Sustentável, com a construção de mais de 10 mil cisternas de captação de água, realizado com recursos próprios do estado; o Incluir Paraíba, programa voltado para famílias agricultoras em situação de pobreza extrema ou com renda mensal inferior a R\$ 180 per capita — em especial, mulheres e jovens que recebem, do estado, recursos financeiros de até R\$ 3,5 mil, para a sua produção, e que deverá chegar a seis mil famílias de 107 municípios, até 2026; e o próprio Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), com apoio do

Governo Federal e investimento total de R\$ 11 milhões, por meio do qual o estado compra alimentos da agricultura familiar para o uso em merendas escolares, por exemplo. Além deles, outros dois projetos se destacam no fortalecimento da agricultura familiar no estado: o Projeto Cooperar e o Procase.

Água e tecnologias sociais

O Projeto Cooperar é considerado o maior projeto de cisternas do país. Até 2025, cerca de 12 mil cisternas terão sido construídas para pequenos agricultores. Trata-se de um acordo de empréstimo internacional com o Banco Mundial, no valor de US\$ 80 milhões, iniciado ainda em 2019. Além das cisternas, há ainda sistemas de abastecimento de água completos,

em que a água é captada de locais como açudes, rios ou poços, tratada e levada para a casa dos beneficiários. Na Paraíba, há 23 abastecimentos desse tipo.

“Temos ainda o abastecimento de água singular, aquele em que você tem um poço, mas a vazão dele não é suficiente para chegar até a sua casa, então, a gente coloca um chafariz e a comunidade vai pegar a água, que também é tratada. Também temos os dessalinizadores, pois muitos poços perfurados estão com água salobra, com salinidade acima do permitido pelo Ministério da Saúde. Nesses, a gente instala membranas para dessalinizar a água. Todo esse tratamento é feito com energia solar”, explica

Omar Gama, coordenador-geral do Cooperar.

O projeto ajuda, ainda, com tecnologias sociais desenvolvidas para esse público. Segundo ele, são cinco tipos de tecnologia: capacitação para a criação da galinha caipira, com a construção de um aviário, a entrega de pintinhos e a distribuição, durante um ano, de ração para esses animais, até que a família se empodere dessa tecnologia e a repita automaticamente; o estímulo à criação de caprinos e ovinos — para o qual o projeto compra os animais e os entrega às famílias; a produção de mel de abelha sem ferrão; a palma forrageira para alimentar os animais; e a implantação da energia solar para quem tem uma pequena irrigação.

Procase atuará em todos os municípios

O Procase teve início como Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú, mas deu tão certo que agora está sendo construída sua segunda edição, para os próximos seis anos, voltada para todo o estado da Paraíba — será o Projeto de Desenvolvimento Sustentável da Paraíba (ou Procase II).

Na primeira edição, foram 25 mil famílias atendidas, de 56 municípios. A próxima edição passará a trabalhar com 60 mil famílias, dos 223 municípios. O Procase I foi fruto de cooperação entre o Governo do Estado e o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (Fida). O Procase II, por sua vez, terá, também, o apoio do Banco Inte-

ramericano de Desenvolvimento, totalizando US\$ 105 milhões de aportes dos três entes a serem investidos.

A ideia é que produtores e produtoras rurais, populações tradicionais, LGBTQIA+ e pessoas com deficiência, a partir de encontros com associações e cooperativas, indiquem a prioridade dos investimentos:

produção, infraestrutura, regularização fundiária, vendas, melhoramento técnico e tecnológico. “É um projeto que visa à sustentabilidade ambiental e à melhoria da qualidade de vida daqueles que realmente precisam. Fazemos o mapeamento das famílias, contratamos empresas de assistência técnica e trabalhamos com associações e cooperativas”, explica Nivaldo Magalhães, coordenador do Procase.

Baseado no que foi produzido no Procase I, Nivaldo identifica algumas possíveis ações que podem aparecer entre as demandas das associações e cooperativas na execução do Procase II, nos próximos anos: montagem de cadeias produtivas de abelhas sem ferrão; beneficiamento do algodão colorido, melhoramento genético e certificação; e melhoramento genético de caprinos e ovinos, uma vez que o estado é o maior produtor de leite caprino do Brasil.

Agricultores ainda enfrentam problemas

Segundo Ivanildo Dantas, assessor técnico da Federação dos Trabalhadores Rurais, Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado da Paraíba (Fetag-PB), ainda são muitos os problemas enfrentados pelos pequenos e pequenas produtoras de agricultura familiar no estado. “Nós esperamos que os governantes avancem mais nos incentivos e na inclusão da população rural em políticas públicas de desenvolvimento rural sustentável, com participação livre, social, democrática e sem burocracias”, diz.

Entre os obstáculos que esses trabalham encontram, ele lista: regularização fundiária, pois cerca de 90% dos imóveis rurais com uma área até quatro módulos rurais não têm o registro da propriedade; ausência de

assistência técnica de qualidade, comprometida e contida; soluções para o endividamento rural; estrutura hídrica escassa, em muitas regiões — principalmente para quem vive no Semiárido; habitação precária; e ausência de escolas adaptadas ao campo, como também postos de saúde.

No dia 25 deste mês, celebra-se o Dia Internacional da Agricultura Familiar, instituído pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), em 2014. É um dia para dar visibilidade ao trabalho dos produtores rurais e reconhecer o papel que esses homens e mulheres desempenham no mundo. Todos os dias, faça chuva ou faça sol, eles estão trabalhando na terra para garantir o alimento das pessoas.



Foto: José Marques/Secom-PB

Projeto visa à sustentabilidade ambiental e à melhoria da qualidade de vida dos produtores

ATUAÇÃO APRIMORADA

PMPB consolida doutrina de ensino

Redefinição faz parte de novo modelo adotado pelo Comando de Operações Especiais da Polícia Militar do Estado

Marcella Alencar
 marcella.t.alencar@gmail.com

“Quando se fala em operações especiais, logo vem à cabeça aquele filme ‘Tropa de Elite’, o Bope e a ideia do combate e repressão, principalmente do crime”. Essa é a impressão que o tenente-coronel Wherick Felício, do Comando de Operações Especiais da Polícia Militar (Copesp) vem tentando modificar ao longo deste último ano. O intuito é aproximar o policial militar da população, além de melhorar ainda mais sua atuação. Com uma nova doutrina de ensino e com requalificação de todo o

efetivo da polícia, o Copesp vem desenvolvendo um novo modelo no estado, com a requalificação e por meio de uma nova doutrina de ensino no estado.

É por meio do Copesp que o serviço de operações especiais, anteriormente conhecido como Batalhão de Operações Policiais Especiais, se eleva para também operar no nível estrutural da corporação. Essa estrutura, diferente da presente em outros estados, agrega ao Comando de Operações Especiais funções administrativas, operacionais, de planejamento e de educação, como informou a assessoria da Polícia

Militar da Paraíba (PMPB).

Com essa nova organização, o tenente-coronel Wherick Felício tem a intenção de diminuir o hiato entre população e instituição, além de reorganizar as unidades de ação do Copesp: “Há ainda, por parte da população, esse estigma em relação ao nosso trabalho porque nós trabalhamos também com a repressão”, comentou o comandante do Copesp. “O coronel Sérgio Fonseca e o governador João Azevêdo vêm nos ajudando nessa construção”, explicou.

A nova unidade da PM paraibana completa, no próximo dia 25, um ano de atuação.



Junto às crianças, a Polícia Militar capta um colaborador para o futuro

Fotos: Divulgação/PMPB



João Azevêdo recebeu explicações sobre o funcionamento da nova unidade da Polícia Militar da Paraíba



Bope se formata e melhora a gestão na instituição

Com essa mudança, agora a estrutura do antigo BOPE se formata em batalhões chamados de grupamentos ou departamento. Essa divisão prioriza uma melhora na gestão e nos processos dentro da instituição. São três unidades: Grupamento Especializado de Operações em Área de Caatinga (Geosac); Grupamento de Ações Táticas Especiais (Gate); e o Departamento de Instrução e Ensino Especial da Polícia (Diesp) — órgão de ensino e instrução.

É por meio dessas unidades que boa parte da ação policial ocorre. Elas abrigam três métodos de operações: as ações diretas, que são ações de comando; as ações indiretas, que envolvem a aproximação com a população, a exemplo das ações cívico-sociais; e o reconhecimento operacional, que envolve ir a campo

cheçar os dados passados pelos serviços de investigação das polícias Federal e Civil.

O comandante Wherick enfatiza que existe uma grande importância no trabalho realizado por Aciso, pois ajuda a trazer a população para perto da polícia: “Nós buscamos captar recursos positivos. Quando eu trago uma criança e a faço entender que a polícia é amiga dela, estou captando um colaborador de futuro”.

Grupamento de Ações Táticas

Essa unidade é responsável por atender as ocorrências com reféns, bombas ou terrorismo. Uma das ações importantes realizadas pelo Gate neste mês, de acordo com o tenente-coronel, foi o desarmamento de uma bomba em Cuité, no início deste mês.

CE supervisiona cursos e estágios para as missões

Subordinada ao Copesp e vinculada ao Centro de Educação (CE) da PMPB, essa unidade tem a finalidade de supervisionar e coordenar a condução dos cursos, estágios e instruções correlacionadas às missões do GATE e do Geosac.

De acordo com Wherick, é importante destacar uma ação forte do Diesp, ou seja, requalificar todo o efetivo de radiopatrulhamento da Paraíba. “Passaram pelo curso mais de duas mil pessoas, com ensinamentos de legislação aplicada, de abordagem, entre outros”, explica.

ração de combate pode durar dias e muitas vezes envolve um grande risco: “Ser polícia é igual andar de moto. Você tem que saber onde está pisando. A grande realidade é que ser policial, você está correndo risco. Hoje, o Governo do Estado está investindo bastante em equipamento, seja em armamento, seja em estrutura, para que o policial se sinta mais protegido e motivado para trabalhar”, concluiu.

Equipe de inteligência

O Copesp desenvolve o serviço com orientação da Inteligência da Polícia Militar em conjunto com o serviço de investigação da Polícia Civil e da Polícia Federal: “Nós do Copesp somos a equipe de ‘ponta de lança’ da inteligência, que difere do serviço de investigação, porque nós somos órgão de execução do serviço de inteligência da PM”, disse o comandante da mais nova unidade da corporação, que ressalta a importância dessa ação para a confirmação de dados no campo.

Combate ao narcotráfico

O Copesp vem realizando ações de combate às drogas nas divisas da Paraíba. Na manhã do dia 11 deste mês, um homem foi preso e foram destruídos 180 mil pés de maconha. O comandante comentou ainda que, em alguns casos, a ope-



Nas ações de combate, os grupos especiais utilizam o helicóptero

PM tem grupamento especializado no combate ao crime dentro da Caatinga

Esse grupamento surge com o propósito de combate à insurgência criminal e em áreas conflagradas, além de trabalhar com crimes ligados ao narcotráfico, principalmente nas divisas do estado, conforme explicado por Wherick. Ele disse ainda que há uma legislação que está para ser aprovada para modificar o nome para Grupamento Especial de Operação no Sertão e Ações de Comando (Geosac).

De acordo com o oficial da Polícia Militar, uma das ações importante atualmente do Geosac é a parceria que vem se construindo e se dialogando com a comunidade rural. “Estamos sistematizando e empregando o radiopatrulhamento, como foco no policiamento da comunidade, principalmente com o 6º Batalhão de Cajazeiras e o 14º Batalhão de Sousa”, pontuou.



O grupo age contra a criminalidade em locais de difícil acesso

CAMINHOS DO FRIO

Festival chega à “capital da Serra”

Considerada a cidade mais fria do estado, Solânea estima receber mais de 50 mil pessoas nos sete dias de evento

Sara Gomes
saragomesreporteruniaio@gmail.com

Após passar por Areia, Pilões e Matinhas, a Rota Cultural Caminhos do Frio 2024 se prepara para desembarcar em mais uma cidade do Brejo paraibano. Dessa vez, o destino é Solânea, conhecida como a cidade mais fria da Paraíba, por seu forte turismo religioso e sua produção de chocolate. Estima-se que mais de 50 mil pessoas devem prestigiar, ao todo, os sete dias de programação solanense do festival, que começa amanhã, às 19h.

A cerimônia de abertura, “Memorial de Fé, Arte e Cultura”, ocorrerá no Teatro Municipal Jacob Soares Pereira, reunindo apresentações que prometem enaltecer a cultura popular brasileira sob uma perspectiva erudita, como prega o chamado Movimento Armorial. Criada e difundida pelo escritor, poeta e dramaturgo paraibano Ariano Suassuna, a iniciativa artística é tema da edição deste ano do Caminhos do Frio.

A Banda 26 de Novembro é outro atrativo da noite de estreia do evento cultural, que trará, ainda, grandes clássicos da música nor-

destina, rerepresentados em uma proposta teatralizada, junto à companhia artística Fascinart. Também está prevista, às 21h, a apresentação do grupo local Boi de Reis de Pedra Grande, em homenagem ao Mestre Zé Claudino.

Tradição popular

Para o presidente do Fórum de Turismo do Brejo Paraibano, Jaime Souza, um diferencial na programação de Solânea, em relação às agendas dos outros municípios que integram o festival, é, justamente, a expressão dos grupos culturais. “Solânea é a que mais explora o teatro de rua, ciranda, babau e dança. Das cidades do Caminhos do Frio, é a única que mantém a tradição do Boi de Reis, muito presente no Movimento Armorial”, analisa.

Até o próximo domingo (28), os habitantes e visitantes de Solânea poderão aproveitar as diversas atrações do evento, como shows, oficinas, saraus poéticos e espetáculos teatrais para todas as faixas etárias, além de feira de artesanato, festival gastronômico, exposição de artes plásticas, rodas de diálogo no Café e Prosa e mostra de cinema, com destaque para artistas solanenses.

Memorial preserva legado do “Apóstolo do Nordeste”

O turismo religioso permanece um dos grandes atrativos de Solânea, incluindo a caminhada ao Memorial Santuário do Padre Ibiapina, que celebra o aniversário de sua morte. “Todos os anos, no dia 19 de fevereiro, acontece uma romaria que envolve milhares de pessoas, saindo do Centro de Solânea, a pé, em direção ao Memorial. Mais de 12 mil fiéis comparecem ao evento anualmente, reunindo caravanas da Paraíba, do Rio Grande do Norte e do Ceará”, explica o secretário de Cultura e Turismo da cidade, Tiago Salvador.

José Antônio de Maria Ibiapina foi um padre católico, político, jurista e professor. Como peregrino missionário, ele chegou, em 1866, a Santa Fé — hoje, distrito de Solânea —, local onde decidiu construir uma casa de caridade. Atualmente, o lugar onde funcionava esse abrigo é ocupado pelo santuário em homenagem ao padre, que preserva, além da casa onde ele viveu, um orfanato, uma creche e uma capela. No local, também estão

guardados os restos mortais de Ibiapina, que faleceu em 1883. Chamado de “Apóstolo do Nordeste”, o padre está em processo de beatificação.

Patrimônio

Tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico da Paraíba (Iphaep), a Igreja Matriz de Santo Antônio chama atenção entre as edificações solanenses por sua arquitetura gótica. A construção do principal templo religioso do município, situado em frente à Praça 26 de Novembro, contou, inclusive, com a participação direta da população local.

Além dos empreendimentos culinários e da tradição religiosa, Tiago Salvador aponta o clima ameno de Solânea como mais um atrativo turístico. Para o secretário, o festival Caminhos do Frio é, por isso, uma boa oportunidade para visitar o município — considerado não só a “capital da Serra paraibana”, mas a cidade mais fria do estado —, já que, de junho a julho, a temperatura local oscila entre 19 °C e 14 °C.



A Igreja Matriz de Santo Antônio integra a programação do festival, sediando uma missa especial no próximo dia 27

Peças, filmes e danças para celebrar a PB

Na próxima terça-feira (23), das 8h30 às 14h30, a programação do Caminhos do Frio em Solânea incluirá oficinas de teatro e artesanato, vivência de dança voltada para idosos e os espetáculos de teatro infantis “Vivi, a Baleia Diferente” e “Histórias de Lua e Sol”. Entre os destaques da noite, às 19h, está a apresentação “Música e Poesia Popular: 4ª Noite da Viola”, celebrando o centenário de João Caetano.

Quarta-feira (24) é dia do Festival Gastronômico. Além disso, a partir das 8h, será realizada, no Binário Café, a exposição artística “Recorte temporal: produção do café em Solânea”, seguida de bate-papo. Na hora do almoço, às 12h30, ocorre a apresentação de pratos característicos da culinária solanense, com presença de *chef* renomado, no restaurante Tempero do Brejo.

Às 14h30, além da vivência “Conhecendo o processo de produção de chocolate, do grão à barra”, ministrada por Cibelle Dominciano, haverá a degustação do doce. A produtora local de chocolate, a propósito, é um dos atrativos que integram a ascensão dos equipamentos turísticos gastronômicos em Solânea, de acordo com o secretário de Turismo e Cultura do município, Tiago Salvador, ao lado de cafeterias e restaurantes rurais. “A Di Palude é uma fábrica de chocolate de Solânea que abastece todo o Brejo paraibano. Nosso diferencial são os vários formatos de chocolate, dentro de identidades que enaltecem a cultura da cidade de Solânea, que também tem café próprio, lançado pelo Binário



Manifestação típica da cultura popular, o Boi de Reis também terá espaço na agenda da rota

Café”, destaca.

Ainda estão programados, para o mesmo horário, dois espetáculos teatrais: “O Pavão Misterioso e o Romance da Donzela”, no Teatro Municipal, e “Tem Palhaçaria na Rua”, em uma escola da Zona Rural.

Mostras, missa e mais

Entre as 8h30 e as 14h30 da quinta-feira (25), serão promovidas várias oficinas, incluindo de literatura de cordel, poesia e desenho. A Mostra Cine Solânea, que exibirá cinco curtas-metragens produzidos por cineastas locais, acontece no mesmo horário, no Teatro Municipal. Após as exhibições, será realizado um bate-papo com Natali Toledo, da produtora independente Stairs Filmes, e o cineasta Torquato Joel.

Um dos destaques da sexta-feira (26) é a cerimônia de posse dos conselhos municipais de Cultura e de Turismo de Solânea, às

8h30, com um bate-papo com o secretário de Cultura da Paraíba, Pedro Santos, e o presidente do Fórum de Turismo do Brejo Paraibano, Jaime Souza. Haverá, ainda, no centenário Grêmio Morenense, uma exposição de artes plásticas, com obras de Ronaldo Ferreira e Edson Santos. Arte *naïf*, realismo e outras expressões artísticas compõem o acervo do evento.

Como parte da Rota das Igrejas Criativas, no sábado (27), a Igreja Matriz de Santo Antônio sediará a missa especial “Solânea: Memorial de Fé”, às 19h30. Outra atração do dia é a Trilha Turismo em Solânea, passeio que se inicia na feira livre da cidade (considerada uma das maiores do Nordeste, por sua extensão de 12 mil m²) e segue para o Memorial Santuário do Padre Ibiapina, Pedras Pintadas e o Lajedo Branco, encerrando-se com um pôr do sol encantador em Pedra Grande, co-

munidade da Zona Rural, conhecida pela tradicional manifestação do Boi de Reis.

O 10º Festival de Boi e Porco no Rolete está previsto para o domingo (28), a partir das 9h, com uma programação que oferecerá passeios a cavalo, entretenimento para crianças e música ao vivo, com o autêntico forró pé de serra, no Sítio Barrocas. O último dia do evento também será marcado pelo 6º Campeonato de Estilingue, que começa às 13h, no Sítio Poderosa.

■ Atrações culinárias incluem produção de chocolate e o Festival de Boi e Porco no Rolete



Espaço onde viveu o Padre Ibiapina atrai milhares de fiéis



MÚSICA

Voz suíça do jazz cigano

Cantora Tatiana Eva-Marie conversa com A União sobre seu show hoje, no encerramento do Fimus

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Nascida na Riviera Suíça e morando no Brooklyn, a cantora, autora e atriz Tatiana Eva-Marie, líder da banda Avalon Jazz Band, aporta em Campina Grande para realizar um de seus cinco shows pelo Brasil, em turnê mundial. A atração internacional conversou com exclusividade com A União, contando um pouco sobre sua apresentação, seus projetos, além de revelar um pouco sobre sua história de vida. Tatiana Eva-Marie & Avalon Jazz Band se apresentam hoje, às 20h, no Teatro Municipal de Campina Grande, última atração da série Master do 15º Festival Internacional de Música de Campina Grande, o Fimus.

Na noite de hoje, a cantora trará músicas inspiradas no legado do guitarrista de jazz Django Reinhardt e na cena musical parisiense da década de 1930, com arranjos e letras de sua própria autoria. “Algo cigano, um pouco francês, um pouco de jazz!”, descreve Tatiana. Seu álbum mais recente, *Djangology*, é justo um tributo a Django. O trabalho foi lançado no mês passado e Tatiana adianta que seu próximo projeto se dedicará a um apanhado de músicas antigas da Disney em francês, que será lançado em outubro. Ela diz que sempre tem algumas ideias para um álbum futuro e que sempre quer fazer muitas coisas ao mesmo tempo, sendo difícil ater-se a uma só coisa.

Dona de uma voz suave e super afinada, a cantora surpreende ao afirmar não ser tão apaixonada por música: “Eu realmente não tenho paixão por música, é mais como se a música fizesse parte de quem eu sou. Meus pais são músicos e nunca conheci um estilo de vida que não envolvesse ouvir e tocar muita música. Há respiração, caminhada, alimentação e música... a música é uma necessidade básica. Curiosamente, meu instrumento favorito é o piano, embora eu não o use com muita frequência”. Para Tatiana, existe alguma coisa mágica na comunhão musical entre uma voz e um piano, dueto cuja única finalidade seria contar uma história, sua maneira favorita de cantar.

Vida cigana

Nas últimas terça (16) e quarta-feira (17), a cantora esteve em Buenos Aires, em shows no Bebop Club. A cidade pareceu muito bonita, tanto que ela sentiu-se como se estivesse em plena Paris. Dotado de um público muito atencioso, nos termos de Tatiana, o Bebop Club marcou sua repentina e breve passagem pela Argentina como um lugar maravilhoso para fazer música.

Quanto ao Brasil, Tatiana acha um pouco mais complicado. “Fiquei quatro dias em Buenos Aires, então foi como se tirasse férias curtas. No Brasil, estamos mudando de cidade todos os dias e temos voos muito cedo, o que significa que não acho que terei mui-

to tempo para explorar... Isso pode ser frustrante às vezes. Depois vou descansar alguns dias na Suíça e recomeçar pela Sardenha, Reino Unido, Áustria, Alemanha, Estados Unidos e Turquia”.

Moradora do Brooklyn, Tatiana costuma se apresentar nos principais clubes de Nova York. Para ela, é sempre divertido se apresentar no lugar onde mora, o que se compara a uma verdadeira festa. “Você vê os mesmos rostos, seus amigos, frequentadores regulares que te seguem, todos na mesma sala. É como cantar para amigos em casa”.

Apresentada à música muito cedo, desde os quatro anos de idade, Eva-Marie teve no pai um grande incentivador na seara musical. “Meu pai tinha um amigo chamado Henri Dès que era bastante famoso como cantor infantil, e ele precisava de uma criança para cantar alguns duetos em inglês. Meu pai me sugeriu e eu entrei em estúdio e gravei. Para mim foi a coisa mais natural do mundo”, lembra a cantora.

A cantora adoraria fazer um dueto com o comediante Bob Hope (1903-2003), caso ele ainda estivesse vivo, já que cantava com imensa ternura pela vida, na sua opinião. Ela conta ainda que é uma grande fã do diretor de cinema Robert Eggers e adoraria desempenhar um papel em um de seus filmes. “Num domínio mais realista, a pessoa com quem eu queria fazer música agora é o pianista Jeremy Corren, com quem

gravei um álbum duo há alguns anos. Nunca fizemos nenhum show juntos, só tocamos em festas para nos divertir. Quando tocamos, algo absolutamente mágico acontece. Eu realmente quero sair em turnê e levar essa magia para o público”, destaca Eva-Marie.

As paixões de Tatiana

Enxergando a música por um prisma complexo, suas influências são múltiplas. Segundo ela, qualquer pessoa que seja muito boa em contar uma história, a exemplo de personalidades — como Juliette Greco, Marilyn Monroe, Frank Sinatra, Charles Trenet e a jovem Dalila, bem como o bêbado de um bar, ou Henry Miller, Doisneau, Billy Wilder, os musicais a que assistiu, seus pais Anca e Louis, a mentora de teatro Jacqueline, e muitos dos ciganos russos frequentados por ela em Paris — constituem fonte de inspiração para o seu trabalho. Ela chega aos limites da extrapolação: “Eu também estive me perguntando recentemente se talvez eu seja minha principal influência”.

Ela adora música acústica, sobretudo aquelas que trabalham manifestações folclóricas e tradições culturais, em expressões que não pretendem ser inovadoras, mas que servem a um propósito específico, tal como contar uma história ou fazer as pessoas dançarem. Sobre tais predileções, ela recomenda Bobby Short para ouvir histórias e Django para uma dança. Não gosta de nada que seja pre-

tensiosamente autoindulgente e diz que odeia, acima de tudo, a música feita com o único intuito de impressionar.

Apesar de negar sua paixão, Tatiana escuta música todos os dias, exceto quando está muito a fim de ler um livro. E diz que adora ouvir música enquanto cozinha, ou quando está viajando de avião, ou quando as luzes estão baixas e está tomando coquetéis com um homem bonito, ou quando enfeita uma árvore de Natal. “Gosto de imaginar trilhas sonoras para minha vida, por mais que eu goste de fazer *playlists* para minhas festas”.

A respeito de suas apresentações, ela considera que não possui expectativas, apenas uma vontade imensa de fazer música em solo brasileiro. “Nunca estive no Brasil. Só sei que adoro a música! Eu estou muito animada para trazer minha cultura para o país e compartilhar minha música”, declara.

Tatiana Eva-Marie, revelação da música internacional contemporânea, se vê como uma criança criada em um mundo que não

combina com ela, afirmando que todas as coisas que faz são hilárias e parecem fora do lugar, porém dotadas de muita sinceridade. “Ela é ridícula, ela é histriônica, ela é sincera em cada palavra, ela é simples, ela quer sempre fazer o que é certo, ela quer amar, ela é um touro em uma loja de porcelana, ela diz as coisas erradas pensando que são as coisas certas, ela é inteligente e ingênua, ela é forte e frágil, ferozmente independente e absolutamente exausta. Ela dá tudo o que tem. Ela precisa de um pouco de descanso. Meus olhos a observam com infinita ternura. E ela sabe disso”, confessa sobre si, poeticamente, a artista.



Leia o QR Code acima e acesse o site para reserva de ingressos

PROGRAMAÇÃO/ HOJE

■ 16h – Pife Perfumado, Baião de Três e Regional de Duduta (no Açude Novo)

■ 20h – Tatiana Eva-Marie & Avalon Jazz Band (no Teatro Municipal Severino Cabral)

■ Entrada franca

■ Açude Novo (Parque Evaldo Cruz, Av. Mal. Floriano Peixoto, Centro, Campina Grande)

■ Teatro Municipal Severino Cabral (Av. Mal. Floriano Peixoto, s/nº, Centro, Campina Grande)



Com a Avalon Jazz Band, Tatiana Eva-Marie vem fazendo uma turnê por vários países



Baião de Três (acima) e Pife Perfumado se apresentam à tarde



Fotos: Divulgação

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Soluções neomalthusianas

Veja ou outra encontro pessoas que defendem ideias neomalthusianas. Nesta semana ouvi de um rapaz que parte da população mundial deveria ser “dizimada”, porque “tinha gente demais no mundo”. Para ele uma redução populacional resolveria o problema ambiental, diminuiria o inchaço urbano, a pobreza, e a vida seria melhor.

Mas, afinal, quais seriam os meios? Uma guerra nuclear, um novo vírus mortal ou a promoção de genocídios? Certa vez, quando eu era estudante da UFPB, conheci uma protetora animal que dizia odiar os seres humanos, em especial os idosos e as crianças. Na sua visão, não deveriam existir. Espero muito que não tenha colocado em prática essa ideia.

Segundo as projeções mais recentes da ONU, a população mundial deve diminuir cerca de 6% em 2100. A expectativa é que a população cresça nos próximos 50 anos e depois caia gradativamente. Os dados do Brasil são impressionantes. Espera-se que, no mesmo período, a população brasileira seja reduzida para 163 milhões de pessoas. O estado da Paraíba já vem apresentando uma queda sistemática na taxa de nascimentos. Em 2022, registrou-se uma diminuição de 9,9% em comparação com 2021, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O número de nascimentos caiu de 54.834 para 49.430 pessoas. Vários

países do mundo enfrentam o problema da baixa natalidade, especialmente no Norte Global.

Os problemas contemporâneos têm mais a ver com o capitalismo do que com as questões demográficas. Atingimos um nível de desenvolvimento técnico-científico que acabou com a escassez natural. Somos capazes de produzir alimentos, moradias, roupas e outros bens essenciais para toda a humanidade. O que justifica que 68 milhões de brasileiros vivam na pobreza e outros 13 milhões na miséria? Mais de um bilhão de pessoas no mundo está em situação de pobreza multidimensional; enquanto isso 1% dos mais ricos do mundo detém seis vezes mais dinheiro do que 90% da população mundial.

A escassez no capitalismo é artificialmente criada. Uma característica desse sistema é a “generalização da forma mercadorista”. Dito de outra forma: tudo é produzido com a finalidade de ser vendido e gerar lucro, não para atender às necessidades humanas. Recentemente, na tragédia do Rio Grande do Sul, produtores de arroz decidiram estocar a sua produção para forçar o aumento do preço, em detrimento das pessoas. São inúmeros os casos semelhantes na história, como a queima de café brasileiro na crise de 1929.

O deserto do Atacama se transformou num enorme cemitério de roupas. As peças descartadas vêm da Europa, da Ásia

e dos Estados Unidos, algo em torno de 60 mil toneladas anuais. Destas, 40 mil são de roupas que não são vendidas e que acabam se transformando em lixo. Isso mostra como o capitalismo é irracional e oferece pouca eficiência produtiva. É comum que mobilizemos muitos recursos materiais e intelectuais para desenvolver produtos sem grande importância para a humanidade, mas que se mostram economicamente mais lucrativos.

Além disso, os produtos são projetados para durar pouco tempo, com base na obsolescência programada, forçando assim novas práticas de consumo. O capital não tem limites. Ele busca uma ampliação continuada, sob pena de inviabilizar as condições de sua própria existência. Isso gera inúmeras contradições. A reprodução do capital esbarra hoje nos limites naturais do planeta. O esgotamento da natureza provoca por uma lógica de exploração insana coloca em risco o futuro da humanidade.

Entramos na Era da Ebulição Global, o que está produzindo transformações radicais no clima do planeta. Milhões de pessoas ao redor do mundo discutem essas questões e se mobilizam para enfrentá-las, mas nenhuma vitória real será conquistada sem a superação do capitalismo. As soluções neomalthusianas, portanto, são claramente irracionais e contêm uma dose forte de fascismo.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Invisibilidade da violência

A violência é o uso intencional da força ou de um poder contra si, outra pessoa ou um grupo/comunidade, constituindo uma ameaça de ferimento, morte, dano mental, prejuízo ao desenvolvimento humano ou privação. Certos indivíduos praticam a violência sem perceberem os prejuízos para todos. Eles agem por meio de um julgamento de que o outro é uma ameaça e deve ser eliminado. A recusa ao diálogo, a falta de respeito e a tentativa de destruir uma autoridade por meio da crueldade banalizam aqueles que agem pelo ímpeto destrutivo e perverso. A incapacidade cognitiva dessa patologia impede o reconhecimento da necessidade de racionalidade que não pode ser ignorada. Essa brutalidade irracional configura um problema estrutural que tem agravado as disparidades socioeconômicas, a marginalização social e a negligência das ações governamentais.

A tipologia empregada nos estudos sobre violência é descrita pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que a diferencia com base em sua estrutura e na análise da relação entre autor e vítima. Assim, a OMS a classifica em:

■ Violência autoinfligida ocorre quando um indivíduo pratica o ato contra si, sem envolvimento de terceiros. Nesta categoria estão incluídas a automutilação e o suicídio;

■ Violência interpessoal ocorre quando os atos são cometidos entre indivíduos, ou seja, há um (ou mais) agressor e uma (ou mais) vítima. Ela é subdividida em duas categorias: familiar e conjugal, ou seja, violência doméstica, que ocorre dentro do mesmo círculo familiar e envolve parentes, cônjuges e/ou parceiros íntimos. Por exemplo: violência contra mulheres, que também é entendida no contexto de gênero; violência contra idosos e crianças.

■ Violência comunitária ocorre entre indivíduos que não são da mesma família ou não têm um relacionamento próximo. A Organização Mundial da Saúde classifica como exemplos os crimes contra a propriedade, abusos contra estrangeiros e hostilidades no ambiente de trabalho;



Plautus: “O homem é o lobo do homem”

■ Violência coletiva é realizada por grupos de pessoas que têm como alvo cidadãos ou comunidades, com uma causa específica determinada. Essa categoria pode ser subdividida em violência política e social.

O Atlas da Violência, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), traz informações e características da violência no Brasil. A edição mais recente expõe que os jovens e negros são as principais vítimas de homicídio no país. Além disso, a violência contra mulheres e a população indígena vem aumentando. Para além das questões estruturais que auxiliam os pesquisadores a compreenderem a violência, é importante destacar a falta de garantia dos direitos fundamentais da população decorrente da negligência de alguns líderes políticos.

Titus Maccius Plautus (230 a.C.–180 a.C.) foi um dramaturgo romano. Ele afirmou: “Homo homini lupus” (“O homem é o lobo do homem”). Diante disso, a imutabilidade da violência, com a sua invisibilidade enraizada no aumento das injustiças sociais, é um desafio complexo e de origem variada. A Organização das Nações Unidas (ONU) tem como prioridade combater a violência em suas diversas formas e a redução da taxa de mortalidade, a fim de promover o desenvolvimento sustentável, o bem-estar social e a paz entre os países. Nesse sentido, medidas de prevenção incluem a redistribuição equitativa de renda do país

entre todos, o estímulo à participação cidadã na segurança local e a garantia de acesso digno à saúde. Além disso, é fundamental que o governo e os estados implementem políticas públicas voltadas para a diminuição das disparidades socioeconômicas, a inclusão social de crianças e jovens, o acesso expandido a uma educação crítica e transformadora, a oferta de formação profissional e oportunidades de emprego, e a melhoria da qualidade de vida em cidades inteligentes, uma vez que esses direitos são assegurados pela Constituição Federal de 1988.

Encerro com o poema “Sangrando”, escrito em 1987 pelo poeta, cantor e compositor carioca Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior (1945–1991), mais conhecido como Gonzaguinha. O poema versa a intensidade emocional e a fragilidade inerente à natureza humana:

“Quando eu soltar a minha voz / Por favor, entenda / Que palavra por palavra / Eis aqui uma pessoa se entregando // Coração na boca / Peito aberto / Vou sangrando / São as lutas dessa nossa vida / Que eu estou cantando // Quando eu abrir minha garganta / Essa força tanta / Tudo aquilo que você ouvir / Esteja certa / Que estarei vivendo // Veja o brilho dos meus olhos / E o tremor nas minhas mãos / E o meu corpo tão suado / Transbordando toda a raça e emoção // E se eu chorar / E o Sol molhar o meu sorriso / Não se espante, cante / Que o teu canto é minha força / Pra cantar // Quando eu soltar a minha voz / Por favor, entenda / É apenas o meu jeito de viver / O que é amar”.

Sinta-se convidado à audição do 478º Domingo Sinfônico, deste dia 14, das 22h à 0h. Em João Pessoa, sintonize na FM 105.5 ou acesse o aplicativo www.radiotabajara.pb.gov.br ou <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Comentarei o pensamento musical do compositor, pianista e regente Igor Fiódorovitch Stravinsky (1882–1971) e sua contribuição para o desenvolvimento do senso crítico nos cidadãos, com a finalidade de superar o medo e a alienação, que corroem a cultura e a dignidade de um povo; também apresentarei as três fases de Stravinsky: o nacionalismo russo; a neoclássica e a dodecafônica.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Vestido de Minerva

Por todos os lados, casarões coloridos, nenhum em ruínas. Areia é uma cidade linda. Havia anos que não ia lá. Fiquei sem esconder a emoção da redescoberta da cidade, ao entrar no Teatro Minerva, o palco, as coxias, uma obra histórica, inaugurada em 1859.

Foi em Areia que surgiu o primeiro teatro da Paraíba, o segundo, Santa Inês, na cidade de Alagoa Grande, e só depois, o Teatro Santa Roza, em João Pessoa.

Na fachada do Teatro Minerva, está escrito “teatro particular”, bancado por uma elite renovadora (filhos dos senhores do café), cuja renda servia para alforriar escravos (alguns ficavam escondidos nos porões). Isso já é motivo para um filme, um livro, diante de uma obra que está de pé 165 anos depois.

É preciso conhecer as ruas de Areia e ter a experiência de condutor para perceber que nós, enquanto condutores, somos os personagens.

Andar a pé numa cidade pequena, com cenas do interior, lembrar desse olhar que hoje nos espelha para virar as esquinas de uma cidade subitamente bela. Pelas ruas e paralelepípedos, somos nós, estrangeiros ou nativos, que figuramos a geometria das cidades.

Areia lembra as ladeiras de Olinda; os encantos do Pelourinho, em Salvador; as ruas de Ouro Preto, Recife; e o Porto do Capim, em João Pessoa. São cidades de idades avançadas.

Areia, que surgiu como povoado em 1625, cidade do pintor Pedro Américo, do escritor José Américo de Almeida e do Padre Azevedo.

Areia é um prisma na Serra da Boa Esperança.

Voltemos ao teatro. No dia anterior, o sábado, o Teatro Minerva estava fechado — sorte nossa, que já estávamos nos despedindo da cidade, quando avistamos o teatro aberto. Pagamos e entramos.

O acesso a circular por cenas antigas de espetáculos que nunca vi preencheram em mim a vontade de subir ao palco e representar meu papel. Vesti-me da deusa Minerva e fiz uma cena brasileira cantando a canção “Marginalia II”, de Gilberto Gil e Torquato Neto: “Eu, brasileiro, confesso minha culpa, meu pecado, meu sonho desesperado, meu bem guardado segredo, minha aflição”.

Estava ali no palco, atravessando as pegadas dos escravos, dos atores, das atrizes, das tragédias e dos espectadores da vida toda.

Quem será que pensou em colocar o nome de Minerva no teatro de Areia? Quem sabia de Minerva, e teve esse insight, esse acontecimento cognitivo que é o conhecimento, a intuição. Um insight é a perspicácia ou a capacidade de aprender muitas coisas.

O Teatro Minerva de Areia me levou para longe, me fez viajar com Minerva, vestido de deusa pelas ruas, os becos, nossos máscaras — lado a lado, uma que ri e outra que chora, surgindo nos mais fortes momentos, e não fazemos ideia com o que nos parecemos, como apressados, e nunca poderíamos saber que fomos, se fomos.

A descoberta feita por uns, por outros, tão poucos, sentidos e tocados de um modo que nem sonham sequer saber como se diz: obrigado, Areia, pelo Teatro Minerva.

Aqui está meu voto de minerva.

Kapetadas

1 - Se todos os dias você tentar escapar da rotina, essa será sua nova rotina.

2 - Tem assuntos que são um prato cheio. Tem pratos cheios que é melhor desconversar.



O colunista no palco do teatro: “Vesti-me da deusa Minerva”

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Cinema de rua, uma realidade quase inexistente

Nos dias atuais, não é comum a abertura de salas de cinema fora dos centros culturais e shoppings. A criação desses ambientes de diversões cinematográficas, que normalmente acontecia no passado, hoje é cada vez mais rara. E até ficamos surpresos, quando se anuncia a inauguração de um “cinema de rua” — expressão essa muito comum, nos primeiros tempos, para classificar cada sala de projeção fílmica instalada em bairros e ruas das cidades.

Nalgum tempo atrás, fui informado por um amigo médico, “cinemista” tanto quanto eu (igualmente confrade na Academia Paraibana de Cinema), que, numa de suas viagens à Europa, com surpresa verificou a existência de muitas salas de cinema de rua. Uma realidade que passou a ser quase inexistente entre nós, com a tal globalização empresarial e comercial, pelo *streaming service*, sobretudo, das redes de exibição em nosso país.

Recentemente, nossa academia de cinema foi informada pela Secretaria de Cultura da cidade de Sapé, interior do estado, sobre a inauguração de uma sala de cinema de rua. O evento acontecerá para homenagear a memória de Arthur Coelho, figura ligada ao cinema daquela cidade, com experiência na distribuição de filmes da Paramount, empresa sediada em Recife.

E, rebobinando um pouco da nossa própria história, lembro-me de meu saudoso pai (“Seu” Severino do



Cinemas de rua, como o Plaza, no Ponto de Cem Réis, eram a maioria em décadas passadas

cinema); dos muitos contatos comerciais que ele fazia com as distribuidoras de filmes Warner Bros, Universal, Metro-Goldwyn-Mayer, além da Paramount, consideradas grandes empresas estrangeiras, sediadas na capital pernambucana, situações as quais sempre assisti de perto, desde adolescente; e da troca de filmes com outros exibidores paraibanos, inclusive de Sapé. Época de muito trabalho, mas compensadora, especialmente para mim, na certeza de que estariam garantidos, para mais uma noite, os nossos “*écrans* de sonhos”.

Retornando ao cinema de rua e sua inauguração na cidade de Sapé, prevista para outubro deste ano, a Academia Paraibana de Cinema foi convidada pelos organizadores locais, juntamente com os técnicos do

Núcleo de Documentação Cinematográfica (Nudoc), da UFPB, para uma visita ao local onde será erguida a nova sala de exibição fílmica. E, segundo soube o presidente da APC, professor João de Lima, originalmente o prédio teria sido destinado ao auditório de uma faculdade privada, mas isso não ocorreu. E que, em função da crise, a faculdade está atualmente operando de forma remota, mas a construção em alvenaria segue normalmente, com apoio da prefeitura local.

Espera-se que o projeto dê certo, e que mais salas de cinema sejam criadas na Paraíba, resgatando historicamente a tradição e importante da nossa cultura fílmica. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso *blog*: www.alex santos.com.br



Proposta quer Federação de Academias

Em mais uma de suas atuações culturais pelo interior do estado, a Academia Paraibana de Cinema (APC) manteve contato com entidades das cidades de Santa Luzia e também de Sapé. Nesta, por meio da Secretaria de Cultura, o presidente da APC, João de Lima Gomes, tomou conhecimento da proposta regional formada por 46 academias, que integrará a criação de uma Federação de Academias, no Estado da Paraíba. Para a qual a APC foi convidada a participar.

Durante sua visita à cidade de Sapé, o presidente da APC, João de Lima, foi acompanhado pelos professores Carlos Anísio e Carmelino Reynaldo e mais dois técnicos do Nudoc, da UFPB, com mediação local de Ana, articuladora do projeto.

CONTINUAÇÃO

Série de *Cidade de Deus* ganha data de estreia

Mariana Canhisares
 Agência Estado

A série *Cidade de Deus – A Luta Não Para* já tem data para chegar à Max. Continuação do clássico brasileiro comandado por Fernando Meirelles e Kátia Lund, a produção marcou o lançamento do primeiro dos seus seis episódios para 25 de agosto. De quebra, ainda revelou um pôster inédito, que dá destaque para Buscapé (Alexandre Rodrigues).

Ambientada 20 anos depois dos eventos do filme — ou seja, em plenos anos 2000 —, a série foi descrita por Meirelles na CCXP23 como uma espécie de “atualização” do original. De fato, como o primeiro *teaser* ilustra bem, a produção revela o que aconteceu na vida de personagens, como o ainda narrador Buscapé e a agora líder da comunidade Berenice (Roberta Rodrigues). Contudo, “atualização” implica também uma mudança mais profunda. Segundo o cineasta, que volta apenas como produtor, *A Luta Não Para* pretende jogar os holofotes na potência de comunidades, como Cidade de Deus, focando menos nos seus problemas.

De acordo com a sinopse, a trama começa quando o jovem traficante Bradock (Thiago Martins) deixa a cadeia e volta a colocar a Cida-



Roberta Rodrigues, Edson Oliveira e Alexandre Rodrigues: atores retomam personagens na série

de de Deus em meio a uma disputa de poder. Isso porque, enquanto esteve fora, Curió (Marcos Palmeira) assumiu o posto de dono do morro. Presos novamente entre o tráfico, a milícia e o Poder Público, os moradores decidem se unir para tentar quebrar esse ciclo.

A Luta Não Para apresenta, portanto, uma perspectiva de resistência e luta, como pontuou o diretor Aly Muritiba. “Claro que existe também a violência, o mundo do crime, mas tudo é visto pela perspectiva de quem sofre as consequências disso”, afir-

mou, na ocasião.

Para trazer esse novo olhar, Muritiba e os roteiristas comandados por Sérgio Machado expandiram os papéis femininos. Além da já citada Berenice, a antes coadjuvante Cintia (Sabrina Rosa) passa a ter papel mais ativo no enredo como coordenadora do centro cultural. Juntam-se às duas a atriz Eli Ferreira no papel de Lígia, uma jornalista escrevendo sobre os donos do tráfico.

Ainda assim, ao que tudo indica, os fãs do filme vão encontrar na série a mesma estética que tanto chamou a

atenção em 2002 — aliás, a ponto de render à obra quatro indicações ao Oscar, entre as quais aos prêmios de melhor fotografia e melhor direção. Além disso, *flashbacks* do longa e gravações que não foram para o corte final também fazem parte dos episódios.

Antes da estreia oficial na Max, em 25 de agosto, *Cidade de Deus – A Luta Não Para* exibirá seu primeiro episódio na 52ª edição do Festival de Gramado. Vale destacar que a série lançará episódios semanalmente, aos domingos, a partir das 21h.

Letra Lúdica

Hildeberto
 Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Galo-de-campina

Sou um homem simples, comum, em paz com a prática dos atos ordinários da vida. Não me digo casado, cotidiano e tributável, porque não me vejo à altura da persona lírica do poema de Fernando Pessoa.

Gosto das coisas banais. Não cultivo sonhos megalomaniacos. Tenho pouco dinheiro. Gasto mais do que tenho, mas não devo nada a ninguém. Adoro bodega de bairro. Amo boteco de esquina, e não fujo a uma discussão, se o assunto é futebol, mulher, religião.

Vejam bem. Tudo isso é para dizer simplesmente que ganhei, um dia, de um velho amigo, um belo e aguerrido galo-de-campina. Era domingo e meu domingo se iluminou como nunca. (Meus domingos são sempre meio nebulosos!). Meu amigo nem sabe o bem que me fez.

Um galo-de-campina não é só um pássaro do Agreste, dividido entre as cores vermelha, preta e branca. É um fenômeno ecológico, uma rima perfeita, uma imagem que nem T. S. Eliot conseguiu consumir na Terra desolada. Enfim, um poema pleno, em pleno voo.

Se cantar de corrida ou de açoite, me fará feliz. Se não cantar, pois galo-de-campina é pássaro misterioso e cheio de dengues e reimas, me afagará, no entanto, com o aroma de suas cores. Afinal, o silêncio dos pássaros — e o galo-de-campina não foge à regra — contém a plumagem de uma música secreta.

Gosto muito de espiar as coisas. Bichos, animais, insetos, o pulsar da vida, certos detalhes que piscam nos olhos das mulheres bonitas, o rosto da solidão dos que são naturalmente desesperados, os humilhados e ofendidos que suam para ganhar o pão.

Pois bem. Possuir um galo-de-campina não é para qualquer um. O Movimento Verde o condenaria, o Ibama o proibiria, a Justiça não o aceitaria integrado à esfera estreita e contida de uma gaiola. Mesmo que fosse uma gaiola larga e dourada, um pequenino palácio de cristal.

Penso, porém, libertando as asas da fantasia, que não há nada mais sedutor do que a prática de um crime inafiançável, do que ser apenas por uma paixão desvairada, por um comportamento insólito, mas, em certo sentido, dotado de alguma substância ética e de algum elemento belo e delicado. Sobretudo se o galo já é de gaiola. Se sua gaiola já tem a sagração de um templo. Galo desse tipo nunca mais pode viver solto, sob pena de não saber se alimentar, se defender das feras acesas do mundo civilizado.

Sofisma? Não. Cultura. Ou seja, esse bracejar para não naufragar nos maremotos da vida, se ousar me socorrer de uma esplêndida imagem do genial Ortega Y Gasset.

É claro que o narrado aqui não se coaduna com os predicados da veracidade. É apenas o lúdico florescer da verossimilhança. Ou, em outra chave, o doce exercício da imaginação poética, assim como a carícia das coisas memoráveis.

De fato, já ganhei um galo-de-campina dessa estirpe rara. Mas, hoje, já não experimento o prazer especial de criar essa ave tão soberba no porte e na beleza. Isso seria crime ambiental. E crime é crime. Por isso, só convivo, hoje, com belgas, pintagóis ou outros pássaros de cativo que a lei protege e permite.

Mas amo os galos-de-campina, assim como amo os azulões e os canários-da-terra. Se não os crio nesses tempos de sustentabilidade, nada me impede, no entanto, de cultivá-los no viveiro interior da crônica e da poesia, imaginando enredos que me alimentem a recordação.

(Em tempo: a coluna de hoje é dedicada ao amigo, professor e escritor Luís Augusto Paiva, que também ama os pássaros).



Foto: Reprodução/ Parrots Place

“Um galo-de-campina não é só um pássaro do agreste, dividido entre as cores vermelha, preta e branca. É um fenômeno ecológico, uma rima perfeita”

ELEIÇÕES 2024

Aberta temporada das convenções

De acordo com o calendário eleitoral do TSE, as legendas têm até o dia 5 de agosto para homologar candidaturas

Filipe Cabral
filipescabral@gmail.com

Começou a decorrer desde ontem, o prazo para que partidos políticos e federações realizem as convenções em que serão escolhidas as candidatas e candidatos que disputarão os cargos de prefeito, vice-prefeito e vereador nas eleições municipais de 2024, assim como a formação ou não de coligações para o pleito. De acordo com o calendário eleitoral definido pela Resolução nº 23.738/24 do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), as legendas têm até o dia 5 de agosto para realizar as convenções.

Segundo o art. 87 do Código Eleitoral, só podem concorrer às eleições os candidatos que estiverem filiados a algum partido político. Uma vez que cada partido político possui diversos filiados, é necessário escolher entre eles, em convenção partidária, os que serão candidatos a cargos eletivos. Conforme explica o advogado e professor de Direito da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Solon Benevides, as diretrizes para a escolha são definidas internamente pelos próprios partidos.

“A legislação estabelece apenas o período em que as convenções podem ser convocadas e realizadas, cabendo ao estatuto de cada partido definir as regras próprias para sua realização. Nesse sentido, vale o disposto no art. 7º, da Lei nº 9.504/97. As regras dizem respeito ao próprio partido e versam sobre a forma de convocação (se por edital, notificação, publicação na imprensa, na justiça eleitoral, etc.), prazos, quórum de instalação e deliberação, bem como se o voto será colhido abertamente, de forma secreta, ou mediante aclamação”, explicou.

De acordo com o jurista, para o cargo de prefeito, cada partido, federação ou coligação pode requerer o registro de apenas um candidato e seu respectivo vice, “que concorrem em chapa única e indivisível, ainda que seja fruto da indicação de coligação partidária”.

Já no caso das candidaturas para o cargo de vereador, ele destaca que as eleições municipais de 2024 terão uma novidade. Segundo Benevides, desta vez os partidos e federações poderão lançar um total de candidatos de até 100% das vagas a serem preenchidas nas Câmaras Municipais mais um.

“Até 2021, a lei estabelecia um teto de 150% do número das vagas. Ou seja, em um município com 20 cadeiras em disputa, em vez de 30 candidaturas, agora poderão ser lançadas 21. A Lei nº 14.211, que alterou essa regra, é válida ainda para os outros cargos que dependem de eleições proporcionais: Câmara dos Deputados, Assembleias Legislativas e Câmara Legislativa do Distrito Federal”, comentou.

Ainda sobre a definição das candidatas e candidatos

Segundo o art. 87 do Código Eleitoral, só podem concorrer às eleições os candidatos que estiverem filiados a algum partido

a vereador, Solon Benevides alerta para a necessidade de que os partidos e federações estejam atentos à chamada “cota de gênero”.

“A legislação estabelece que, do número total de candidatos apresentados pelos partidos, é necessário preencher o mínimo de 30% e máximo de 70% para candidaturas de cada gênero. Nestes casos, no cálculo do percentual, as frações resultantes do menor número devem ser arredondadas para cima”, salientou.

Ainda durante as convenções partidárias, serão sorteadas, em cada circunscrição, a identificação numérica dos candidatos, isto é, o número com o qual cada postulante concorrerá. De acordo com a Justiça Eleitoral, é garantido aos partidos políticos o direito de manter os números concedidos à sua legenda na eleição anterior. O mesmo direito é reservado aos candidatos que concorrerem para o mesmo cargo que disputaram no último pleito.

Estratégias

O pesquisador e professor de História Contemporânea da UFPB, Flávio Lúcio Rodrigues, observa que, para além das disputas locais internas dos partidos e federações, as decisões das convenções partidárias deste ano devem levar em conta também articulações políticas que extrapolam a esfera municipal e envolvem até mesmo partidos não coligados. Não à toa, algumas legendas optam por adiar as reuniões para os últimos dias do prazo legal.

“O agendamento das convenções de certa forma também faz parte da estratégia eleitoral dos partidos e, em muitos casos, tem a ver com a indefinição na formação da chapa. Alguns partidos negociam com vários candidatos ao mesmo tempo para avaliar o que ainda pode ser incorporado à campanha. Essas negociações, inclusive, costumam se desdobrar até o dia da convenção. Por outro lado, os partidos que já estão com as chapas mais consolidadas, antecipam as datas para já começar a divulgar os candidatos e ganhar tempo de campanha”, analisou.

Em relação aos possíveis impasses que podem ocorrer no momento de escolha dos candidatos — sobretudo no caso das federações cujos partidos-membros tenham leituras diferentes do processo eleitoral —, o professor ressalta que devem



Flávio Lúcio: as decisões das convenções devem levar em conta articulações políticas que extrapolam a esfera municipal



Solon Benevides: estatuto de cada partido define regras próprias para a realização das convenções e escolha dos candidatos

Forma

Agendamento das convenções de certa forma também faz parte da estratégia eleitoral dos partidos e, em muitos casos, tem a ver com a indefinição na formação da chapa

ser resolvidos com base nos estatutos das respectivas organizações.

“De modo geral, cada partido e federação tem um mecanismo próprio de funcionamento, de como decidir as questões internamente. Mas um princípio que é igual para todos os partidos federados é que todos têm

que estar alinhados com a mesma candidatura. Nos casos em que é difícil encontrar uma solução que acomode os interesses dos partidos na esfera municipal, eles geralmente tentam uma negociação política ‘por cima’, nas esferas estadual e nacional da federação”, explicou.

Datas

Em João Pessoa, a Solidariedade será um dos primeiros a realizar a convenção municipal. O partido, liderado pelo deputado estadual Eduardo Carneiro, se reunirá no dia 25 para definir sua lista de candidatos e confirmar se terá candidatura própria ou se manterá o apoio ao à reeleição do prefeito Cícero Lucena.

No dia 28, será a vez do Partido dos Trabalhadores (PT). A convenção da legenda na capital deve ocorrer às 9h, no Sindicato dos Bancários. Na ocasião, devem ser

confirmados os nomes do deputado federal Luciano Cartaxo e da empresária Amanda Rodrigues para os cargos de prefeito e vice-prefeita.

O Agir também está entre os partidos que já divulgaram a data da convenção na capital. De acordo com o presidente municipal da sigla, Luiz Costa Sobrinho, a reunião será realizada no dia 31 de julho, no Clube Cabo Branco.

No dia 3 de agosto, será a vez do PL, que deve oficializar a chapa para o Executivo municipal com o médico e ex-ministro da Saúde Marcelo Queiroga concorrendo ao cargo de prefeito, e o pastor evangélico Sérgio Queiroz ao de vice.

O PP, do prefeito e pré-candidato à reeleição, Cícero Lucena, e o Podemos, do deputado federal licenciado e também pré-candidato à prefeitura da capital, Ruy Carneiro, marcaram as respecti-

vas convenções para o último dia do prazo, 5 de agosto.

Em Campina Grande, o atual prefeito, Bruno Cunha Lima, anunciou que o União Brasil deve realizar sua convenção conjunta com outros nove partidos aliados no dia 4 de agosto.

O Podemos, cuja convenção municipal é uma das mais aguardadas em Campina Grande, devido ao suspense em torno de uma possível candidatura do deputado federal Romero Rodrigues, agendou a reunião na Rainha da Borborema para o dia 5 de agosto.

Encerrado o prazo das convenções e definidas as candidaturas, os partidos têm até 15 de agosto para registrar os nomes na Justiça Eleitoral. As eleições em 2024 acontecem em 6 de outubro, no caso do primeiro turno, e também no dia 26, caso exista necessidade de segundo turno em algumas cidades.

REFORMA TRIBUTÁRIA

Novas regras são positivas para mercado imobiliário

Governo Federal assegura que mudanças não alteram a alíquota do ITBI

Agência Brasil
Com Agência Gov

O Governo Federal emitiu um alerta para informações equivocadas, que circularam nas redes sociais nos últimos dias, a respeito do impacto da reforma tributária sobre o mercado imobiliário. “Ao contrário do que notícias falsas estão propagando, a reforma tributária será positiva para o setor imobiliário brasileiro e não haverá nenhum aumento relevante de custos em comparação com a tributação atual”, assegura o comunicado.

O alerta reforça que a reforma tributária não alterará a alíquota do Imposto sobre Transmissão de Bens Imóveis (ITBI), um tributo de competência municipal que incide nas transações imobiliárias. Devido a uma demanda dos municípios, o PLP nº 108/2024, que também faz parte da regulamentação da reforma tributária, define de forma mais clara o momento de incidência do ITBI, que atualmente é objeto de litígio.

Além disso, as eventuais vendas de imóveis por pessoas físicas não serão tribuadas pelo novo Imposto sobre Valor Agregado (IVA). Ou seja, nada muda para a pessoa que tem um ou alguns imóveis e deseja vendê-los.

Haverá, por outro lado, consequências da reforma tributária sobre as vendas de imóveis pelas empresas. O Governo Federal garante, porém, que o impacto será muito pequeno – se considerada apenas a mudança na carga tributária –, sendo levemente positivo para os imóveis populares e levemente negativo para os imóveis de alto padrão. “Mas o impacto é claramente positivo quando considerado o efeito da reforma sobre a produtividade do setor”, pondera.

Com esse novo modelo de tributação, sem considerar os ganhos de eficiência que resultam da reforma tributária, o custo de um imóvel popular novo – no valor de R\$ 200 mil – deverá cair cerca de 3,5%, e o custo de um imóvel de alto padrão novo – no valor de R\$ 2 milhões – deverá subir cerca de 3,5%. A conta resulta em empate.

No caso das empresas que tenham como atividade a compra e a venda de imóveis – como imobiliárias –, a tributação incidirá apenas sobre a diferença do preço de venda e de aquisição de imóveis. Assim, por exemplo, se uma empresa comprar um imóvel por R\$ 1 milhão e vender por R\$ 1,1 milhão, o imposto incidirá com a alíquota reduzida (15,9%) sobre R\$ 100 mil, resultando em um imposto de R\$ 15,9 mil. Ou seja, apenas a margem da empresa será tributada e a empresa ainda poderá recuperar o crédito do imposto incidente em todas as suas despesas administrativas (contador, eletricidade etc.).

Além disso, a reforma tributária deverá aumentar muito a eficiência do setor de construção e incorporação. Ao permitir a recuperação de créditos sobre os insumos, vai favorecer a adoção de métodos construtivos muito mais eficientes. Com esse ganho de produtividade, é quase certo que o preço, mesmo dos imóveis novos de alto padrão, seja reduzido em relação à situação atual. Ou seja, o novo modelo beneficia, sobretudo, os imóveis populares, mas será positivo também para os imóveis de alto padrão.

“A reforma tributária será positiva para o setor imobiliário brasileiro e será justa, pois tributará menos os imóveis populares que os imóveis de alto padrão”, crava o Governo Federal.



Foto: Marcos Russo/Arquivo A União

Vendas por pessoas físicas não serão tribuadas pelo novo IVA

Saiba Mais

As vendas de imóveis novos por empresas (incorporações) serão tribuadas da seguinte maneira:

- O imposto incidirá apenas sobre a diferença entre o custo de venda e o valor do terreno (no caso de aquisição de vários imóveis para construção do prédio, será deduzido todo o valor dos imóveis adquiridos para fazer a incorporação);
- Haverá um redutor social de R\$ 100 mil sobre o valor tributado, de modo a tornar a tributação progressiva, reduzindo o custo dos imóveis populares;
- A alíquota do imposto incidente sobre esse valor reduzido será diminuída em 40% (ou seja, será de 60% da alíquota padrão), o que corresponde a cerca de 15,9%;
- Do valor do imposto calculado sobre a base reduzida, será deduzido o montante de todo o imposto pago na aquisição de material de construção e serviços pela incorporadora, ao contrário do que ocorre hoje, em que o imposto pago nos materiais de construção e serviços não é recuperado.

Votação de segundo projeto fica para agosto

Da Redação
Com Agência Câmara de Notícias

O presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira, afirmou que o segundo projeto de regulamentação da reforma tributária (PLP nº 108/24) será votado em agosto, quando os deputados retornarem do recesso. Segundo o parlamentar, o texto está maduro para ser votado e foi amplamente discutido pelo grupo de trabalho que debateu a proposta.

A projeção do deputado foi divulgada durante entrevista à CNN Brasil, na segunda-feira passada. Na ocasião, Lira foi questionado sobre a inclusão das proteínas de origem animal na cesta básica, isenta de impostos, na votação do primeiro projeto de regulamentação da reforma (PLP nº 68/24), ocorrida no último dia 10 de julho. Ele disse que não era contra o benefício para o setor, mas que se-



Foto: Edison Matos/Arquivo A União

Arthur Lira comentou isenção de impostos sobre carnes

- Presidente da Câmara dos Deputados avalia que o texto foi discutido amplamente e está maduro o suficiente para ser votado

ria preciso avaliar o impacto dessa inserção no aumento da alíquota do imposto.

“O que eu sempre me posicionei foi para avaliar o custo de alíquota que representaria para todo brasileiro. O melhor seria fazer um *cashback* sobre a proteína para todos os brasileiros do CadÚnico”, opinou.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

O poeta das caibreiras

Itabaiana era uma cidade florida no começo do século 20. Famosos os ipês, as caibreiras, os ficus benjamins por sob os quais passava o bondinho puxado a burro, “onde a vida ia e vinha”. O bondinho saía da Praça da Indústria, sendo a vida social marcada pelo trajeto desse meio de transporte e pelas árvores frondosas. Debaixo do pé de gameleira que dava nome à rua da beira do rio, rolou, por muitos anos, a feira dos cavalos, até que a centenária árvore veio ao chão.

A velha Itabaiana era rica de árvores e de poetas. Por aqui passou um dos grandes, chamado Antonio Maia Neto, desses que sabem os segredos da beleza artística das palavras e das coisas simples de sua aldeia. Por causa de uma celeuma com o prefeito, também poeta, Maia Neto ficou conhecido como o “poeta das caibreiras”.

Aconteceu de o prefeito José Augusto Pinto Ribeiro mandar cortar as caibreiras para alargar algumas ruas, “dando espaço ao progresso”. O poeta Maia Neto protestou com belos poemas publicados nos jornais de oposição. Naquele ano, as caibreiras não amarelaram muito, certamente porque a natureza estava avisando que, no ano seguinte, não haveria bom inverno. Mas o poeta entendeu que as árvores estavam tristes, pressentindo seu destino iminente. E tascou esses versos:

“Eras alegre, altaneira,
Com teu verdinho de cana,
Caibreira, linda caibreira
Do povo de Itabaiana!”

José Augusto Pinto Ribeiro prontamente respondia n’A Folha, o órgão oficial do Município:

“Velha caibreira, velha carcomida
Tombastes aos golpes de um machado
Levando a morte e renovando a vida.”

O poeta Maia Neto perdeu a batalha contra Pinto Ribeiro, mas ficou na história como um precursor dos modernos defensores da natureza. Dizem que o poeta gostava de tomar uns goles sob as frondosas árvores, e numa dessas viagens recebeu a visita da Deusa da Floresta, que veio saber por que o poeta estava chorando, debaixo das caibreiras na Praça Álvaro Machado. A Deusa veio na forma de uma majestosa mulher, enrolada em galhos de videiras, tendo na cabeça um arranjo florido. Consolando-o, a Deusa da Floresta recitou:

“Vim ter contigo, vim quase às carreiras,
Invocar tua musa predileta,
À mesma que chorou junto às caibreiras
Aos golpes de machado, meu poeta!”

“Molhando a palavra” com a autêntica garapa “Beba Ela”, produzida e engarrafada em Maracáipe, o poeta Maia Neto desapareceu noite adentro, abraçado à Deusa, cantando esta canção tão triste e evocativa:

“Adeus, Itabaiana das caibreiras
Dos ficus benjamins de braços dados.
Debaixo dessas sombras altaneiras
Eu tive belos sonhos embalados.
Adeus, Itabaiana dos currais
De gados soltos pelos marmeleiros,
Das gameleiras belas, colossais,
Que ornamentavam meus sonhos brejeiros.
Adeus, Itabaiana da harmonia
De mágicos encantos naturais,
Do perdão, do amor, da poesia,
Dos áureos tempos que não voltam mais!...”

A propósito, me lembrei de uma música que o mestre Sivuca criou com Humberto Teixeira, falando dos vegetais, talvez inspirado nos campos e jardins de sua amada Itabaiana:

“Adeus, Maria Fulô,
Marmeleiro amarelo,
Adeus, Maria Fulô,
Olho d’água esturricou,
Adeus, vou embora meu bem,
Adeus, Maria Fulô.”

Colunista colaborador

DIREITOS HUMANOS

Proteção em meios virtuais é desafio

Especialistas destacam educação e fiscalização como forma de defender crianças e adolescentes de criminosos

Da Redação
Com Agência Brasil

Apesar dos progressos em políticas públicas, o Brasil ainda enfrenta desafios na proteção da criança e do adolescente. Entre eles, está a defesa desses grupos no ambiente virtual. Especialistas e autoridades no tema alertam para a necessidade de ampliar as formas de educação, conscientização e fiscalização no uso das novas tecnologias.

“Sem o letramento digital, sem o supervisionamento, à mercê de dinâmicas mercadológicas e em substituição a condições saudáveis de desenvolvimento, o uso inadequado da internet pode se tornar um meio de adoecimento físico e mental significativo. É por reconhecer esse cenário múltiplo que falar de infância e juventude hoje passa necessariamente por um debate sobre o uso consciente de telas e dispositivos, e a violência no ambiente digital, que reorganiza responsabilidades entre governo, sociedade, empresas e famílias”, defendeu a presidente do Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), Marina de Pol Poniwas, durante um seminário realizado pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC) em Brasília.

A advogada, mestre em Direitos Humanos e coordenadora da Human Rights Watch no Brasil, Renata Escudero, destacou os perigos do uso inadequado de dados digitais de crianças e adolescentes. Um deles é o de alimentar ferramentas de inteligência artificial (IA), que podem, entre outros problemas, gerar imagens e vídeos sexuais falsos.

“A gente deveria olhar melhor para a proteção de dados. Essas tecnologias [como as de IA] avançam em uma velocidade que a legislação, muitas vezes, não consegue alcançar. É o que a gente está vivendo agora. Elas têm por base a violação dos dados, ao não respeitar a privacidade de crianças e adolescentes. Deveríamos proibir a produção de réplicas digitais não consensuais ou manipulação de imagens de crianças. Quan-



Advogada alerta que uso inadequado de dados expõe grupo a situações perigosas, como a geração de falsas imagens com conotação sexual envolvendo menores de idade

to mais explícitos e protetivos formos em relação aos dados dos adolescentes na legislação, mais seguras nossas crianças vão estar on-line”, disse.

O advogado e vice-presidente da Comissão Nacional de Família e Tecnologia do Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM), Marcos Ehrhardt Júnior, concordou que existe um descompasso entre as regulações e o uso das plataformas digitais.

“A velocidade dos avanços tecnológicos e a disseminação do ambiente digital é um desafio em todo o mundo, em especial para o Poder Legislativo. No momento, o Poder Judiciário vem se valendo de princípios gerais e da interpretação dos operadores jurídicos para enfrentar a crescente demanda de intervenção para proteção de direitos fundamentais no ambiente digital”, disse o advogado, ao site do IBDFAM. “Entender o funcionamento das pla-

taformas, tomar ciência dos principais aspectos dos seus termos de uso e buscar informação sobre o marco regulatório de proteção de dados pessoais, inaugurado com o advento da Lei Geral de Proteção de Dados, seria um ótimo começo”, completou.

Resolução

No início de abril deste ano, o Conanda publicou um conjunto de normas sobre direitos das crianças e adolescentes em ambiente digital, a Resolução nº 245/2024. Ela trata do combate à exclusão digital, mas também traz determinações sobre proteção.

O texto afirma que todos os menores de 18 anos devem ter direito de acesso a tecnologias da informação e comunicação, como redes, conteúdos, serviços e aplicativos digitais disponíveis no ambiente virtual; dispositivos e ambientes conectados; realidade virtual e aumentada; inteligência artificial; robótica; sistemas au-

tomatizados, biometria, sistemas algorítmicos e análise de dados.

A resolução também diz que o Poder Público e a sociedade têm o dever de zelar pela liberdade de expressão e pelos direitos de buscar, receber e difundir informação segura, confiável e íntegra, além de prever garantia de proteção contra toda forma de negligência, discriminação, violência, crueldade, opressão e

exploração, inclusive contra a exploração comercial.

Empresas que atuam no ambiente digital devem encaminhar denúncias de violação dos direitos à Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos, por meio do Disque 100, e também às autoridades do Sistema de Garantia de Direitos, como Conselhos Tutelares e autoridades policiais. O não encaminhamento de ocorrências está sujeito a penalidades.

Notícias falsas

Os ambientes digitais também têm sido propícios para a veiculação de notícias falsas em relação ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Em entrevista ao programa Viva Maria, da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC), a secretária-executiva da Coalizão pela Socioeducação, Thaisi Bauer, falou sobre um dos principais tópicos explorados por grupos de desinformação da extrema-direita: jovens infratores e redução da maioridade penal.

“Existem proposições aí discutindo a possibilidade de realização de plebiscito para reduzir a maioridade penal. Suiu na mídia que uma parlamentar vai pautar isso antes das eleições. São pautas panfletárias. A gente convocou uma reunião com movimentos sociais que tratam da defesa da criança e do adolescente para tentar impedir que retrocessos das garantias previstas no ECA avancem”, destacou.

Saiba Mais

A Resolução nº 245/2024 considera como violações de direitos da criança e do adolescente:

- Conteúdos violentos e sexuais
- Agressão ou bullying virtual
- Discurso de ódio
- Assédio
- Adicção
- Jogos de azar
- Exploração e abuso — inclusive sexual e comercial
- Incitação ao suicídio ou à automutilação
- Publicidade ilegal
- Atividades que estimulem e/ou exponham a risco sua vida ou integridade física

País registra 54,4 mil casos de abuso sexual contra menores

Da Redação
Com Agência Gov

Dados disponibilizados pelo Observatório Nacional de Direitos Humanos (ObservaDH), plataforma do MDHC, indicam que existiam mais de 31,8 milhões de crianças (15,7% da população) e 16,8 milhões de adolescentes (8,3% da população) no país em 2022.

Ainda segundo a plataforma, o Brasil registrou 54.490 ocorrências de violência sexual contra crianças e adolescentes, incluindo estupro, pornografia infantojuvenil e exploração sexual, no mesmo

período. Destas, 95,4% foram crimes de estupro, principalmente entre 10 e 13 anos de idade (42,2%). Considerando os estupros de vulnerável com vítimas de até 13 anos, 86% das vítimas eram meninas e 56,2% eram crianças negras.

Dados do Ministério da Saúde consolidados pelo Observatório apontam para 126.013 casos de violência interpessoal contra crianças e adolescentes, o que corresponde a 35,54% do total de notificações de violência interpessoal registradas.

A maioria das vítimas de violência interpessoal (64,1%), de acordo com os registros, é

do sexo feminino e tem entre 12 e 14 anos de idade. O observatório indica que os crimes de estupro concentram-se na faixa entre 10 e 14 anos de idade, sendo o maior número de notificações relacionado à violência sexual.

Ações

Para enfrentar essa realidade, o Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania (MDHC) tem liderado políticas públicas integradas de prevenção e combate à violência contra crianças e adolescentes. Um exemplo disso é o lançamento oficial do novo módulo do Sistema de Infor-

mação para a Infância e Adolescência – Conselho Tutelar (Sipia-CT), ocorrido no dia 9 deste mês.

Tendo como base do sistema os Conselhos Tutelares, para onde são dirigidas as demandas sobre violação ou não atendimento aos direitos assegurados das crianças e adolescentes, o Sipia registrou, no ano passado, 216,1 mil violações de direitos contra crianças e adolescentes. Destas, quase a metade (45,8%) era relativa ao direito à convivência familiar e comunitária; 23,1% ao direito à educação, cultura, esporte e lazer; 21,4% ao direito à liberdade, respeito

e dignidade; 9,1% ao direito à vida e à saúde; e 0,6% à profissionalização e o direito à proteção no trabalho.

Além disso, o MDHC destinou, em 2023, mais de R\$ 9 milhões para a Política Nacional de Formação Continuada em Direitos Humanos de Crianças, fortalecendo os Conselhos Tutelares e promovendo a participação social. Na área socioeducativa, o investimento foi de cerca de R\$ 6 milhões para o fomento de ações voltadas ao enfrentamento à violência institucional e combate à tortura no Sistema Socioeducativo. No enfrentamento ao traba-

lho infantil, foram destinados R\$ 1,1 milhão para o desenvolvimento de projetos voltados à qualificação de adolescentes.

■ **Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania tem apostado em políticas públicas integradas para combater problema**

EDITAIS LANÇADOS

João Pessoa e Recife abrem vagas

Prefeituras ofertam 65 oportunidades para candidatos de níveis médio e superior; salários chegam a R\$ 3,5 mil

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Seja em João Pessoa ou em Recife, os concurseiros que desejam garantir sua vaga no serviço público têm à disposição dois editais bastante atrativos. O primeiro foi aberto pela Prefeitura da capital paraibana e conta com 25 vagas para profissionais de níveis médio, técnico e superior. Há oportunidades para técnico em Informática, assistente social, economista, contador, entre outras. A renumeração varia de R\$ 1.827,79 a R\$ 3.021,06, por uma jornada de 30 horas semanais. Já em Pernambuco, a Prefeitura de Recife está oferecendo 40 vagas para os cargos de assistente social, psicóloga, advogada, pedagoga, educadora social e arte-educadora, todas destinadas a mulheres. Os salários podem chegar a R\$ 3,5 mil, por jornada de até 40 horas semanais.



Foto: Paulo Pinto/Agência Brasil

Conteúdos de Língua Portuguesa e Conhecimentos Específicos serão cobrados nos certames dos dois municípios

Bancas

Idecap será a responsável pelas provas em João Pessoa, enquanto em Recife a organização fica por conta da empresa Upenet

Capital paraibana

Em João Pessoa, as inscrições ocorrem pelo *site* do Idecap (concursando.idecap.org.br), responsável pela organização do concurso, até 8 de agosto. As taxas de inscrição variam entre R\$ 100 e R\$ 130, conforme o cargo pretendido.

No dia 22 de setembro, será aplicada uma prova objetiva para todos os candidatos, de caráter eliminatório e classificatório. Haverá, ainda, uma etapa complementar, de análise de títulos, para os cargos de nível superior. Para os candidatos inscritos na condição de pessoa

com deficiência, será aplicada uma avaliação biopsicossocial.

O processo seletivo incluirá uma prova objetiva com 50 questões de múltipla escolha, abrangendo Língua Portuguesa, Conhecimentos Gerais e Conhecimentos Específicos. De acordo

com o edital, o conteúdo da prova variará conforme o cargo desejado. Entretanto, no mesmo documento, não constam no cronograma as datas de divulgação do gabarito oficial e da convocação para a prova de títulos, nem de publicação do resultado do concurso.

Concurso em PE inscreve até 4 de agosto

As interessadas em concorrer às vagas no concurso da Prefeitura de Recife têm até 4 de agosto para se inscrever no *site* Upenet (www.upenet.com.br), vinculado ao Instituto de Apoio à Fundação Universidade de Pernambuco. A taxa de inscrição é de R\$ 110.

A avaliação dos candidatos incluirá a aplicação de provas objetiva e discursiva, previstas para o dia 25 de agosto, além da análise de títulos. Na objetiva, serão 60 questões de múltipla escolha de Língua Portuguesa, Direitos das Mulheres e Conhecimentos Específicos. Já a prova discursiva terá um tema específico, apresentado na hora da aplicação, e avaliará quesitos como coesão, ortografia, argumentação e tipo de texto.

No período de 2 de setembro a 2 de outubro, serão divulgados os gabaritos, assim como os resultados preliminares e finais das provas objetiva e dissertativa, após a análise dos recursos. O resultado definitivo do concurso deverá ser divulgado em 5 de novembro.

Assistente social: um profissional focado em promover justiça

Um profissional com capacidade crítica e sensibilidade na medida certa para atuar em cenários desafiadores, marcados por violência, fome, desemprego, pobreza e carências existenciais. Em meio às desigualdades, é o assistente social que oferece suporte, orientação e intervenção para promover justiça social e melhorar a qualidade de vida das pessoas. Esse apoio é proporcionado por meio de instituições públicas e privadas, como hospitais, escolas, empresas, ONGs e sistemas socioeducativos, que atuam visando restabelecer a cidadania de indivíduos, famílias e comunidades inteiras.

Entretanto, embora seja especialista em ajudar as pessoas, o assistente social não pratica o assistencialismo. Existe uma diferença fundamental, como aponta a pedagoga e coordenadora do curso de Serviço Social do Centro Universitário de João Pessoa (Unipê), Erika Aranha. “A assistência social busca garantir direitos, promover a inclusão social e a autonomia, atuando de forma estruturada e integrada com outras políticas públicas. Já o assistencialismo objetiva oferecer ajuda imediata e pontual, sem necessariamente abordar as causas estrutu-

rais das vulnerabilidades”, reflete a professora.

Desafios do ofício

Por lidar com pessoas diversas em contextos sociais complexos, a profissão é bastante desafiadora. Diariamente, o assistente social enfrenta problemas como escassez de recursos, estigmatização das pessoas atendi-

das, além de adversidades como violência, dependência química e pobreza. Segundo Erika, o desafio maior é coordenar diferentes serviços e políticas para proporcionar um atendimento integral e eficiente. Não é à toa que a rotina desses profissionais inclui inúmeras tarefas. “Realizamos atendimentos individuais e em grupo; ela-

boramos, implementamos e avaliamos projetos sociais; mediamos conflitos, articulamos redes de apoio; e orientamos e acompanhamos indivíduos em situação de risco”, explica.

Devido à natureza multifacetada da profissão, o assistente social também participa de reuniões interdisciplinares e eventos, rea-

liza visitas domiciliares e elabora relatórios detalhados. A dinâmica do serviço social demanda uma formação contínua, combinando aprimoramento teórico e prático, além de uma postura ética e comprometida com a justiça social. Para a professora Erika Aranha, a qualificação é essencial para lidar com os desafios cotidianos, den-

tro de uma realidade bastante complexa. “O aprimoramento teórico e metodológico permite ao profissional desenvolver competências para enfrentar os desafios diários e oferecer um atendimento de qualidade”, complementa.

Oportunidades

No concurso de Recife, há 10 vagas para o cargo de assistente social. Já em João Pessoa, as oportunidades são para cadastro reserva. Em ambos, a carga horária é de 30 horas semanais e os salários chegam a R\$ 3 mil. Os candidatos devem possuir graduação em Serviço Social, com diploma reconhecido pelo Ministério da Educação, e registro no conselho de classe.



Foto: Alessandra Serrão/NID-Comus

Trabalhador precisa ter sensibilidade para lidar com situações delicadas, como violência, fome, desemprego e pobreza

Rotina do assistente social inclui atendimentos individuais ou em grupo, elaboração de projetos e mediação de conflitos

Selic

Fixado em 19 de junho de 2024

10,50%

Salário mínimo

R\$ 1.412

Dólar \$ Comercial

+0,30%

R\$ 5,604

Euro € Comercial

+0,13%

R\$ 6,097

Libra £ Esterlina

+0,92%

R\$ 7,238

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Junho/2024 0,21

Maior/2024 0,46

Abril/2024 0,38

Março/2024 0,16

Fevereiro/2024 0,83



EQUIDADE DE GÊNERO

Projeto visa empoderar mulheres na construção

“Elas Transformam a Construção” vai capacitar 450 pintoras até outubro

Bárbara Wanderley
babiwonderley@gmail.com

“A mulher tem que estar empoderada, tem que mostrar a diferença, que a mulher é capaz, ela faz”. A frase da dona de casa Adenilce Custódio da Silva resume um pouco o sentimento das alunas e também o objetivo do curso de pintora promovido pela construtora MRV em João Pessoa.

O curso é parte do projeto “Elas Transformam a Construção”, criado pela construtora em parceria com a *startup* Ela Faz, que capacita mulheres em vulnerabilidade social para inserção no mercado de trabalho na

construção civil. O grupo tem como objetivo capacitar 450 mulheres até outubro de 2024.

As primeiras turmas foram formadas em Campinas, Curitiba e Belo Horizonte e, neste mês de julho, o projeto se expandiu para outras nove cidades brasileiras, incluindo João Pessoa. Na capital paraibana, os cursos estão sendo realizados na Associação Acolher para a Vida (AAPAV), no bairro de Mangabeira VIII. São duas turmas de 25 alunas cada: uma turma para o curso de pedreira azulejista e outra para o curso de pintura imobiliária, ambos com duração total de três meses.

“A experiência de liderar um

projeto de capacitação de mulheres em vulnerabilidade social para inclusão no mercado de trabalho no ramo da construção civil tem sido extremamente gratificante e transformadora. Desde o início, em novembro de 2022, quando realizamos a primeira turma do piloto, o objetivo principal foi criar oportunidades para essas mulheres, muitas vezes subestimadas e marginalizadas, permitindo que desenvolvessem habilidades valiosas e competitivas em um setor tradicionalmente dominado por homens”, afirmou a coordenadora da Qualidade e Pós-Entrega da MRV e líder do projeto, Ingrade Brandão.



Fotos: Roberto Guedes

Você tem noção do que é você construir um espaço onde você mesmo teve a sua mão de obra ali dentro?

Iedy Lopes Fernandes



Quando eu concluir esse curso, espero que apareça essa oportunidade de emprego

Adenilce Custódio da Silva

Vontade de aprender e trabalhar

“Quando eu soube que estava vindo esse curso pra João Pessoa, eu disse ‘opa, vou estudar!’. Porque eu fiz o terceiro ano científico, terminei os estudos e eu quis me profissionalizar em alguma coisa, aí apareceu essa oportunidade do curso de pintora. Estou amando o curso”, contou Adenilce.

Ela disse que, por estar com a casa em construção, está aproveitando para praticar os conhecimentos adquiridos na própria residência. “Não tem lugar melhor para fazer do que na minha casa”, afirmou. Mas ela não pretende parar por aí e acredita que pode fazer disso o seu próximo emprego. “Quando eu concluir esse curso, espero que apareça essa oportunidade de emprego. A pessoa se profissionalizar é muito bom e eu creio que vou chegar lá, a porta já está aberta”.

Outra aluna empolgada é Iedy Lopes Fernandes, estudante do curso para pedreira azulejista. Apesar de já ter outras formações, ela contou que é apaixonada por construção civil. “Sou da área da saúde e estou lidando sempre com médicos, e eu acho muito bonito, mas, na minha opinião, trabalhar na construção civil é maravilhoso. Você tem noção do que

é você colocar a mão na massa e construir um espaço onde você mesmo teve a sua mão de obra ali dentro? Pra mim é magnífico”, disse.

Iedy afirmou, inclusive, que já realiza vários serviços em casa. “Sou muito boa nisso. Só não coloco os tijolos, mas o resto eu faço tudo”, comentou. Sua outra paixão é estudar. “Tenho formação gastronômica e sou técnica de enfermagem, também tenho curso de bombeiro civil e técnica em segurança do trabalho. Eu gosto de ocupar mais o tempo estudando. Adquirir conhecimento nunca é ruim, sempre é muito bom”.

A assistente social Gizélia Rodrigues, responsável pela execução do projeto em João Pessoa, explicou que as aulas são conduzidas dentro da comunidade para que as mulheres não tenham dificuldades de transporte até o local das aulas. As 50 mulheres participantes são moradoras da comunidade Aratú.

Durante o curso, cujas aulas devem terminar em setembro, as mulheres também recebem cestas básicas. Elas também receberam fardamento e têm acesso a lanche durante as aulas, que são conduzidas por uma moni-

tora que é arquiteta e urbanista.

Gizélia contou que, na primeira cidade onde o curso foi realizado, 15 alunas acabaram sendo contratadas após a conclusão das aulas. Mas ainda que as recém-formadas não sejam absorvidas pela construtora MRV, podem usar seus certificados para conseguir emprego em outras empresas do ramo.

Ingrade Brandão detalhou que a execução do projeto segue cinco etapas essenciais: divulgação das vagas, captação de talentos, capacitação, convite para participar de seletivas do grupo/contratação e sensibilização dos colaboradores nos canteiros de obras (incluindo encarregados, engenheiros e mestres de obras).

“Estas etapas asseguram a estrutura necessária para receber as mulheres contratadas. A inclusão dessas mulheres no mercado de trabalho não só contribui para a redução das desigualdades de gênero, mas também para a melhoria das condições de vida de suas famílias. Com empregos estáveis e remunerados, elas têm a oportunidade de oferecer um futuro melhor para seus filhos e de quebrar o ciclo de pobreza e vulnerabilidade”, afirmou Ingrade.



Atualmente o projeto tem duas turmas: um curso de pedreira azulejista e outra para o curso de pintura imobiliária

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

O Brasil pede equilíbrio entre gastos e impostos

O Brasil está dividido em relação aos rumos da política econômica, com críticas crescentes ao ministro da Fazenda, Fernando Haddad, especialmente no que tange à cobrança de impostos. Memes circulam nas redes sociais retratando Haddad como alguém que gosta de aumentar impostos, refletindo a insatisfação popular com as políticas fiscais vigentes.

E com isso, voltamos ao velho dilema: cobrar mais impostos ou cortar gastos para promovermos o desenvolvimento sustentável, sereno e sem sacrificarmos mais a população?

A cobrança de mais impostos sempre foi uma medida controversa. Por um lado, pode aumentar a receita do governo, permitindo maior investimento em infraestrutura, educação e saúde. Por outro, a elevação da carga tributária pode desestimular o consumo e o investimento, afetando negativamente o crescimento econômico a médio e longo prazo. Segundo meus colegas economistas, aumentar impostos em um cenário de baixa confiança econômica pode aprofundar a recessão, reduzir o poder de compra dos consumidores e desincentivar investimentos empresariais. Eu faço parte dessa corrente.

Cortar gastos públicos é outra abordagem para melhorar a situação fiscal. Isso pode envolver a redução de despesas em programas sociais, funcionalismo público e investimentos em infraestrutura. Essa medida, embora eficaz na redução do déficit fiscal, pode ter consequências sociais severas, como o aumento do desemprego e da pobreza, e pode retardar o crescimento econômico devido à menor demanda agregada.

A decisão entre aumentar impostos ou cortar gastos deve considerar os impactos a médio e longo prazo.

O aumento de impostos a curto prazo pode aumentar a receita governamental rapidamente, mas pode sufocar o consumo e o investimento. A médio prazo pode resultar em estagnação econômica, com crescimento limitado e possível aumento da informalidade. E, a longo prazo, pode melhorar a infraestrutura e os serviços públicos, se bem administrado, mas corre o risco de desalentar a economia e manter alta a carga tributária.

Quanto ao corte de gastos, fazendo a mesma correlação temporal, a curto prazo teríamos provavelmente um equilíbrio orçamentário rápido, mas podendo causar desemprego e redução de serviços públicos essenciais. A médio e a longo prazo pode resultar em um ajuste fiscal mais sustentável e criar um ambiente fiscal mais saudável, sustentável, mas pode reduzir o crescimento econômico se não houver investimento suficiente em setores críticos. Ainda, corre o risco de aumentar a desigualdade e enfraquecer a proteção social se os cortes não forem bem direcionados.

Para o Brasil, a combinação de ambas as medidas, de forma equilibrada, pode ser a melhor abordagem. Aumentar a eficiência dos gastos públicos, reduzindo desperdícios e focando em áreas de maior retorno social e econômico, pode proporcionar espaço para reduzir a carga tributária sem comprometer a sustentabilidade fiscal. Simultaneamente, a reforma tributária pode ser ajustada para ampliar a base de arrecadação de forma progressiva, sem sobrecarregar os mais pobres ou desincentivar o investimento.

Há setores do Governo Lula que têm defendido uma abordagem equilibrada, buscando aumentar a arrecadação de forma justa e eficiente, enquanto propõe cortes de gastos que minimizem impactos negativos na economia e na população mais vulnerável. A população pede mais transparência sobre o tema.

CUSTO BRASIL

Ineficiência desperdiça 20% do PIB

Setor produtivo desembolsa R\$ 1,7 trilhão a mais do que a média dos países da OCDE para operar no país

Agência CNI

Se você vive, trabalha, consome ou produz no Brasil, você é uma das milhares de pessoas que pagam, juntas, R\$ 1,7 trilhão por ano pela ineficiência da economia brasileira. Esse é o tamanho do Custo Brasil, o valor que o setor produtivo gasta a mais do que a média dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) para produzir no Brasil. O Custo Brasil é como aquela gordura totalmente dispensável, não a da picanha, mas a do fígado.

O desperdício equivale a 20% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional e é maior do que o PIB de vários vizinhos na América do Sul, como Paraguai, Bolívia, Uruguai, Venezuela e Peru. E, juntamente com a carga tributária brasileira, também é a resposta para indignações coletivas como, por exemplo, por que um celular é mais barato no Estados Unidos do que no Brasil.

Quando uma empresa leva entre 1.483 horas e 1.501 horas no processo de apuração, preparação da documentação, declaração e pagamento de tributo, um tempo muito superior ao de qualquer lugar do mundo, é a mercadoria e o serviço nacional que ficam mais caros. A má qualidade da infraestrutura, como a falta de ferrovias, explica o elevado custo do frete.

O fato de o Brasil ter o terceiro maior *spread* bancário do mundo, atrás apenas do Zimbábue e de Madagascar, de acordo com o Banco Mundial, também eleva o preço final de uma mercadoria produzida no



Setor industrial desenvolveu documento com os 10 princípios para impulsionar a agenda de desenvolvimento do país; cinco deles têm relação direta com o Custo Brasil

país, pois ele impacta diretamente o custo do crédito, do financiamento para o capital de giro e o investimentos das empresas. O *spread* é a diferença entre a taxa que banco paga para captar o recurso e os juros que ele cobra para emprestar. Dados do Banco Central mostram que, em maio de 2024, a taxa de juros média para empresas era de 18,2% ao ano.

“O Custo Brasil é o chamado custo inútil. É inútil porque não agrega nada para ninguém. É uma desvantagem relativa quando o empresário brasileiro vai competir com o produto estrangeiro tanto no mercado interno quanto no mercado exterior”, explica o vice-presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Leo de Castro.

Competitividade

A CNI, em conjunto com as 27 federações estaduais de indústria e com 74 associações industriais, divulgaram a Declaração pelo Desenvolvimento da Indústria e do Brasil. No documento, o setor industrial apresenta os 10 princípios orientadores para impulsionar a agenda de desenvolvimento do país. Cinco deles têm relação direta com o Custo Brasil: sistema tributário moderno e eficiente; custo de capital; recursos humanos capacitados para a nova economia; qualidade regulatória; e energia e transportes mais baratos e eficientes.

O conselheiro executivo do Movimento Brasil Competitivo (MBC), Rogério Caiuby, conta que, há cerca de cinco anos, o MBC

desenhou o Custo Brasil, em uma forma de mandala com 12 grandes seguimentos, para torná-lo visível.

O desenho faz o caminho da vida de uma empresa e os obstáculos vivenciados da porta da fábrica para fora: abertura, financiar capital, contar com pessoas, infraestrutura, acessar insumos básicos como energia, segurança jurídica, questão tributária, participação em cadeias globais de valor, burocracia, inovação, competir e ser desafiado de forma justa e encerrar o negócio.

“A baixa qualificação dos recursos humanos é a parte que mais pesa no Custo Brasil, quando entra no mercado de trabalho. O segundo ponto que mais impacta é o fato de honrar tributos, seguido da falta de

infraestrutura e logística. E vivemos uma dicotomia no caso da energia. Temos a matriz energética mais limpa do mundo, no custo mais baixo, que se torna cara devido aos encargos e perdas do sistema. É um custo muito real que drena a capacidade de competir do setor produtivo”, explica Caiuby.

“A ideia é manter atualizado o valor do Custo Brasil a cada dois anos e acompanhar projetos mais maduros para entender até que pontos eles têm a capacidade de entregar o que era esperado deles. Um exemplo é o acesso à banda larga. Temos um projeto que foi aprovado que é o 5G, mas ele depende de outro, bastante polêmico, que é a questão das antenas. Então estamos acompanhando

para saber se, na próxima medição, ele terá um impacto nesse ponto da comunicação”, explica Caiuby.

“

Custo Brasil é o chamado custo inútil. É inútil porque não agrega nada para ninguém

Leo de Castro

CNI: reforma tributária apoia a indústria

O novo sistema de tributos sobre o consumo vai eliminar distorções que reduzem a competitividade da indústria, como a cumulatividade, o acúmulo de créditos tributários, a oneração dos investimentos e das exportações e os custos para calcular e pagar os tributos.

Na avaliação da CNI, será uma excelente mudança, principalmente neste momento em que o país discute como promover a neointustrialização da economia brasileira.

Até 2025, o Brasil preci-

■ Até 2025, o Brasil precisará qualificar 9,6 milhões de pessoas em ocupações industriais

sará qualificar 9,6 milhões de pessoas em ocupações industriais, sendo dois milhões em formação inicial — para repor inativos e preencher novas vagas — e 7,6 milhões em formação continuada, para trabalhadores que precisam se atualizar. Isso significa que 79% da necessidade de formação nos próximos quatro anos será em aperfeiçoamento.

O mercado de trabalho passa por uma transformação, ocasionada principalmente pelo uso de novas tecnologias e de mudanças na

cadeia produtiva. Por isso, cada vez mais, o Brasil precisará investir em aperfeiçoamento e requalificação para que os profissionais estejam atualizados.

Em quatro anos, devem ser criadas 497 mil novas vagas formais em ocupações industriais, saltando de 12,3 milhões para 12,8 milhões de empregos formais. Essas ocupações requerem conhecimentos tipicamente relacionados à produção industrial, mas estão presentes em outros setores da economia.

Energia e transportes mais baratos e eficientes

Os diversos subsídios e encargos embutidos na conta de luz do consumidor são um dos principais fatores para que o Brasil tenha uma das tarifas de energia elétrica mais altas do mundo. Pesquisa da CNI mostra que para 55% dos empresários industriais brasileiros, o excesso de subsídios do setor elétrico afeta diretamente a competitividade da indústria.

Outros 47% apontam que tais benefícios concedidos a determinados setores da economia — como a Conta de Consumo de Combustíveis (CCC), as Fontes Incentivadas e o subsídio para geração distribuída, são os responsáveis pelo elevado custo da conta de luz no país. Levantamento da CNI com base em dados da Agência Nacional de Energia Elétrica

(Aneel) mostra que esses encargos somados aos impostos representam 44,1% do valor da conta de luz. Segundo os dados, os custos conjunturais (compostos pela Conta Covid e pela Escassez Hídrica) e estruturais somaram em 2023 um total de R\$ 102,35 bilhões.

Dentro dos custos estruturais destaca-se a Conta de Desenvolvimento Energético. Criada em 2002, a

chamada CDE impactou a conta de luz no ano passado em R\$ 40,1 bilhões — em 10 anos a conta saltou de R\$ 14,1 bilhões para a cifra atual. A CDE é um fundo setorial que tem como objetivo custear diversas políticas públicas do setor elétrico brasileiro, entre as quais subsídios para fontes incentivadas de energia, para o carvão mineral e para a geração distribuída.

SINTEM
Filiado à CUT/CNTE

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO
Av. Tabajaras - 799 - Fone 3222 6125 - Centro - João Pessoa - PB
www.sintempj.org.br

EDITAL DE ELEIÇÃO

A Comissão Eleitoral do SINTEM, eleita democraticamente em Assembleia Geral realizada no dia dezessete de julho de dois mil e vinte e quatro (17/07/2024), no uso das atribuições que lhe confere o Estatuto do SINTEM, torna público que no dia vinte e três de agosto de dois mil e vinte e quatro (23/08/2024), realizar-se-ão as Eleições do SINTEM para o quadriênio 2024/2028, com 30 (trinta) urnas fixas nos locais de votação abaixo relacionados, com início às oito (08:00) horas e término às vinte (20:00) horas. As chapas interessadas em fazerem suas inscrições deverão comparecer a partir do dia vinte e dois de julho de dois mil e vinte e quatro a seis de agosto de dois mil e vinte e quatro (22/07/2024 à 06/08/2024), em dias úteis no horário das oito às dezessete horas (08:00 às 17:00), na sede do SINTEM sito à Avenida dos Tabajaras, 799, Centro, João Pessoa, PB. Para a inscrição de chapas será necessário que os candidatos estejam em consonância com o capítulo III, Art. 4º, § 1º alínea a, b, c, incisos I, II e VI do Estatuto do SINTEM e apresente os seguintes documentos comprobatórios:

- 1- Requerimento de inscrição fornecido pela Comissão Eleitoral;
- 2- Xerox da Carteira de Identidade dos candidatos;
- 3- Xerox do contracheque do mês de junho de 2024;
- 4- Documento comprobatório de sindicalizado adimplente há pelo menos 03 (três) anos sem interrupções até a data da publicação deste Edital, emitido pela tesouraria do sindicato;
- 5- Assinar declaração fornecida pela Comissão Eleitoral se comprometendo se eleito for e caso venha exercer o cargo na diretoria, no ato da posse solicitar exoneração do cargo comissionado na PMJP;
- 6- Carta programa.

Locais de Votação: 2 (duas) urnas na Sede do sindicato (Centro), 1(uma) urna no CEMAPI (Centro Escolar Municipal de Atividades Pedagógicas Integradoras Arthur da Costa Freire- Mangabeira VIII), 1(uma) urna na SEDEC (Secretaria de Educação e Cultura- Água Fria), 26 (vinte e seis) urnas distribuídas nas seguintes Unidades de Ensino: Mathias Freire (Torre), Anita Trigueiro do Vale (Altiplano), João Gadelha (Mangabeira VII), João Santa Cruz (Bairro dos Novais), Oscar de Castro (Cruz das Armas), Senador Ruy Carneiro (Mandacaru), Violeta Formiga (Mandacaru), Afonso Pereira (Mangabeira VIII), David Trindade (Mangabeira), Francisco Edward (Jaguaribe), Francisco Pereira da Nóbrega (Cristo), Dumerval Trigueiro (Rangel), Ubirajara Targino Botto (Cristo), Ana Nery (Alto do Mateus), Domerval Câmara (Valentina), Dom Marcelo Pinto (Valentina), Carlos Neves da Franca (José Américo), João Monteiro (Vieira Diniz), Monteiro Lobato (Costa e Silva), Anayde Beiriz (B. das Industrias Cid. Verde), Nominando Diniz (Funcionários II), Anísio Teixeira (Esplanada I), Antenor Navarro (Gramame), Zulmira de Novais (Cruz das Armas), José Eugênio (Geisel), Edme Tavares (B. Industrias).

A urna que funcionará na SEDEC terá início às 08:00h (oito horas), e será lacrada às 17:00h (dezessete horas), tendo em vista o término do expediente deste órgão.

No ato da inscrição as chapas devidamente inscritas receberão o Regimento pertinente ao Processo Eleitoral. A Diretoria do SINTEM será composta por 26 (vinte e seis) membros (sendo 16 titulares e 10 suplentes), cuja inscrição para concorrer às eleições deverá ser feita por chapa completa conforme o Art. 38 do Estatuto do SINTEM. O número da chapa corresponderá a ordem de inscrição junto à Comissão Eleitoral.

João Pessoa, 20 de julho de 2024.

Lygia Lúcia Fernandes
Presidente da Comissão Eleitoral

COMUNICADO DE FALECIMENTO DE PESSOA NÃO IDENTIFICADA

O Instituto de Polícia Científica do estado da Paraíba comunica que se encontra nas dependências do Núcleo de Medicina e Odontologia Legal, NUMOL, da cidade de João Pessoa - PB, um corpo em a vida pertencera a PAULA MARIA DA SILVA; registrado sob o número 03.01.01.032024.11211, NIC 2024-3947, sexo Feminino, com idades estimada de 42 anos, cor parda, cabelos crespos, estatura 1,60m, constituição física boa, sem sinais particulares. Falecido em 30/03/2024 no Hospital Clementino Fraga, nesta Capital. Informações adicionais estão disponíveis no NUMOL, sito à Rua Antônio Teotônio, S/N, Bairro Cristo Redentor da cidade de João Pessoa - PB.

Flávio Rodrigo Araújo Fabres
Perito Oficial Médico Legal Classe Especial
Chefe do NUMOL/JP

“HACKATHONS”

Secties promove letramento digital

Nos dias 29 a 31 de julho, acontecerá a “Maratona de inovação” com finalistas da primeira etapa do projeto “Aquilomba”

Ascom Secties

A Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Educação e Ensino Superior (Secties), com o apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq), estará coordenando dois *hackathons* nas próximas semanas. Nos dias 29 a 31 de julho, acontecerá a “Maratona de inovação” com os finalistas da primeira etapa do projeto “Aquilomba, Paraíba: um projeto de sustentabilidade e inovação social do TRT-13” (Tribunal Regional do Trabalho – 13ª Região). Além disso, entre os dias 6 e 9 de agosto acontecerá o Hackathon Camping Digital, durante a 10ª edição da Expotec.

Conhecidas pelo nome em inglês “*hackathon*”, as maratonas de inovação são ferramentas metodológicas para o letramento digital que proporcionam imersão na cultura digital. Em um ambiente propício, as equipes inscritas recebem um desafio ligado ao tema proposto e contam com um prazo de tempo determinado para entregar uma solução – um projeto. Este momento de apresentação, geralmente marcado pela tensão dos participantes e expectativa da banca examinadora, é chamado de “*pitch*”.

Além de serem absorvidas de forma competitiva, nas *hackathons* de fundo socioambiental, como as que serão realizadas pela Secties/Fapesq, espera-se que as soluções apresentadas equacionem problemáticas que se

refletem não só localmente como também em outras regiões, com olhar nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODS).

O secretário de Estado da Secties, Claudio Furtado, observa que a secretaria tem utilizado maratona de ideias, *hackathons* ou *game jams* como uma ferramenta de promover resposta a problemas reais. “Um *hackathon* ou um *game jam* nada mais é do que ter um problema real colocado uma determinada área, e o participante vai criar um produto para dar resposta àquele problema. Isso nos mais diversos níveis, pode ser uma solução inicial, ou, em outra maratona, já se pode chegar no MVP (produto minimamente viável)”.

Participar de um *hackathon* proporciona imersão na cultura digital, incluindo práticas ágeis, uso de plataformas de colaboração on-line e exposição a tendências tecnológicas emergentes. Esses eventos incentivam o aprendizado autodirigido, onde os participantes buscam ativamente informações e aprendem novas habilidades por conta própria, uma característica importante do letramento digital.

O despertar dessa intuição voltada para a tecnologia foi um dos objetivos do “Aquilomba, Paraíba: um projeto de sustentabilidade e inovação social do TRT-13”. Chegar à participação no *hackathon* significa o cumprimento de etapas anteriores que pavimentaram o conhecimento



Secretário Claudio Furtado, (foto abaixo, à direita) observa que a secretaria tem utilizado maratona de ideias, *hackathons* ou *game jams* como uma ferramenta de promover resposta a problemas reais

sobre tecnologia e a constituição da cidadania. A atividade será composta por 12 equipes integradas por 4 participantes cada uma, selecionados a partir de um trabalho prévio aplicado pelo TRT-13 e parceiros estratégicos, entre eles, a Secties.

“O *hackathon* com TRT é voltado para as comunidades

quilombolas. É um esforço de promover a questão da inclusão digital, do letramento digital, para haver uma inserção dessas pessoas com produtos e serviços no mundo do trabalho, olhando para os quilombos”, continua Furtado.

Já na Expotec, a ideia é um *hackathon* que pense no tema básico da sustentabilidade.

“Segundo alguns especialistas, os grandes unicórnios, as grandes empresas vêm da solução de problemas mais difíceis que nós temos hoje, que estão relacionados à questão do clima, do meio ambiente e da nossa convivência aqui nessa grande nave chamada Terra”, frisa Claudio Furtado; “a melhoria da nossa convi-

vência para que a gente possa usufruir bem de tudo o que a Terra nos oferece, mas também que possamos dar retorno de forma sustentável por meio de uma economia verde, uma química verde, o hidrogênio verde, numa convivência mais harmônica e longa com o nosso meio ambiente”, completou.

Projeto de sustentabilidade e inovação social do TRT-13

O “Aquilomba, Paraíba: um projeto de sustentabilidade e inovação social do TRT-13”, dialoga com o compromisso do Poder Judiciário com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e a Agenda 2030 da ONU.

Jamilly Rodrigues Cunha, assessora-chefe da Assessoria de Projetos Sociais e Promoção dos Direitos Humanos do TRT-13, explica que uma das mis-

sões de um Tribunal da Justiça Social é promover oportunidades para o enfrentamento das desigualdades. “Há uma série de documentos jurídicos normativos que falam em políticas de equidade racial, de equidade de gênero, da importância de criar políticas para a população em situação de rua; nesse sentido, a gente precisa sair dos nossos muros e ir até os territórios, às comunidades, dialogar

com essas pessoas que estão em situação de vulnerabilidade, que estão, inclusive, sendo vítimas ainda de trabalho análogo à escravidão, que têm em seus territórios situações de trabalho infantil, que estão nos trabalhos precarizados”.

O “Aquilomba, Paraíba” foi até os territórios quilombolas. São 50 na Paraíba.

A primeira fase do projeto foi a doação de computadores para cada comunidade. Foi alinhada uma parceria com a Associação Nacional para Inclusão Digital para o fornecimento gratuito de acesso à internet. Um segundo momento foi a capacitação tecnológica de integrantes de 12 comunidades.

Nesse ínterim, foi criado um prêmio com o objetivo de envolver as comunidades no projeto, promover boas práticas locais e abordar questões como cidadania, direitos humanos e trabalho decente.

O “Prêmio Gertrudes Maria” consiste na produção de uma redação, na produção de vídeos e na participação no Hackathon Camping Digital que será no fim de julho, em João Pessoa.

“Vou citar como um exemplo: temos no TRT-13 37 aprendizes que são quilombolas, indígenas, venezuelanas, meninas trans e pessoas com deficiência”, conta Jamilly Rodrigues Cunha.

Camping Digital ocorrerá como parte da programação Expotec 2024

Em outra frente, o Hackathon Camping Digital ocorrerá como parte da programação Expotec 2024 e é aberto a estudantes matriculados em instituições de ensino superior da Paraíba com idade igual ou superior a 18 anos. As inscrições são gratuitas, podem ser feitas pela internet, pelo site da Secties ou da Fapesq e encerram dia 31 de julho. Será realizado em parceria com as Secretarias de Estado do Meio Ambiente (Semas) e da Juventude.

O desafio para as equipes é promover soluções inovadoras que utilizem tecnologias (aplicativos *web*, *mobile* e *hardware*, dentre outros), observando o tema: “Sustentabilidade digital e inovação para um futuro viável”.

“Esta edição do Hackathon consiste em um esforço concentrado nos moldes de Camping Digital Imersão Contínua, na qual os participantes permanecem por um longo período da criação do produto até o *pitch*, quando a banca escolherá os três melhores projetos”, explica Giovania Lira.

As três melhores equipes ganharão R\$5 mil para o desenvolvimento de um Produto Mínimo Viável (PMV) na primeira fase e R\$20 mil para a evolução do PMV e ida ao mercado. Terão mentorias especializadas e oportunidade de incubação no Parque Tecnológico Horizontes da Inovação por seis meses.

Ambiente de aprendizado

Uma *hackathon* proporciona um ambiente de aprendizado intensivo e prático, onde os participantes são desafiados a resolver problemas reais usando habilidades digitais, o que estimula o desenvolvimento rápido de competências técnicas e digitais. Durante o evento, os participantes utilizam várias tecnologias e ferramentas digitais para criar soluções, desenvolvendo habilidades práticas em programação, *design*, gestão de projetos, entre outras.

Os *hackathons* geralmente são eventos colaborativos, onde o trabalho em equipe é essencial, fortalecendo a habilidade de trabalhar em

grupo, comunicação e resolução de problemas em um contexto digital.

Além disso, os desafios apresentados exigem pensamento crítico e criativo, fazendo com que os participantes inovem e encontrem soluções novas para problemas complexos, uma competência fundamental no letramento digital.

Os participantes recebem *feedback* contínuo durante o evento, permitindo a interação rápida e o aprimoramento de suas soluções, refletindo um ciclo de aprendizado contínuo e adaptável.

Ela dá como exemplo de letramento digital em *hackathons* a construção de aplicativos e soluções tecnológicas (programação e desenvolvimento de *software*), a criação de interfaces de usuário intuitivas e atraentes (*design* e *UX*), o planejamento e gestão do desenvolvimento de um projeto digital (gestão de projetos) e a utilização de plataformas de colaboração, *frameworks* de desenvolvimento e outras ferramentas tecnológicas.



Trabalho desenvolvido tem critérios muito bem definidos

ATAQUE DE FUNGOS

Palmeiras-imperiais em perigo

Levantamento feito pela Semam mostra que 40 árvores da espécie morreram somente neste ano, na capital

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

O paredão de árvores que recebe quem passa pelo Parque da Lagoa, um dos principais cartões-postais de João Pessoa, está um pouco diferente nas últimas semanas. Em alguns pontos, o verde exuberante perdeu espaço para o acinzentado de caules ressecados, impactando a paisagem e estampando um problema ambiental: a morte de palmeiras-imperiais, da espécie *Roystonea oleracea*.

Só neste ano, a cidade perdeu 40 exemplares que ornamentavam o Parque da Lagoa, a Avenida Getúlio Vargas e a Avenida Epitácio Pessoa. A causa, segundo o engenheiro agrônomo e diretor de Controle Ambiental da Secretaria do Meio Ambiente de João Pessoa (Semam), Anderson Fontes, foi o ataque de fungos apodrecedores do sistema radicular, que quebra o pescoço das palmeiras. O fungo penetra em toda a planta pela raiz, impedindo que se alimente da sua seiva, provocando o ressecamento das folhas. “Os primeiros sintomas são as folhas amarelando, depois começam a secar e vão definhando até cair completamente. Por isso que se chama quebra do pescoço. Elas ficam totalmente sem folhas. Nessa fase da doença, infelizmente, não é mais possível salvá-la e ela morre”, explica.

Anderson esclarece, ainda, que o solo contaminado pode facilitar o alastramento desses fungos. Por isso, a Semam tem intensificado o combate às doenças, com aplicação de uma mistura de dois tipos de fungicida (à base de cobre e com tiabenzanol). “Essa aplicação é realizada diretamente no solo, na projeção abaixo da copa da planta, onde se encontra o sistema radicular dela. Molhamos até o raio de um metro e meio da planta adulta,

que permaneceu junto às árvores que foram atacadas pelos fungos, para controlar o patógeno que esteja avançando”, destaca.

Além disso, a Divisão de Arborização e Reflorestamento (Divar) da Semam tem trabalhado exclusivamente na monitorização das árvores da cidade, para prevenir e diagnosticar a presença de exemplares com doenças. Composto por técnicos habilitados em fitopatologia e entomologia, o departamento utiliza equipamentos adequados para realizar o diagnóstico ainda no início da doença, quando o tratamento é eficaz. “Nós fazemos um trabalho contínuo em duas frentes: prevenção e controle da doença. A prevenção se dá por meio de podas bem feitas, assepsia, manutenção de adubação em árvore. Quando a planta já está infectada, focamos no combate e no controle, para impedir que se espalhe e que mate a palmeira”, resume Fontes.

Mesmo com as ações preventivas e de combate às doenças, algumas árvores não resistem e morrem, como aconteceu com as 40 palmeiras-imperiais. Nesse caso, a Semam retira a árvore, desinfeta o solo e faz o reflorestamento. “Tratamos o solo e as árvores ao redor, para que possa receber uma nova palmeira saudável. É feito todo um estudo, um preparo da área para colocar a planta certa no local certo”, complementa Anderson.

Considerada uma das palmeiras mais altas do mundo, a palmeira-imperial chega a até 40 m quando adulta e tem um crescimento rápido, podendo atingir 1 m por ano. As folhas também são extensas, entre 3 m e 5 m de comprimento, enquanto o caule é liso, de uma coloração cinza-escuro, e os frutos cilíndrico-alongados, na cor roxa. É uma das mais belas e importantes espécies de palmeira.

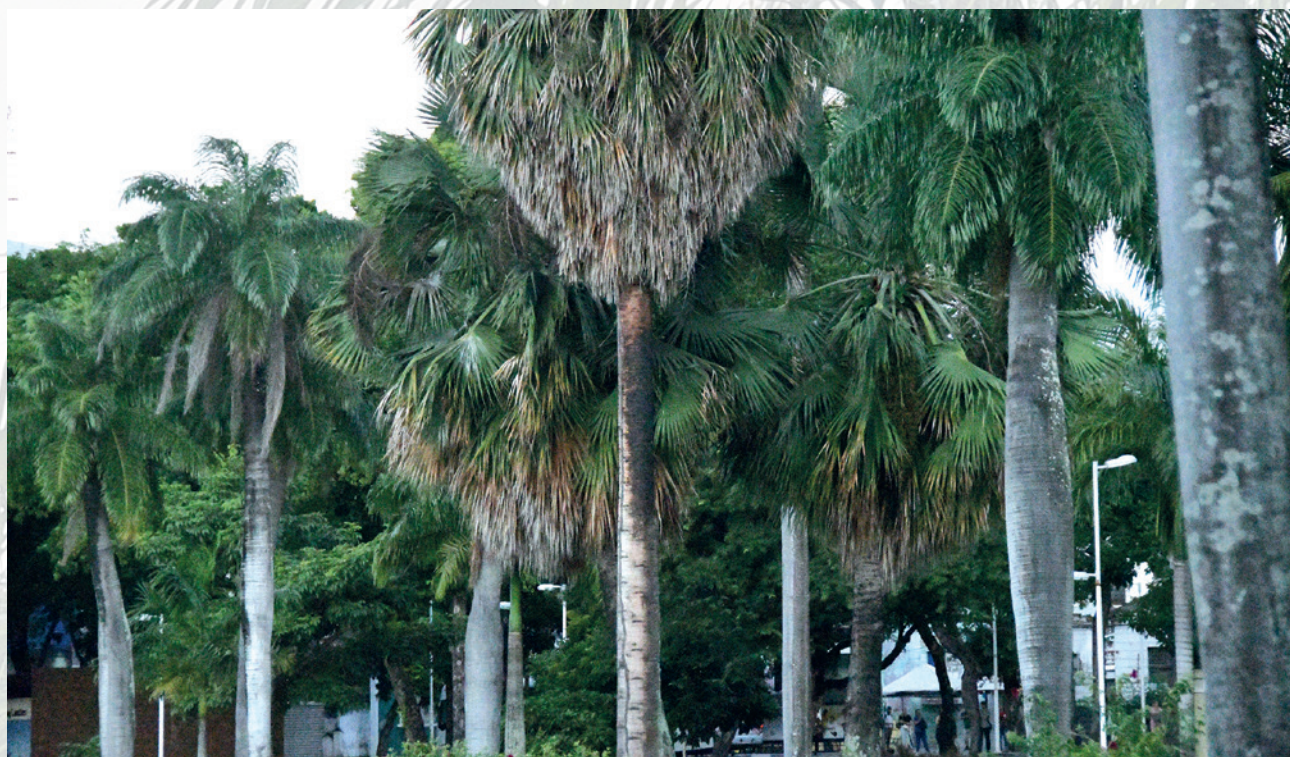


Foto: Carlos Rodrigo

Solo contaminado favorece o alastramento dos patógenos, que penetram nas plantas pela raiz e as fazem definhar

Trazidas no século 19 pela Família Real, árvores marcam a história do Brasil

A palmeira-imperial está entre as árvores que mais marcaram a história e a imagem do Brasil. Vista à frente de grandes casas, fazendas, solares, edifícios públicos e praças, é, até hoje, um importante elemento para o paisagismo. “As palmeiras são fundamentais no paisagismo urbano por sua estética imponente e versatilidade. Elas transformam áreas urbanas em espaços mais atrativos e agradáveis, contribuindo para a qualidade de vida dos moradores. Além disso, possuem importância histórica significativa, sendo símbolos de prosperidade e *status*”, destaca o arquiteto, paisagista e chefe da Divisão de Licenciamento Ambiental da Semam, Arthur Brasileiro, que também é membro do Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Paraíba (CAU-PB).

Originária das Antilhas, na América Central, foi trazida ao Brasil pela Família Real, no século 19. Por isso, ganhou no nosso país o nome de palmeira-imperial ou palmeira-real. A primeira delas, como explica Arthur Brasileiro, foi plantada em 1809, pelo então príncipe Dom João VI, tornando-se

símbolo da aristocracia brasileira. Todas as palmeiras-imperiais cultivadas no país descendem dessa primeira palmeira, que foi batizada de Palma Mater.

De lá para cá, espalhou-se pelo país. Só na capital paraibana, são 1.800 exemplares nas ruas, avenidas, praças e parques. O número é 157% maior que o registrado até junho do ano passado, quando havia 700 exemplares na cidade. “Com sua capacidade de se adaptar a diferentes climas e solos, e de exigir pouca manutenção, são ideais para praças, avenidas e jardins”, atesta o paisagista. Mas é no Parque Solon de Lucena que elas formam o cenário mais marcante de João Pessoa, sendo o maior anel viário interno do Brasil com palmeiras-imperiais originais da época do Império, vindas diretamente do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

João Pessoa também ostenta a maior concentração de palmeiras-imperiais por metro quadrado, no Parque Arruda Câmara (Bica). Em 11 m², há 13 espécies plantadas. “Não existe nada, desse tipo, em outro local do país.

É um número alto por metro quadrado; não seria possível fazer isso hoje”, atesta Anderson Fontes.

Outras espécies catalogadas

Além das palmeiras-imperiais, João Pessoa possui outros 14 tipos de palmeiras catalogadas. Entre elas, a pindoba, planta totalmente nativa da Mata Atlântica. “Nós temos, também, as palmeiras açai, coqueiro, macaíba, palmeira buriti, carnaúba, palmeira catolé, palmeira letânea, palmeira areca bambu, as palmeiras de manilha, as palmeiras da China, as palmeiras rabo de peixe, a triangular e as palmeiras mexicana, para fins, principalmente, de paisagismo”, complementa Anderson Fontes. Todas as espécies catalogadas são acompanhadas pela Semam, mesmo em locais privados.

Caso alguém tenha interesse em cadastrar a espécie cultivada em local privado, pode entrar em contato com a Semam, pelo número (83) 3213-7018. “Conversamos sobre doenças, tratamentos e questões nutricionais, por exemplo, para que as plantas sejam conservadas”, finaliza Fontes.

Com valor cultural, plantas precisam ser preservadas

Que o plantio das palmeiras-imperiais embelezam a cidade, não há dúvidas. Mas os benefícios ultrapassam a questão estética, segundo o paisagista Arthur Brasileiro. Elas servem de habitat e fonte de alimento para várias espécies de fauna urbana, ajudando a equilibrar o meio ambiente, e ainda contribuem para a qualidade do ar, tornando os espaços mais agradáveis.

Por isso, a preservação da

vegetação é crucial para a biodiversidade e os benefícios ecológicos que proporcionam. “Sua conservação também tem valor cultural e histórico, muitas vezes associada à identidade e ao patrimônio das cidades. Proteger essas plantas garante que futuras gerações possam desfrutar de seus benefícios e beleza, promovendo um ambiente urbano mais saudável e sustentável”, ressalta o paisagista.

Saiba Mais

Uma palmeira-imperial pode viver mais de 120 anos em ambientes urbanos, mesmo a planta sofrendo interferências provocadas pelo homem, a exemplo da poluição causada pelos automóveis. Para se ter uma ideia da longevidade dessa espécie, a Palma Mater morreu devido a um raio, em 1972, durando 163 anos.



Foto: Roberto Cuedes

PARIS 2024

George no palco dos Jogos

Paraibano fala de sua expectativa para as Olimpíadas e espera repetir o conterrâneo Zé Marco

Danrley Pascoal
danrley.p.c@gmail.com

Elisa Marinho
elisabmjornalista@gmail.com

Um dos representantes da Paraíba nos Jogos Olímpicos de Paris 2024, George Wanderley, conversou com a Rádio Tabajara sobre sua trajetória no esporte. Atleta de vôlei de praia, ele faz dupla com o capixaba André Stein, os dois disputarão o torneio da modalidade entre os dias 27 de julho e 10 de agosto na capital francesa. As partidas serão na Arena Torre Eiffel, com mais de 10 mil metros quadrados, o local pode receber mais de 12 mil torcedores. Os atletas já estão em Paris.

A classificação para os Jogos Olímpicos veio após uma ótima campanha no Circuito Mundial, que concede pontos para a corrida olímpica. Nas etapas do torneio, George e André conquistaram duas medalhas de ouro, duas de prata e uma de bronze. Com esse desempenho, o paraibano garantiu o passaporte para participar da primeira Olimpíada de sua vida.

“

Não só eu que sou daqui, mas vários outros atletas sabem que as etapas de João Pessoa são especiais. Todo mundo gosta de jogar aqui e realmente tem um legado. Desde o Zé Marco, que foi o primeiro paraibano a ir aos Jogos que voltou ao Brasil com medalha

George Wanderley

A entrevista

■ *Eu queria que você começasse contando um pouco da tua história com o vôlei de praia?*

Sendo sincero, começou sendo só um sonho. Eu não tinha muita afinidade com o vôlei de praia, sempre fui um atleta que pratiquei vários esportes, já pratiquei tênis, futebol, basquete e natação. Meus pais sempre me incentivaram muito no esporte, isso me deixou tranquilo para decidir o esporte que eu mais gostava. Eu sempre fui mais do basquete, que é o esporte que eu realmente gosto muito. Mas o vôlei de praia, para mim, remete mais a algo familiar, meu pai praticou, minha mãe também. Nos fins de semana, meu pai sempre levava a gente para praia onde ele batia uma pelada. Ali fui tomando gosto por aquele clima de amizade e de tiração de onda. Um ambiente competitivo, com aquela resenha, então fui tomando gosto por isso e fui melhorando também. Logo depois, eu vi que daria pra mim ir mais longe. Meus pais me incentivaram muito quando eu comecei a competir nacionalmente. Me destaquei desde mais novo, eu me dedico desde os 15 anos a esse esporte e, hoje, estar podendo disputar uma Olimpíada, representando a Paraíba, representando o Brasil, realmente é um sonho. Um sonho não só meu, mas de toda a minha família, de todos os meus amigos e de toda a nossa equipe também. Então, eu estou muito feliz.

■ *Qual foi a virada de chave? O momento em que viu que aquilo seria parte de sua vida durante um bom tempo, seria sua profissão?*

Foi bem no início, quando eu tinha por volta de uns 15 ou 16 anos, ali eu tive a minha primeira convocação para Seleção Brasileira. Também teve um torneio brasileiro, aqui em João Pessoa, numa categoria acima da minha, eu fiquei em quarto lugar. Desde então, passei a enxergar que realmente daria para ser um profissional. Vencer uma categoria acima, no cenário brasileiro, é destacável para um adolescente. Então, passei a ser convocado para seleção de base com frequência, ali comecei a me dedicar ainda mais. Quando optei por mergulhar realmente no vôlei, meus pais abraçaram a ideia, mas sempre me deixando com os pés no chão para não largar a escola. Então, fiz muito esforço para terminar os estudos. Na época da escola, tive que deixar de fazer algumas provas e o pessoal acabou sendo muito compreensível, foram gente boa comigo, porque entendiam que eu estaria representando a Paraíba e o Brasil. Na época, eu tive que decidir fazer essa separação, estudar ou me dedicar mais ao esporte. No meu último ano de colégio, eu já jogava no profissional, acabei o Circuito Nacional em terceiro.

■ *Quais lembranças você tem das suas primeiras conquistas no profissional?*

O meu primeiro pódio foi com Guto Dulinski, naquele momento, falando em termo de futebol, era como se fosse a Série B. Guto foi também meu primeiro parceiro profissional. Acho que eu tinha de 17 para 18 anos e realmente foi muito especial. Ele já tinha sido Rei da Praia, tinha ganhado vários torneios e se juntou comigo, apenas um menino inexperiente. Ele soube me passar várias experiências que já tinha vivenciado. Meu primeiro pódio na Série A foi com outro paraibano, Joalisson Gomes (Jô Gomes). Na minha primeira etapa com ele, a gente já fez um pódio. Eu me tornei o atleta mais jovem a subir no pódio do Circuito Brasileiro, esse tor-

neio foi bem marcante porque eu joguei contra vários atletas que só assistia na TV.

■ *Qual foi a conquista que mais te emocionou?*

Com certeza foi a etapa do Circuito Brasileiro daqui de João Pessoa (2016/2017). Eu lembro que foi muito especial, estava minha família, meus amigos, todo mundo ali. É realmente emocionante só de lembrar, porque fazia vários anos que eu sonhava em jogar em João Pessoa. E, sinceramente, eu nem esperava ganhar naquele ano, mas foi algo muito marcante que guardo na minha memória desde então.

■ *Qual o significado do CT Cangaço na sua vida?*

Sempre foi uma fonte de inspiração. Desde novo, por influência do meu pai, eu sempre via grandes nomes treinando no CT Cangaço. Ricardo e Emanuel, Jorge e Renatão, além de vários outros nomes que passaram por lá. Eu lembro que, nos primeiros anos, treinando com esse pessoal, recebia dicas, treinava com eles. Sempre foi uma inspiração poder ter essa proximidade com ídolos do esporte e, que hoje são amigos. O CT Cangaço proporcionou isso para mim.

■ *Pode falar um pouco dessa responsabilidade, digamos assim, que é manter a Paraíba como uma grande referência do vôlei de praia?*

Eu sei que tem essa responsabilidade, João Pessoa e especificamente a Paraíba respira muito o vôlei de praia, a gente pode ver isso nas etapas daqui. Não só eu que sou daqui, mas vários outros atletas sabem que as etapas de João Pessoa são especiais. Todo mundo gosta de jogar aqui e realmente tem um legado. Desde o Zé Marco, que foi o primeiro paraibano a ir aos Jogos, que voltou ao Brasil com medalha. Teve o Álvaro Filho, também nos Jogos de Tóquio, que marcou presença. E, agora, eu estou seguindo esse legado. Eu sei que tem essa responsabilidade, mas é um orgulho poder representar um estado, o meu estado, que tem uma história tão bonita no esporte. Realmente, estou muito feliz de ir para Paris.

■ *Fala da preparação e da reta final dos trabalhos até o início da competição olímpica. Como é que está o ritmo dos treinos? O que vão fazer nesses últimos dias?*

Nesses últimos dias, treinamos com a dupla que hoje é a equipe número 1 do mundo, Ahman e Hellvig da Suécia. Fizemos um *camping* com eles. Agora, estamos em Paris, já com um bom ritmo de jogo. O *camping* foi muito proveitoso, aprendemos um pouco com os melhores do mundo. Trocamos experiências com eles, temos que tirar o máximo proveito disso.

■ *Você consegue se imaginar no pódio em Paris?*

A gente vem fazendo um trabalho de visualização de algumas situações com a nossa psicóloga. Não só da questão do pódio, mas também em relação à conquista da medalha, de estar na arena lotada, deve ser muita gente e um barulho ensurdecedor. Então, a gente está se visualizando, tanto para as coisas ruins quanto para as coisas boas. Claro, principalmente para as boas, obviamente. Mas estou bem confiante e espero fazer nosso melhor. Se Deus quiser, nós vamos voltar com uma medalhinha.



Equipe do Brasil no *camping* de treinamento na Suécia antes das olimpíadas; George (da esquerda para a direita) é o terceiro agachado ao lado de André Stein

Foto: Arquivo pessoal

FELIPE GARCIA

Atleta consegue feito em Paris 2024

Velocista é o primeiro homem brasileiro a ser convocado para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos no mesmo ano

Foto: Alexandre Schneider/CPB

Após a mesatenista Bruna Alexandre ser a primeira atleta paralímpica brasileira apta a disputar os Jogos Olímpicos e Paralímpicos no mesmo ciclo, o velocista Gabriel Garcia, 26, tornou-se o primeiro homem do país convocado para ambos os eventos na mesma temporada. Os dois estarão em Paris a partir do fim deste mês.

Natural de Presidente Prudente, cidade que fica a cerca de 550 km de São Paulo, o paulista teve o primeiro contato com o atletismo ainda jovem, já que o município tem tradição na modalidade. Foi lá que a equipe olímpica do revezamento 4x100m, formada por Vicente Lenilson, Edson Luciano Ribeiro, André Domingos e Claudinei Quirino, medalhista de prata nos Jogos de Sydney 2000, na Austrália, treinou sob o comando do técnico Jayme Netto.

E também foi em Presidente Prudente que Gabriel conheceu e se tornou o atleta-guia da velocista paralímpica Jerusa Geber, 42, considerada a atleta cega mais rápida do mundo por ter feito os 100m em 11s83 durante a 1ª Fase Nacional do Circuito Loterias Caixa de Atletismo 2023. O recorde mundial

da acreana, inclusive, foi conquistado ao lado do paulista. Além de Jerusa, Gabriel conheceu na cidade o técnico e o marido dela, Luiz Henrique Barboza. Juntos, eles formam o que os próprios chamam de "Time Jerusa".

"Ser convocado para os Jogos Olímpicos me dá uma sensação de gratidão, felicidade e dever cumprido. Eu, a Jerusa e o Luiz pensamos muito para dar tudo certo, inclusive na minha carreira solo. Agora, fomos recompensados com essa convocação para os Jogos Olímpicos. Não cheguei a esse feito sozinho. Nós três sempre estamos batalhando juntos para chegarmos aos nossos objetivos. Estou muito orgulhoso e muito grato ao Time Jerusa. É um ano muito importante para nós", afirmou Gabriel que vai competir em Paris no revezamento 4x100m.

Ao lado da acreana, Gabriel disputou os Jogos Paralímpicos de Tóquio 2020. Eles foram bronze nos 200m da classe T11 (atletas com deficiência visual). Ainda no atual ciclo, foram bicampeões mundiais nos 100m (Paris 2023 e Kobe 2024), bem como ficaram com o ouro na mesma prova nos Jogos Parapan-Americanos de Santiago 2023.



Jerusa Geber e Gabriel Garcia exibem suas medalhas de campeões mundiais em Paris 2023 e estarão juntos novamente na cidade-luz

"Tenho certeza de que todos os atletas-guia do Movimento Paralímpico brasileiro também estão felizes com a minha convocação para os Jogos Olímpicos. Eles sempre falam que eu represento toda a classe", finalizou Gabriel.

Antes de Bruna Alexandre e Gabriel Garcia, o timoneiro da delegação pa-

ralímpica brasileira. Gauchinho morreu em 2023. O Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) já convocou 274 participantes de 19 modalidades para os Jogos Olímpicos de Paris 2024. Essa já é a maior delegação brasileira convocada para uma edição dos Jogos fora do

Brasil. Antes, a maior equipe nacional era de 259 convocados em Tóquio 2020. O recorde de participantes do país foi nos Jogos do Rio 2016, ocasião em que o Brasil sediou o megaevento e contou com 278 atletas em todas as 22 modalidades já classificadas automaticamente.

REFERÊNCIA

GOALBALL

Brasil vai iniciar a defesa do título no dia 29 de agosto contra a França

A organização dos Jogos Paralímpicos de Paris 2024 divulgou a tabela do torneio de goalball, que só havia sorteado os grupos até então. Atual campeão na categoria masculina, o Brasil inicia a defesa do título no dia 29 de agosto, às 12h30 (de Brasília), contra a anfitriã França. Já a Seleção Brasileira feminina, que tentará sua primeira medalha em Paralimpíadas, estreia no mesmo dia,

mas um pouco mais cedo: às 5h30, diante da Turquia, atual bicampeã paralímpica e campeã mundial.

Além dos franceses, os rapazes do Brasil, que colecionam ainda um bronze (Rio 2016) e uma prata (Londres 2012), vão encarar os EUA, vice-campeão parapan-americano, e o Irã, campeão dos Jogos da Ásia/Pacífico. Já as mulheres pegam na sequência Israel, terceira colocada do último Mundial,

e China, campeã asiática. As duas equipes de goalball do Brasil foram convocadas pelo CPB (Comitê Paralímpico Brasileiro) no dia 25 de junho. Os atletas ainda realizarão fases de treinamento em São Paulo antes do embarque para a França.

A aclimação no país europeu será feita na cidade de Troyes, a cerca de 160 km de Paris. A delegação do goalball chegará no dia 15 de agosto.

Foto: Ale Cabral/CPB



Seleção masculina de goalball perfilada em quadra e de mãos dadas enquanto saúda a torcida brasileira na arquibancada do ginásio em Tóquio após a vitória na final contra a China, nas Olimpíadas que aconteceram em 2021



REFERÊNCIA

Programa Bolsa Atleta tem 89,17% dos convocados nos Jogos Olímpicos

Foto: Alexandre Loureiro/COB



Rayssa Leal, do skate, é uma das integrantes do programa

Nos Jogos Olímpicos de Paris 2024 que começam no próximo dia 26, o Brasil terá 277 atletas de 39 modalidades. Dos convocados, 247 atletas fazem parte do programa Bolsa Atleta, concedido pelo Ministério do Esporte, o que representa 89,17% dos esportistas brasileiros.

O ministro do Esporte, André Fufuca, que será o chefe do esporte brasileiro durante os Jogos Olímpicos, destaca a relevância desse número. "Quase a totalidade dos atletas que estarão em Paris recebe o benefício do Ministério do Esporte. Isso mostra que estamos no caminho certo e que os esportistas apoiados estão se mantendo em alto rendimento, com o incentivo do governo. Isso é bom para o esporte, é bom para o Brasil. Parabéns aos convocados e boa sorte a todos na competição", diz Fufuca.

A lista inclui nomes como Rebeca Andrade, da ginástica; Rayssa Leal, do skate; a judoca Rafaela Silva; Abner Teixeira, do boxe; Ana Marcela Cunha, da natação em águas abertas; Marta, do futebol; e Beatriz Haddad, do tênis. Todos eles estão entre os esportistas que recebem o benefício do Governo Federal.

Outro destaque da delegação é a quantidade de mulheres na lista: serão 153. Elas representam 55% do total dos convocados. De acordo com o COB, o maior número de vagas em esportes coletivos foi determinado para que as mulheres fos-

sem maioria no Time Brasil. Elas obtiveram vagas no futebol, vôlei, handebol e rúgbi, enquanto os homens carimbaram seus lugares no vôlei e no basquete. O Comitê destaca que o número de atletas pode sofrer pequenas alterações pela realocação de vagas para brasileiros ou por conta de lesão comprovada.

Modalidades

O Time Brasil estará em ação em 39 modalidades: águas abertas, atletismo, badminton, basquete (masculino), boxe, canoagem velocidade, ciclismo BMX Racing, ciclismo BMX Freestyle, ciclismo estrada, ciclismo mountain bike, esgrima, futebol (feminino), ginástica artística, ginástica rítmica, ginástica trampolim, handebol (feminino), hi-

pismo adestramento, hipismo saltos, judô, levantamento de peso, natação, pentatlo moderno, remo, rúgbi (feminino), saltos ornamentais, skate, surfe, taekwondo, tênis, tênis de mesa, tiro com arco, tiro esportivo, triatlo, vela, vôlei, vôlei de praia e wrestling.

Mais participações

Campeão olímpico e dono de dois bronzes, o cavaleiro Rodrigo Pessoa disputará a sua oitava edição dos Jogos Olímpicos de verão e se tornará o maior recordista brasileiro, superando Robert Scheidt (vela) e Formiga (futebol), com sete. Se considerarmos qualquer edição de Jogos, Pessoa igualará Jaqueline Mourão, que tem três participações em edições de verão e cinco de inverno.

BRASILEIRÃO

Vasco busca a quinta vitória seguida

Cruz-maltino enfrenta o Atlético Mineiro na Arena MRV, e rodada ainda terá mais nove jogos neste domingo

Camilla Barbosa
 acamillabarbosa@gmail.com

A 18ª rodada da Série A do Campeonato Brasileiro 2024 terá continuidade hoje com mais sete duelos que estão programados para acontecer a partir das 11h. A novidade desta rodada é que voltam a ser realizadas 10 partidas, o que não acontecia desde a 15ª rodada, em função da reposição de partidas atrasadas da Copa do Brasil.

O primeiro confronto do dia será entre Grêmio e Vitória, às 11h, no Estádio Centenário, em Caxias do Sul. Para reverter sua situação na tabela e tentar sair do Z4, o Imortal precisa vencer — o que não faz há quatro rodadas.

O Leão, por sua vez, também quer a vitória para continuar se afastando da zona de rebaixamento. O técnico, Thiago Carpini, não poderá contar com o volante Luan, que deixou o campo machucado e com o terceiro cartão amarelo, recebido na derrota contra o Fortaleza, na última quarta-feira.

Já às 16h, Atlético Mineiro e Vasco medem forças, na Arena MRV. Para a partida, o técnico do Galo, Gabriel Milito, não poderá contar com o lateral-esquerdo Guilherme Arana, que foi punido com o terceiro cartão amarelo, no empate contra o Juventude, na última terça-feira.

Os torcedores cruz-maltinos vivem a expectativa da estreia de Philippe Coutinho, que foi apresentado recentemente como principal reforço do time para a temporada. O Gigante da Colina chega ao confronto com



Foto: Leonardo Amorim/Vasco

O Vasco vive a sua melhor fase no Brasileirão ao se afastar do Z4 e já vislumbra uma vaga na parte de cima da tabela

uma série de quatro vitórias seguidas, um empate e uma derrota.

No mesmo horário, na Arena Fonte Nova, se enfrentam Bahia e Corinthians, dois times em situações distintas na tabela. Enquanto o Tricolor de Aço está colado ao G4, com 30 pontos marcados, o time paulista tem a metade da pontuação do adversário e luta para sair da

zona de rebaixamento.

O Bragantino recebe o Atlético-PR, às 18h30, em casa. O Estádio Nabi Abi Chedid será palco do confronto que será repetido, duplamente, na Copa do Brasil, conforme sorteio realizado na última quinta-feira. O time paranaense precisará reverter a ótima campanha do Massa Bruta, em casa: dos sete jogos que fez no Nabi-

zão, a equipe paulista perdeu apenas um, venceu cinco e empatou o outro.

Também, às 18h30, na Arena Castelão, em Fortaleza, acontece o duelo entre Fortaleza e Atlético-GO. Vindo de triunfo imponente contra o Vitória, por 3 a 1, o Leão do Pici briga por uma vaga no G4, diferente do Dragão, que amarga na vice-lanterna da tabela, com

apenas 11 pontos conquistado até aqui, no torneio.

Juventude e São Paulo entram em campo no mesmo horário, no Estádio Mané Garrincha, em Brasília. O técnico do Tricolor, Luis Zubeldía, não poderá contar com força máxima, já que alguns jogadores, como Igor Vinícius e Wellington, que cumprem suspensão, desfalcam o Tricolor.

Jogos de hoje

■ BRASILEIRÃO

11h
 Grêmio x Vitória
 (Premiere)

16h
 Atlético-MG x Vasco
 (Globo e Premiere)
 Bahia x Corinthians
 (Globo e Premiere)

18h30
 Bragantino x Athletico-PR
 (Premiere)
 Fortaleza x Atlético-GO
 (Premiere)
 Juventude x São Paulo
 (Premiere)

20h
 Cuiabá x Fluminense
 (SporTV e Premiere)

■ SÉRIE B

16h
 Guarani x Goiás
 (Band e GOAT)

18h30
 Botafogo-SP x Brusque
 (TV Brasil e GOAT)

■ SÉRIE C

16h30
 Volta Redonda x Ypiranga-RS
 (DAZN)
 São José-RS x Aparecidense
 (DAZN)

19h
 Náutico x Athletic Club
 (DAZN)
 Botafogo-PB x ABC

MARCA MAIS FORTE

Flamengo segue na liderança, e Palmeiras supera o Corinthians

Cristiane Barbieri
 Agência Estado

O Palmeiras ultrapassou o Corinthians e se tornou a segunda marca mais forte do futebol brasileiro, segundo o relatório da consultoria de avaliação de marcas Brand Finance Futebol 50 2024. A força da marca Palmeiras ficou em 70,4, enquanto a do Corinthians caiu de 74,3 para 62,5, o que provocou a ultrapassagem. O Flamengo continua na liderança. A força da marca é um indicador da consultoria que pondera investimento em marketing, patrimônio e desempenho dos negócios.

Em relação ao valor da marca, os dois times tiveram ganhos. O Palmeiras viu seu valor aumentar em 9%, para US\$ 85,1 milhões. Já o Corinthians teve aumento de 27% em seu valor de marca, para US\$ 49,1 milhões.

A marca mais valiosa do país continua sendo a do Flamengo. O valor da marca do time carioca teve ligeira queda de 2%, sendo avaliada em US\$ 99,9 milhões. O índice de força da marca do clube teve declínio marginal de 77,8 para 74,9, mas continua sendo o mais forte entre as

“

No entanto, insuficiente para manter um lugar no ranking das 50 marcas de futebol mais valiosas

Brand Finance

marcas do futebol brasileiro.

Segundo a Brand Finance, a resiliência do Flamengo se deu graças a um dos maiores acordos de patrocínio da história do futebol brasileiro com a empresa de apostas Pixbet. "No entanto, isto foi insuficiente para manter um lugar no ranking deste ano das 50 marcas de futebol mais valiosas do mundo, sem que nenhum clube da Série A aparecesse como resultado do forte crescimento noutras regiões", escreveu a consultoria.

Já o São Paulo fez avan-



Foto: Cesar Greco/Palmeiras

O Palmeiras, de Flaco Lopez e Raphael Veiga, segue com uma das marcas mais fortes do futebol nacional e só perde para o Fla

ços notáveis, com o valor de sua marca aumentando 55%, para US\$ 55,7 milhões. O crescimento levou o São Paulo da quinta posição para se tornar a terceira marca mais valiosa do futebol brasileiro.

De acordo com Eduardo Chaves, sócio-diretor da

Brand Finance do Brasil, a avaliação das marcas dos clubes de futebol serve para dimensionar o crescimento tanto do time quanto do negócio, pois ela fortalece o engajamento com os torcedores, atrai patrocinadores e aumenta as receitas provenientes de produtos licen-

ciados e direitos de transmissão.

A consultoria também destacou iniciativas estratégicas de negócios que motivaram o sucesso financeiro dos clubes, como a transformação digital, com Flamengo e Palmeiras liderando com campanhas digitais ino-

vadoras e experiências virtuais de torcedores, que ampliaram seu alcance global e impulsionaram as vendas de mercadorias. Também foi mencionado o compromisso do Santos em estimular jovens talentos, que levou a acordos de transferência lucrativos para o clube.

Foto: Luciano Soares/Divulgação

Alexandre Aruá, do Sousa, tem presença confirmada no jogo contra o Iguatu, hoje, que define a situação do clube no Brasileiro da Série D



SÉRIE D

Sousa precisa da vitória sobre o Iguatu, no Ceará

Resultado garante o time na segunda fase, sem depender de resultados de Atlético e Santa Cruz

Danrley Pascoal
danrleyp.e@gmail.com

A última rodada da fase de grupos da Série D do Campeonato Brasileiro encerra hoje. No Grupo A3, que tem o Treze e o Sousa, será decidido quem ficará com a quarta vaga para disputa do mata-mata. O Galo, Iguatu-CE e América-RN já estão classificados. O Dino, Atlético-CE e Santa Cruz-RN brigam pela classificação e também para continuar com o sonho, do acesso à Série C de 2025, vivo. Todos os jogos da chave acontecem às 16h.

O Sousa é a equipe, entre as que têm chances de classificação, com o melhor cenário. O time paraibano só precisa de uma vitória simples contra o Iguatu para garantir sua vaga ao mata-mata. Com 18 pontos, cinco triunfos, três empates e cinco derrotas, o clube tem um ponto a mais que o Atlético-CE e dois a mais que o Santa Cruz-RN, os quais ocupam a 5ª e a 6ª posição, respectivamente.

Para que o Dino chegue à próxima fase com um empa-

te, na tarde deste domingo, os outros dois concorrentes não podem somar os três pontos. O confronto do Dino contra o Azulão do Ceará ocorre no Morenã, estádio do vice-líder do Grupo A3. Este será o quarto jogo entre paraibanos e cearenses em toda a história, o segundo este ano, na primeira rodada, empataram em 0 a 0. Os outros dois jogos foram em 2023, com uma vitória para cada lado.

O Iguatu precisa dos três pontos para garantir a segunda colocação da chave. A posição pode livrar o time cearense de enfrentar um adversário

mais forte no primeiro mata-mata da Série D. Como o Treze já garantiu a liderança, a equipe, que tem 24 pontos, luta nesta última rodada apenas pela manutenção da sua posição, a qual o América-RN, com 23 pontos, também está de olho.

Treze

O Treze deve ir para o confronto diante do Santa Cruz, nesta tarde, no Amigão, com uma equipe bem modificada. Isso porque o zagueiro Nayllor; os meio-campistas Marquinhos e Yamada; e os atacantes Jefinho, Thiaguinho e Wallace Pernambucano chegaram pendurados com dois cartões amarelos na última rodada. Se entrarem em campo e algum for amarelado, terá que cumprir suspensão automática no primeiro jogo do mata-mata. Assim, sem chances de se tornar a equipe com a melhor campanha geral, Waguinho Dias pode escalar um time alternativo. Com 28 pontos, o clube de Campina Grande já não pode ser ultrapassado pelos adversários de sua chave.

Treze

Alvinegro, já classificado em primeiro lugar do grupo, cumpre apenas tabela contra o Santa Cruz, no Amigão

SÉRIE C

Belo recebe o ABC, hoje, e pode terminar a rodada como líder

Danrley Pascoal
danrleyp.e@gmail.com

O Botafogo enfrenta o ABC, hoje, buscando assumir a liderança da Série C do Campeonato Brasileiro. O confronto contra o time potiguar é o terceiro e último duelo de uma sequência de partidas como mandante no Almeida. O jogo está previsto para iniciar às 19h. Conforme o site ogol.com.br, este será o 35º encontro entre as duas equipes da região Nordeste, quando se contabilizam confrontos oficiais ao longo da história.

O Belo chega para o jogo desta tarde como um dos candidatos a assumir a liderança da Série C ao final da rodada. A equipe voltou a vencer no torneio nacional após dois tropeços, uma derrota, para o São Bernardo-SP por 1 a 0 e um empate amargo, diante de seu torcedor, contra o Confiança-SE por 3 a 3. Com triunfo contra o São José-RS, na última quinta-feira (17), o Alvinegro soma 28 pontos, tendo oito vitórias, quatro empates e apenas uma derrota.

Para encerrar a rodada 14 na primeira posição, o Botafogo precisa vencer o ABC e torcer para que o Athletic Club-MG não ganhe do Náutico nos Afritos, em Recife. A partida entre os mineiros e entre pernambucanos também acontece neste domingo, às 19h.

Contra o maior campeão estadual do Brasil, Evaristo

Piza não poderá contar com o lateral-esquerdo Evandro, que cumprirá suspensão automática. Rafael Furlan deve ser seu substituto. Em compensação, o treinador contará com o retorno do volante Lucas Gonçalves, que estava suspenso na última rodada.

O adversário

O ABC faz uma campanha mediana nesta edição da Série C. Em 13 partidas, a equipe venceu quatro, empatou quatro e perdeu cinco. Com 16 pontos, iniciou a rodada na 12ª posição, tendo marcado 12 gols e sofrido outros 13. O time potiguar é treinado por Roberto Fonseca, que foi treinador do Belo, em 2015.

Retrospecto

De acordo com o pesquisador Raimundo Nóbrega, a história do confronto entre Botafogo e ABC teve início em 1935, quando o Belo fez sua primeira excursão fora de João Pessoa. O Alvinegro da Paraíba perdeu por 6 a 2. O time do Rio Grande do Norte era, naquele momento, tetracampeão estadual. Desde então, foram realizados 84 jogos, seja oficiais ou amistosos, o time da Maravilha do Contorno venceu 22, o time potiguar 33, e houve 29 empates.

Segundo o site o ogol.com.br, ocorreram 34 partidas oficiais entre as tradicionais equipes nordestinas. O ABC leva vantagem, tendo conquistado 15 vitórias,

já o Belo venceu oito partidas, ainda houve 11 empates. Pela Terceira Divisão, foram 15 encontros, com números que apresentam grande equilíbrio, cada um venceu cinco jogos e empataram outras cinco vezes.

O último duelo entre ambos foi realizado em Natal, no Estádio Frasqueirão, pela Copa do Nordeste, em 15 de fevereiro de 2024. Na oportunidade, os dois times empataram em 0 a 0, repetindo o placar da partida mais recente em que atuaram pela Série C, em 2022, mas no Almeida.

Arbitragem

Lucas Guimarães Rechattiko Horn (CBF-RS) é o árbitro da partida desta noite. Mateus Olivério Rocha (CBF-RS) e Otavio Legramanti (CBF-RS) são os assistentes. O quarto árbitro é Afro Rocha de Carvalho Filho (CBF-PB).

Foto: Allan Herbet/Botafogo



Jogadores do Belo em ação na Maravilha do Contorno

TABAJARA ELEIÇÕES 2024 A UNIÃO

A cobertura MAIS DEMOCRÁTICA da Paraíba

1º CICLO DE ENTREVISTAS COM CANDIDATOS A PREFEITO DE JOÃO PESSOA - PB

22/07 - LUCIANO CARTAXO

23/07 - RUY CARNEIRO

24/07 - CELSO BATISTA

25/07 - CÍCERO LUCENA

26/07 - MARCELO QUEIROGA

29/07 - YURI EZEQUIEL

ÀS 12H, NA 105,5 FM



PACTO

Um paraíso da fé

No período do Brasil-holandês, a Paraíba foi marco inicial da liberdade religiosa nas Américas com a criação de um documento

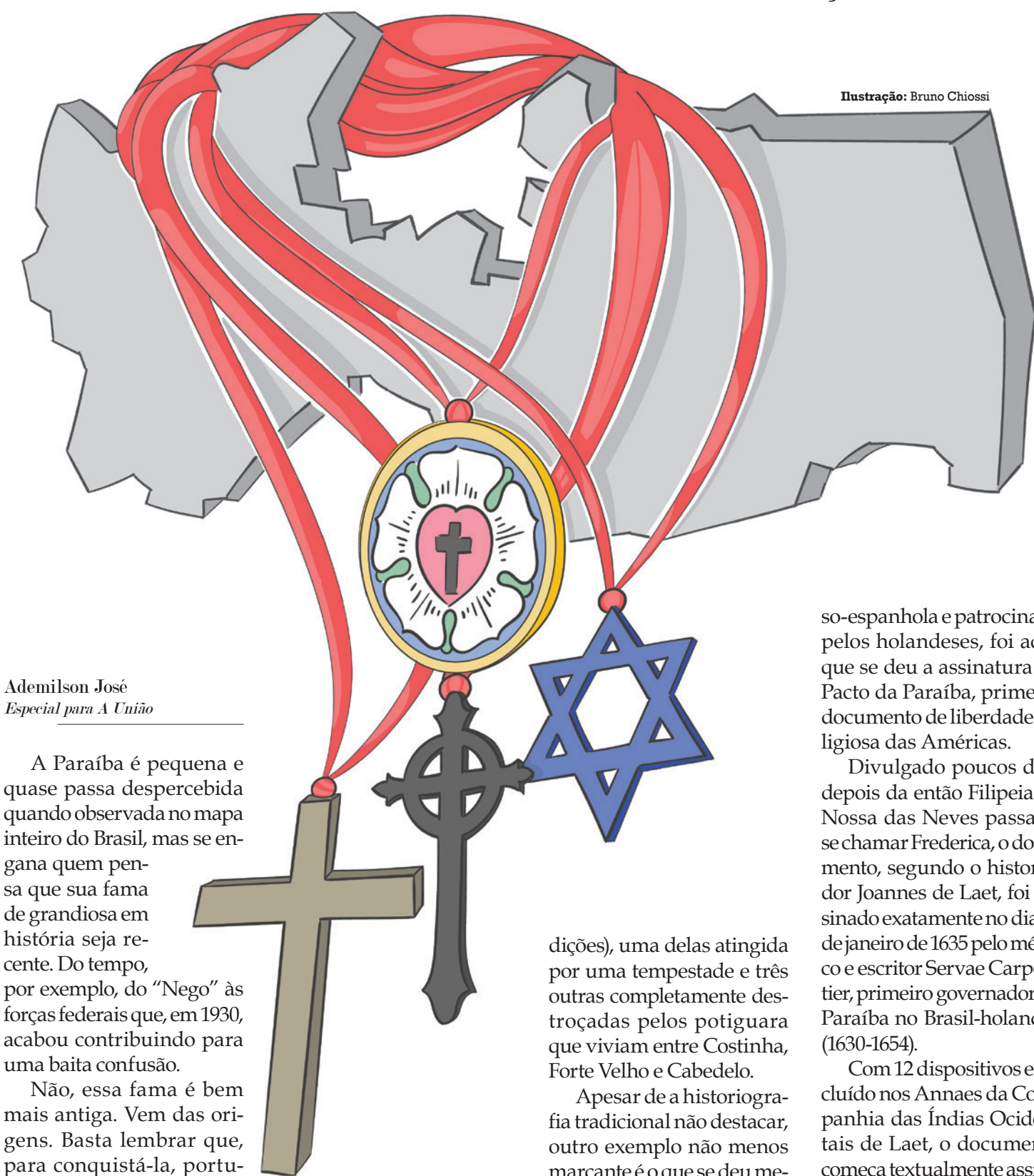


Ilustração: Bruno Chioffi

Ademilson José
 Especial para A União

A Paraíba é pequena e quase passa despercebida quando observada no mapa inteiro do Brasil, mas se engana quem pensa que sua fama de grandiosa em história seja recente. Do tempo, por exemplo, do “Negó” às forças federais que, em 1930, acabou contribuindo para uma baita confusão.

Não, essa fama é bem mais antiga. Vem das origens. Basta lembrar que, para conquistá-la, portugueses e espanhóis fizeram cinco tentativas (expe-

dições), uma delas atingida por uma tempestade e três outras completamente destruídas pelos potiguara que viviam entre Costinha, Forte Velho e Cabedelo.

Apesar de a historiografia tradicional não destacar, outro exemplo não menos marcante é o que se deu menos de 50 anos depois. Em plena Santa Inquisição lu-

so-espanhola e patrocinada pelos holandeses, foi aqui que se deu a assinatura do Pacto da Paraíba, primeiro documento de liberdade religiosa das Américas.

Divulgado poucos dias depois da então Filipeia de Nossa das Neves passar a se chamar Frederica, o documento, segundo o historiador Joannes de Laet, foi assinado exatamente no dia 13 de janeiro de 1635 pelo médico e escritor Servae Carpentier, primeiro governador da Paraíba no Brasil-holandês (1630-1654).

Com 12 dispositivos e incluído nos Annaes da Companhia das Índias Ocidentais de Laet, o documento começa textualmente assim: “Em primeiro lugar vos deixaremos livres para o exerci-

cio de consciencia do mesmo modo como tendes usado antes, frequentando as igrejas e praticando os sacrificios divinos, conforme os seus ritos e preceitos; não roubaremos as vossas igrejas nem deixaremos roubar, nem ofenderemos as imagens nem os padres nos actos religiosos ou fora delles”.

A notícia não tardaria a se espalhar pelo mundo, o que, nos anos e décadas seguintes, levou a Paraíba e o Nordeste — já bastante ocupados de católicos e indígenas dos mais diversos torés e tupãs — a receber caravanas (quer dizer caravanas) lotadas de evangélicos, sobretudo calvinistas e judeus dos mais diversos tipos, especialmente sefardistas, descendentes dos que já tinham vivido na Espanha em Portugal.

A divulgação do Pacto da Paraíba deu destaque à questão religiosa porque, segundo Laet, “como os moradores da cidade tinham os novos dominadores como hereges, entraram em polvorosa, abandonando casas, propriedades, tendo perseguições”. Vidal de Negreiros, por exemplo, então com 29 anos, incendiou as plantações do engenho do pai em Tibiri para que os ganhos não ficassem para os holandeses.

As medidas ganharam a população e até mesmo moradores do Rio Grande do

Norte vieram se juntar. Isso, segundo o mesmo Laet, não só pela liberdade de cultos, mas também por causa das medidas econômicas, todas bem recebidas pela maioria dos donos de engenhos, entre eles, Duarte da Silveira, que aderiu mesmo sendo casado com Fulgência, filha de João Tavares, o primeiro governador do período português (1585).

Nessa parte econômica das medidas, Carpentier garantia manter os mesmos impostos que eram cobrados pelo rei Felipe da Espanha (vivia-se o período Ibérico) e, para garantir e aumentar a produção de açúcar, prometia que a Companhia das Índias Ocidentais iria conceder empréstimos para recuperação e construção de novos engenhos na região.

Com aval da Holanda, as decisões valiam não somente para a Paraíba, mas para todo o Brasil-holandês, o que Carpentier fez questão de deixar bem claro ao fim do documento: “Estas concessões se não de cumprir de parte a parte. E todos que as quiserem aceitar serão obrigados (...) a fazer o juramento de lealdade e segurança. E os que não quiserem aceitar serão perseguidos e declarados rebeldes da paz e quietação. Em 13 de janeiro de 1635 — Domínio holandês no Brasil, da Bahia ao Maranhão”.

Para Recife, PB era Terra de Judeus

Há muito o que se contar desse momento ímpar em que a Paraíba sediou o pontapé inicial das liberdades que marcaram o paraíso religioso do período holandês e de todo o período colonial do Brasil. Mas, mais importante ainda é aproveitar para registrar aqui que, quando tratam desse assunto, muitos historiadores (especialmente os pernambucanos) não destacam ou só fazem menções ligeiras ao fato de o lançamento ter ocorrido na Paraíba.

Eles normalmente preferem destacar o desenrolar dos efeitos no Recife e a figura de Maurício de Nassau. Como se pode ver pelas datas de Joannes de Laet, Recife ainda era um povoado acanhado e Nassau ainda nem havia chegado ao Brasil-holandês quando o Pacto da Paraíba foi lançado, em 13 de janeiro de 1635. Nassau só chegou dois anos depois, em 23 de janeiro de 1637.

Como humanista e defensor das liberdades de culto, e também como transformador do Recife que, em seu período, virou a maior cidade do país, ele realmente contribuiu muito para aquele período inédito de tolerância religiosa. Mas ele e o Recife não precisariam

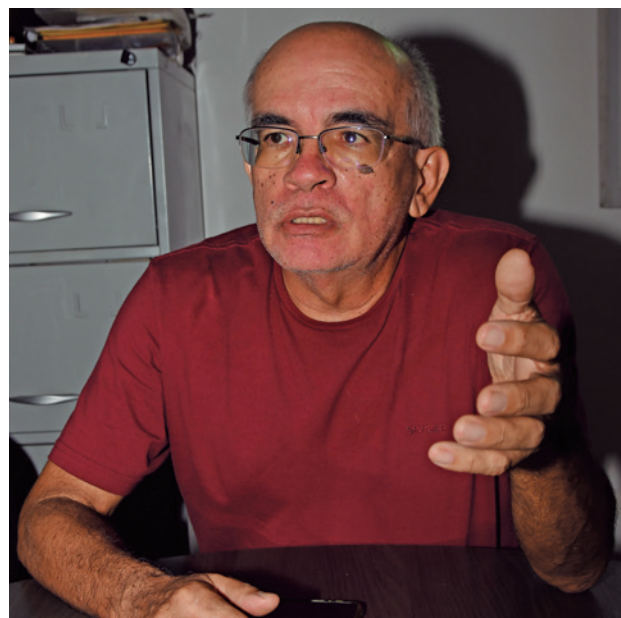


Foto: Ornilo Antônio/Arquivo A União

Historiador Edvaldo Lira recorreu a Novinsky

Os judeus em Pernambuco eram da elite econômica; já os da Paraíba eram pequenos e médios comerciantes e agricultores

(o governador) e a Paraíba (o lugar) do pacto.

Talvez seja por esse e outros exemplos (nem vale relacionar) que, para muita gente, o Brasil-holandês é (ou parece ser) algo de Pernambuco e não de um território que incluía também a Paraíba e que chegou a reunir possessões que já iam das praias de Sergipe aos confins do Maranhão.

É bem verdade que não precisaria se chamar isso de erro ou omissão, mas que parece “bairrismo e triunfalismo” exagerados. Até agora, só um esclarecimento conseguiu ponderar. Trata exatamente de judeus e se cons-

titui numa explicação que, sob consulta, foi dada pelo historiador paraibano Edvaldo Lira: “Segundo Anita Novinsky, havia muitos judeus na Paraíba. Ela cita que, em Recife, chamavam a Paraíba de terra dos judeus. A diferença de Recife é que, lá, os judeus eram da elite econômica, já os daqui eram pequenos e médios comerciantes e agricultores. Claro que também tinha donos de engenhos por aqui, mas eles não eram maioria”.

Com base nessa reflexão, haveríamos de supor que, além do “bairrismo-triunfalista” já mencionado, o destaque para as coisas do Recife na historiografia do Brasil-holandês passaria, então, por um crivo elitista, pois a elite judia se concentrava por lá.

Remete-nos, então, ao professor Ronaldo Vainfas, quando afirmou em seu livro, “Jerusalém colonial: judeus portugueses no Brasil-holandês”, que “eles (os judeus) foram os grandes cobradores de impostos e emprestavam dinheiro a juros para senhores de engenho holandeses e luso-brasileiros (...). Até para a própria companhia, os grandes comerciantes judeus emprestavam dinheiro”, registrou Vainfas.

Cultura judaica foi enraizada pelos sertões

A afirmação do professor Ronaldo Vainfas talvez sirva para explicar a distinção dos judeus ricos que, segundo o historiador Edvaldo Lira, teriam se concentrado mais no Recife. Estes, fica fácil supor, seriam aqueles que, quando o período batavo acabou, tiveram mais facilidades para procurar outras plagas. Entre eles, no caso, deveriam estar os 23 daquele “mito” que teriam fundado Nova Iorque, nos Estados Unidos.

E, diferente deles, os “pobres” e bem mais numerosos que, escondidos ou disfarçados do caça às bruxas lusitanos, ao fim do paraíso religioso holandês, tiveram de se embrenhar pelos sertões como se fossem uma nova Canaã. É por isso que tem tanta coisa dos judeus enraizadas por aqui. Luiz Gonzaga criou o jazz do forró com a estrela de David no chapéu de couro; e olha que ainda é muito copiado e já fazia isso copiando Lampião.

Se formos para os costumes de berço (a bênção, por exemplo), perdemos as contas. E, para os nomes de pessoas, aí nem se fala: pelo nosso Sertão, o que mais encontramos é Lira, Albuquerque,

o cantor e compositor Luiz Gonzaga criou o jazz do forró com a estrela de David no chapéu de couro, copiando Lampião

que, Cavalcante, Bezerra, Pereira, Rego e Holanda. Acho que superam os “Joaquins” e “Manuéis” de Portugal.

Aliás, por falar em destino dos judeus ao fim do Brasil-holandês, quem resumiu bem essa história num dos seus artigos foi a doutora em Sociologia e professora de Ciências das Religiões, Neide Miele: “Assim como seus antepassados, que um dia haviam saído pelo deserto em busca da terra prometida, eles (os judeus) também buscaram o inóspito Sertão nordestino, fundando cidades como Monte Horebe (Monte de Deus), na Paraíba”.

ser são “midiatizados” como são pela historiografia, em detrimento de Carpentier

TECNOLOGIA

IA ajuda no aprendizado de uma segunda língua

Recurso pode adaptar ensino segundo necessidades individuais de cada aluno

Agência Estado

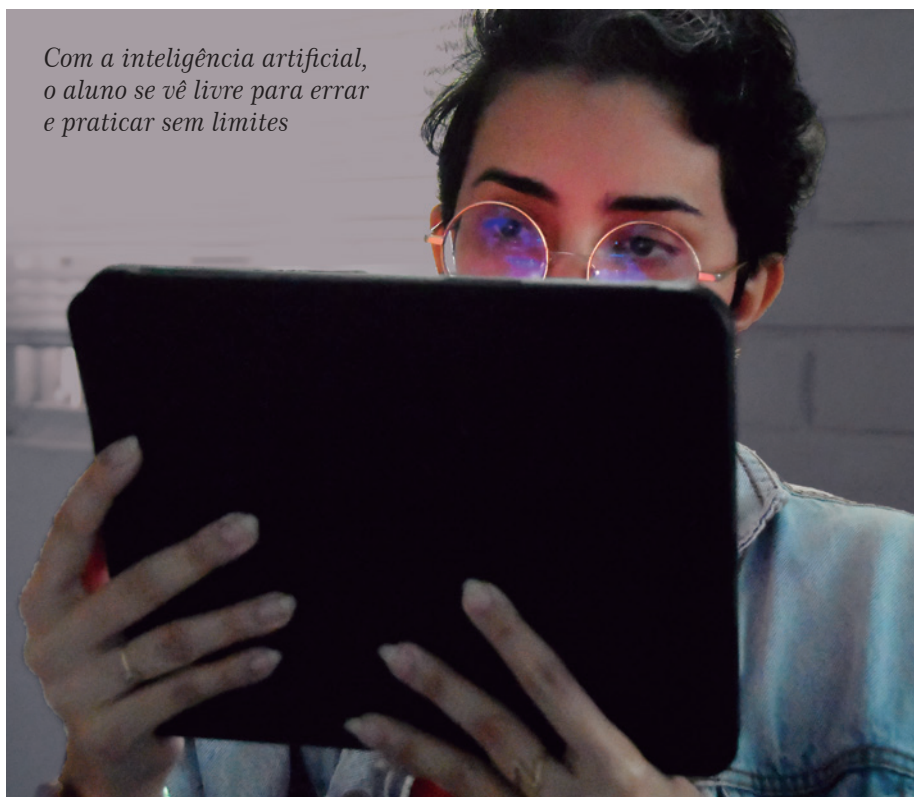
Segundo dados do Ministério da Educação (MEC), divulgados pelo jornal O Estado de S.Paulo, a procura por instituições de ensino com modelo bilíngue aumentou 64% no último ano, com destaque para São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. O jornal paulista, na mesma reportagem, informou que, de acordo com os dados da Organização das Escolas Bilíngues de São Paulo (Oebi), o número de alunos nestas escolas passou de 2,8 mil para 4,6 mil.

A partir disso, e com o avanço da tecnologia aliado à educação, instituições de ensino tendem a começar a oferecer recursos como a inteligência artificial (IA) para auxiliar no aprendizado de uma segunda língua. Para o diretor-executivo da Simple Education, Fernando Rodrigues, essa tecnologia pode ser usada para adaptar o ensino de acordo com as necessidades individuais de cada aluno, "impactando na fluidez oral e dando mais autonomia para praticar".

De acordo com Fernando Rodrigues, a fluência oral é uma das habilidades mais demoradas a se dominar, exigindo muito esforço e dedicação constantes. "Aqueles alunos que se permitem errar e se expõem mais são aqueles que conquistam maior fluência oral. Mas é algo um pouco complicado para alguns alunos, que ficam retraídos e com medo de errar, e evitam

falar no segundo idioma justamente por essas inseguranças".

Com o uso desses *chatbots* baseados em inteligência artificial, os alunos podem interagir com assistentes virtuais em tempo real para praticar diálogos, corrigir erros e melhorar a fluência. "O aluno se vê livre para errar e praticar sem limites, o que, se bem aproveitado, poderá trazer enormes benefícios para a segurança e fluência no segundo idioma. É possível acessar um tutor da IA para conversar sobre a lição aprendida, sendo guiado para que treine na prática a sua fluência sobre os tópicos estabelecidos, podendo realizar o diálogo com a IA quantas vezes quiser, até se sentir seguro", afirma o diretor-executivo.



Com a inteligência artificial, o aluno se vê livre para errar e praticar sem limites

Foto: Leonardo Ariel

Esse processo é estabelecido por meio de algoritmos de aprendizado de máquina, onde o sistema analisa o desempenho do aluno, identifica as áreas de dificuldade e fornece exercícios específicos para aprimorar suas habilidades linguísticas. Isso per-

mite que cada aluno progrida em seu próprio ritmo e receba suporte personalizado. "Toda essa tecnologia já está disponível para alunos brasileiros, e os estudantes do modelo bilíngue terão acesso a partir do segundo semestre deste ano", conclui Rodrigues.



Imagem: Pixabay

Charada

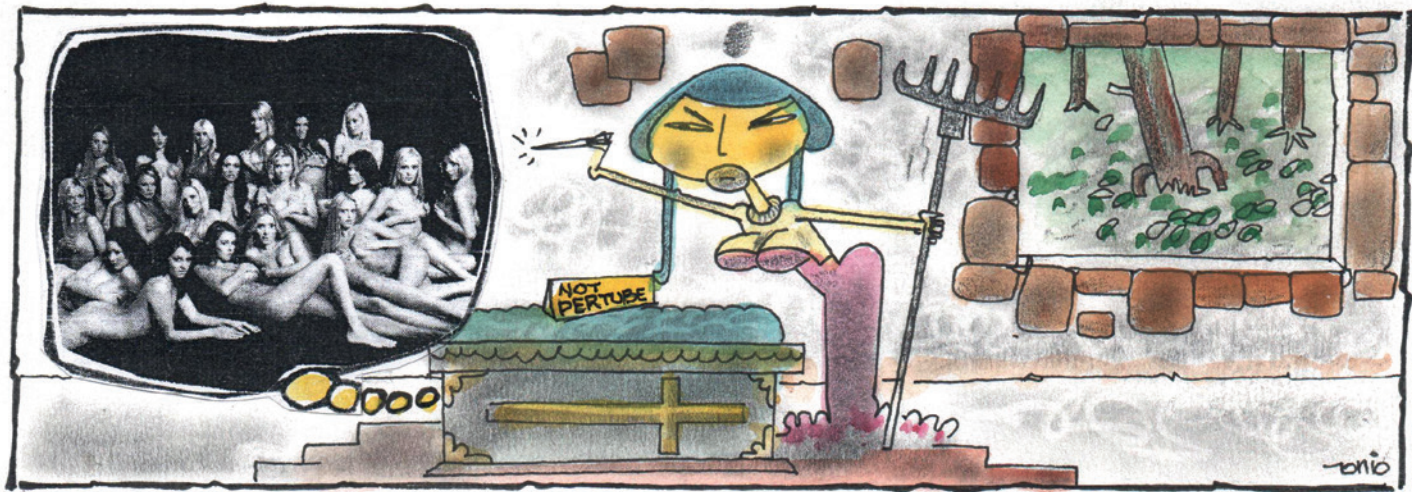
Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Busque (2) = cate + desconfio (2) = cismo. **Solução:** manual de instrução religiosa (4) = catecismo. **Charada de hoje:** É um deus (2) que impulsiona uma embarcação (2), em busca de proposição demonstrável por meio de um processo lógico (4).

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

Tiras

O Conde



Zé Meiota



Eita!!!!

"Deadpool & Wolverine"

Vindo dos quadrinhos, o bom e velho Wolverine está de volta às telonas do cinema, protagonizando ao lado do mercenário Deadpool no terceiro filme do anti-herói mutante tagarela. "Deadpool & Wolverine" estreia nos cinemas na próxima quinta-feira (25), incluindo nas salas da Paraíba (que terá sessões de pré-estreia no dia anterior; veja na seção "Em Cartaz", na página 12). Depois do fim de "Logan" (2017), os fãs achavam que o ator Hugh Jackman (foto acima), definitivamente, penduraria as garas de adamantium. Agora, ele retorna para se unir a Wade Wilson (Ryan Reynolds) quando o mundo de Deadpool sofre uma ameaça existencial.

Desde 2000, recordista

A primeira aparição de Jackman como Wolverine foi em 2000, em "X-Men, o filme", de Bryan Singer. Depois disso, o ator australiano de 55 anos estrelou em nove longas-metragens, sendo seis da franquia (lembrando que ele fez uma ponta em "X-Men: Primeira Classe" e apenas uma cena em "X-Men: Apocalipse") e três filmes-solo ("X-Men Origens: Wolverine", "Wolverine — Imortal" e "Logan"), além do novo "Deadpool & Wolverine", que é o 10º como o mutante. Tal feito colocou Jackman como um recordista no que se refere ao tempo que um ator esteve interpretando um personagem de quadrinhos. Ele interpretou Wolverine por quase 17 anos, até "Logan". Em 2019, tanto Jackman quanto Patrick Stewart (Professor Xavier) receberam certificados do Guinness World Records por terem as carreiras mais longas como super-heróis da Marvel em "carne e osso".

Não estava no topo da lista

Apesar de se casar perfeitamente o adamantium nos ossos de Hugh Jackman, seu fator de cura não era tão bom assim para escapar do "corte" para o papel no primeiro filme dos X-Men. Na verdade, nem na lista ele estava: a primeira escolha era o "gladiador" Russell Crowe, mas, quando o ator neozelandês recusou após divergências criativas, ele indicou Jackman, um jovem ator também australiano que ele conhecia. Porém, Singer escalou Dougray Scott para o papel de Wolverine. No entanto, Scott precisou declinar do papel, pois na época estava gravando "Missão Impossível 2", como inimigo do Tom Cruise. Assim, Jackman foi finalmente escalado.

Uniforme amarelo e bem mais alto

Nos quadrinhos, um dos apelidos para Wolverine é "baixinho", por conta de seus pouco mais de 1,60 m de altura. Porém, a encarnação do personagem no mundo cinematográfico mede quase 1,90 m de altura. Por conta disso, a equipe de produção de X-Men criou alguns truques para enganar alguns fãs perspicazes. Ainda no filme de 2000, há uma "tirada de onda" com o famoso uniforme amarelo de Wolverine (que finalmente veste em "Deadpool & Wolverine"): incomodado pela versão do traje de couro padronizado, ele recebe uma "farpa" do seu desafeto na equipe, o Ciclope (James Marsden): "O que você esperava? Um *collant* amarelo?".

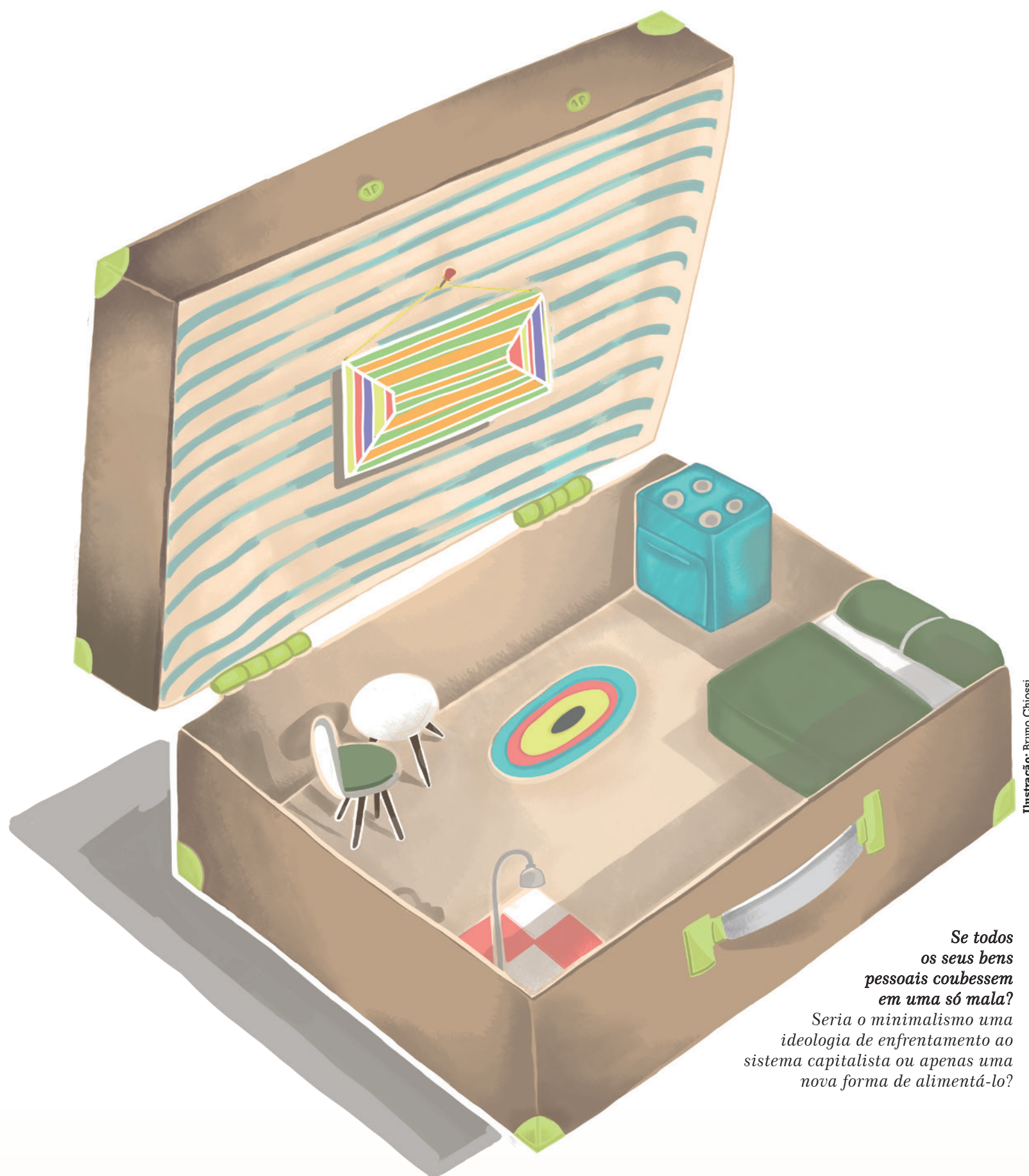
9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 - porta da casa; 2 - cajuado; 3 - patá do burro; 4 - boca do burro; 5 - esteira; 6 - tacho do burro; 7 - folha da árvore; 8 - barba; 9 - corda



Se todos os seus bens pessoais coubessem em uma só mala? Seria o minimalismo uma ideologia de enfrentamento ao sistema capitalista ou apenas uma nova forma de alimentá-lo?

ESSENCIAL

A busca por uma vida mais simples

Na esteira do ritmo desenfreado do cotidiano, como se encaixa o estilo de vida que prega a redução do consumo e quais os impactos sociais, econômicos e culturais que esse movimento rotaciona para o indivíduo?

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Há sete anos, depois do fim de um relacionamento e algumas perdas financeiras, Luciano Rocha precisou mudar de cidade e aproveitou para também montar um bazar e levantar algum dinheiro. “Durante a arrumação, percebi que possuía vários bens que eu não tinha mais nenhum apego, fosse emocional ou físico. Em alguns dias me desfiz de 90% dos meus livros, CDs e DVDs antigos, entre vendas, doações e simplesmente jogar fora. O sentimento de libertação foi imediato”, conta ele.

Aquele foi o primeiro passo do redator de conteúdo de tecnologias

e finanças para uma vida minimalista. Quando assistiu ao documentário *The Minimalist* (2015), na plataforma de streaming Netflix, e começou a pesquisar mais sobre o estilo de vida que prega a redução do consumo e a busca pelo essencial, a adesão foi certa.

“Hoje, eu não faço mais tantas compras. E nas compras que faço procuro por produtos que durem mais tempo. Ah, mas você vai gastar mais e tal? Sim! Mas a ideia é você gastar um pouco mais para ter mais qualidade e não precisar ficar comprando coisas descartáveis”, explica o consultor financeiro, que atualmente reside na casa dos pais, em Patos, no Sertão da Paraíba.

A primeira motivação de Luciano Rocha era fazer com que todos os seus bens pessoais coubessem em uma só mala. Hoje, ele tem sido mais flexível e refuta a ideia de que o minimalista é alguém que faz sacrifícios. “Agora, eu tenho algumas coisas mais do que tinha naquela época, mas porque meu estilo de vida melhorou”, confessa ele, com a ressalva de que sempre que compra algo considera uma necessidade real e, para compensar, se desfaz de alguma coisa.

Mas o que significa uma vida minimalista e o que está por trás desse movimento? Seria uma ideologia de enfrentamento ao sistema capitalista ou, ao contrário, apenas uma nova forma de alimentá-lo? Quais

os impactos na vida social de quem adota esse estilo de vida? Que benefícios e riscos pode trazer para a saúde mental?

Para discutir sobre essas e outras questões, buscamos especialistas das áreas de economia, arquitetura e psicologia. Mais do que respostas, queremos entender os sentidos atribuídos a esse modo de vida que, inspirado no “menos é mais” de movimentos artísticos e culturais do século passado, incentivam mudanças de comportamento pautadas pela simplicidade nos modos de se relacionar consigo mesmo, com as pessoas, as finanças, a natureza e até com o universo digital. Eis um convite a pensar.

CONSEQUÊNCIAS

Modo de vida indica saúde mental?

Benefícios e limites na adoção do minimalismo podem ser uma otimização do consumo para adequação da renda

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Por se tratar de um movimento relativamente recente, ainda são poucas as pesquisas quanto aos efeitos cognitivos de uma vida minimalista. O psicólogo clínico e neuropsicólogo Victor Nóbrega explicou que as pessoas que aderem a esse estilo de vida relatam benefícios como menos estresse e aumento do bem-estar subjetivo. No primeiro caso, porque o minimalismo incentiva a praticidade e a simplicidade das escolhas. No segundo, por se vincular à felicidade e à realização humana, mais abrangentes que apenas emoções passageiras ou a estados de bom humor.

“O minimalismo gera mais satisfação sem a necessidade da estimulação contínua, ou seja, você consegue viver as coisas que você já tem, de forma mais atenta ao presente, sem precisar estar ali ansiando ou sempre buscando algo diferente”, esclareceu o psicólogo. Ele adverte também que o minimalismo precisa ser compreendido a partir do contexto histórico de expansão do consumismo e de uma vida cada vez mais estimulada para experiências de compras e também de relacionamentos.

No caso do redator de conteúdos Luciano Rocha, um dos objetivos de adotar o minimalismo era ficar mais livre e economizar dinheiro para viajar. “Ano passado, eu fiz uma viagem para a Europa, que tinha como objetivo quando comecei o minimalismo. Foi o ápice de tudo que tinha começado a construir lá atrás. Hoje, eu continuo economizando dinheiro para, dentre outras coisas, fazer as minhas viagens”, relatou o paraibano.

O economista Cássio Besarria acredita que o minimalismo consiste justamente em uma otimização do consumo para adequação da renda. “O planejamento orçamentário, a renda da pessoa e o local onde ela vive são fatores que

interferem nos hábitos de consumo”, comentou.

Apesar dos benefícios, Victor Nóbrega alerta para modos de comportamentos extremos que podem surgir, porque ao combater o excesso de estimulação da sociedade atual a pessoa pode impedir experiências benéficas e positivas que a ajudariam no aumento de seu repertório. “O indivíduo pode experimentar coisas que vão fazer bem para ele, como construir vínculos e relações, alguns hobbies... e o minimalismo pode, quando ele é feito de forma desenfreada, criar mais rigidez e mais inflexibilidade, o que não é algo saudável”, comentou o psicólogo.

Luciano Rocha não acredita que o minimalista é uma pessoa antissocial, mas concorda que o “excesso de zelo” pode fazer a pessoa perder momentos importantes, principalmente se ficar apegado a questões financeiras. “Você não precisa ser o Julius, da série Todo Mundo Odeia o Cris, que diz que se você não comprar nada, o desconto é maior”, brincou ele.



Um dos objetivos de adotar o minimalismo desde 2018, para o paraibano Luciano Rocha, foi ficar mais livre e economizar para fazer viagens, como a que o redator de conteúdos fez para a Europa, no ano passado



Fotos: Arquivo Pessoal

Foto: Carlos Rodrigo



Para o economista Cássio Besarria, a opção pelo estilo de vida gera sustentabilidade, cuja preocupação a longo prazo também é benéfica para a saúde financeira por conta da poupança

“Quanto maior o consumo maior a degradação do meio ambiente”

“Ser minimalista não é ser extremista. Não é você perder o aniversário do seu melhor amigo porque o lugar está fora do seu orçamento. Não é você deixar de comprar um livro e ampliar a sua formação, porque você já comprou um naquele mês. Aí você vai perder oportunidade: no primeiro caso, de socializar com seus amigos, num dia especial, que só acontece uma vez por ano; no outro caso, você vai perder uma chance de ter um conhecimento maior na sua área, para economizar alguns poucos reais”, exemplificou Luciano Rocha.

Por pregar a moderação no consumo, o minimalismo tem sido, quase sempre, associado a uma ideologia de combate ao sistema capitalista. E não é bem assim. O psicólogo Victor Nóbrega faz questão de lembrar que,

por trás da ideia de não perder muito tempo na escolha de roupas, por exemplo, está o incentivo para produzir mais. “Não é só pelo bem-estar em si, por isso a gente precisa ter muito cuidado. Existe esse discurso, de você estar com menos lixo psicológico, com menos coisa e tal, mas ele surge como essa ideia da produtividade”.

Como minimalista convicto, Luciano Rocha também é taxativo ao falar dessa questão: “Eu acho que se não existisse capitalismo, não existiria minimalismo. Muitos, de fato, têm esse pensamento de que minimalismo é uma revolta contra o sistema e ‘blá, blá, blá’. Eu acho o contrário”. Ele dá como exemplo o processo de digitalização de livros, músicas, do trabalho remoto, possibilitado com as inovações tecnológicas

trazidas pelo livre mercado e que são parte do estilo de vida minimalista.

Para Cássio Besarria outra questão ligada à opção pelo estilo de vida minimalista é a sustentabilidade. “Quanto maior o consumo maior a degradação do meio ambiente”, afirmou. Por isso, ele defende que, além da organização financeira, muitas pessoas reduzem o consumo, tendo em mente a preocupação com o futuro do planeta.

Segundo o economista, essa preocupação de longo prazo também é boa para a economia. “O alto consumo tem um efeito imediato positivo, mas no longo prazo, consumir menos é melhor. Isso porque quem financia o investimento é poupança, e quem consome menos, a tendência é poupar mais”, explicou o profissional.

PROCESSO

Estilo minimalista não é para todos

Para uma adesão saudável é preciso estagnar para perceber o seu próprio ritmo de vida e respeitá-lo

Marcos Carvalho
 marcoscarvalhojr@gmail.com

Não existem critérios objetivos para se definir alguém como minimalista. As ideias dessa corrente já estiveram bem mais em evidência na década passada, mas continuam sendo vendidas em livros, filmes, blogs e redes sociais como um estilo saudável, assim como solução total de todos os problemas. “Daqui a pouco, as pessoas vão dizer que não existe mais esquizofrenia se as pessoas seguirem o minimalismo. A gente sabe que o estilo de vida baseado na estimulação está diretamente associado com a ansiedade, mas ele não é o único fator”, alertou Victor Nóbrega.

Para o neuropsicólogo, quem deseja aderir ao minimalismo precisa parar para perceber seu próprio ritmo de vida e respeitá-lo. Como primeiro passo, ele recomenda que cada um faça uma análise da rotina pessoal para, só então, diminuir aos poucos o consumo ou os bens, até chegar a um nível considerado funcional. “A gente não fala de um padrão ser bom ou ruim, a gente fala de um padrão ser funcional ou disfuncional”, pontuou.

Nessa análise deve-se considerar fatores como personalidade e modo de vida. Para quem trabalha em *home office*, que não tem tanta necessidade de mudança de ambiente e de interação social, o estilo minimalista talvez se adeque melhor, como é o caso do redator de conteúdos Luciano Rocha. Morando apenas com a madrasta, no interior do estado, ele costuma se deslocar apenas para a academia e para alguns poucos compromissos, por isso optou por não ter carro, mesmo que todos da família o questionem por isso.

“Uma pessoa que trabalha com um público muito grande e que trabalha com demandas muito diferentes talvez não se adeque tanto com a vida minimalista, porque essa pessoa vai precisar de mais estimulação, de mais variação no seu padrão de comportamento”, atendeu o psicólogo.

Luciano Rocha também concorda com isso e diz que o minimalismo não é para todos. Para decidir pelo estilo de vida, é preciso saber distinguir as prioridades pessoais. “Se para a pessoa é importante ter uma casa grande, ter uma televisão em cada quarto, ter um carro para a mulher e um carro para o marido, provavelmente o minimalismo não vai ser muito interessante para essa pessoa”, afirma o consultor paraibano, que adotou o estilo em 2018.

Sem fórmula de bolo

O processo de redução de consumo precisa acontecer processualmente. “Não existe um nível único. A pessoa poderia ir testando, diminuindo essa quantidade e necessidade de ou-

tras coisas, até chegar a um ponto que ela considera ser o mais funcional”, sugeriu Victor Nóbrega. Para estudar, por exemplo, ele argumenta que alguns podem necessitar de papel e caneta, enquanto outros irão precisar de marca textos de cores diferentes e de uma série de outros objetos para atingir o mesmo grau de fixação de conhecimento.

“Nada na psicologia e no comportamento humano é uma fórmula de bolo. São muitas, muitas, muitas influências”, afirmou o psicólogo para se referir aos condicionamentos envolvidos na adesão a uma vida minimalista, que podem ir desde os padrões e tendências resultado das experiências na infância até questões genéticas.

Como ainda não existem estudos específicos para analisar essa questão, Nóbrega destaca a importância dos interessados pesquisarem mais e se orientarem através de fontes confiáveis de informação para terem uma visão mais crítica.

“Podem ter pessoas, por exemplo, que vão jogar o guarda-roupa delas todo fora, jogar tudo que têm, e mesmo continuarem se atrasando ou tendo o estresse do atraso, porque, às vezes, o problema é outro. E a pessoa deixa de se analisar, deixa de se tratar, deixa de procurar uma ajuda, porque ela vai buscar esse tipo de solução extremamente mastigada, simplista demais e, na maioria das vezes, insuficiente”, atenta o especialista. “Por isso não busque em um livro de um influenciador ‘X’ ou de um autor ‘Y’, que já prega isso. Busque isso em fontes de dados que são imparciais para que você realmente tenha uma noção mais real dos benefícios”, finalizou Victor Nóbrega.



Foto: Arquivo pessoal

Se para a pessoa é importante ter uma casa grande, ter uma televisão em cada quarto, ter um carro para a mulher e um carro para o marido, provavelmente o minimalismo não vai ser muito interessante

Luciano Rocha

Segundo o psicólogo Victor Nóbrega, alguém que trabalha com um público muito grande talvez não se adeque à vida minimalista porque precisará de mais estimulação e variação no seu padrão de comportamento



Foto: Arquivo pessoal

MUDANÇA DE VIDA

Hábito pode surgir como consequência de vida nômade

Barbara Wanderley
 babiwanderley@gmail.com

O minimalismo não chegou para o profissional de tecnologia da informação (TI), Daniel Sorrentino, como uma escolha, mas sim como uma consequência do estilo de vida nômade que levou desde a infância com os pais, e se estendeu por parte da vida adulta. Ele, que já morou em inúmeras casas de seis cidades diferentes no Brasil e no exterior, se viu obrigado a ser um minimalista. “Eu costumava dizer que tudo que tenho precisa caber em duas malas”, afirmou.

A cada mudança, móveis, objetos, roupas e até mesmo coleções iam ficando para trás, mas ele contou que nunca teve apego a nenhum objeto, talvez justamente por saber que não poderia manter aquelas coisas por muito tempo. “Não sei se sempre fui desapegado mesmo, ou se só me acostumei assim, porque minha família sempre foi assim”, refletiu.

“Eu viajava muito, então ter uma casa muito repleta de coisas não fazia muito sentido pra mim. Era muito prático botar tudo numa mala e poder mudar, seja de casa, de cidade ou de país”, contou Daniel Sorrentino.

O que começou como praticidade, no entanto, acabou se revelando também uma boa maneira de economizar. “No final das contas, acabou sendo uma eco-

nomia também. Eu via que eu não precisava de tantas coisas. Era mais fácil viver, guardar dinheiro e ter uma vida mais econômica, era uma questão de estilo de vida e de manter um controle econômico”, avaliou.

O passar dos anos, porém, impôs algumas mudanças nesse estilo de vida. Sorrentino explicou que antes se contentava em ter apenas itens essenciais como fogão, geladeira e *laptop*. Agora com a vida mais estabilizada e sem mudanças à vista, o profissional de TI passou a pensar mais no conforto da família. “Acho que incorporei um elemento que não tinha antes, que veio com a idade. É que antes minha casa era só para mim, mas agora tenho que pensar em receber meu pai, que já tem mais idade, tenho que pensar em receber minha mãe”.

Por isso, embora ainda evite acumular muitas coi-

sas, Daniel Sorrentino acabou abrindo espaço em sua casa para móveis e objetos que possibilitem mais visitas dos familiares.

“Eu não via sentido em ter uma mesa, por exemplo, ou em ter um sofá, quando poderia apenas jogar umas almofadas no chão, no máximo um tapete. Eu tinha um prato ou dois e, se recebesse visitas, usaria um prato descartável ou guardanapo. Hoje, eu tenho uma mesa com três cadeiras, um sofá e um quarto com colchão extra, justamente para quando meu pai vem me visitar, ou minha mãe, quando a família se reúne no final do ano”, completou.



Arte: Bruno Chiessi

NA ARQUITETURA

Minimalismo sempre foi muito questionado

Ligado ao modernismo, estilo arquitetônico é uma estética que emprega poucos elementos e valoriza as formas geométricas

Bárbara Wanderley
babiwonderley@gmail.com

O lema “menos é mais” é levado a sério quando se trata do estilo de arquitetura minimalista. “A gente sempre pensa: ‘O que é que eu ainda posso tirar desse ambiente?’”, comentou a arquiteta Olívia Ferreira.

Ligada ao modernismo, é uma estética que emprega poucos elementos, valoriza o *design* simplificado e as formas geométricas. Suas principais características são as formas simples, cores neutras, *design* simples e funcional, estruturas limpas, leiautes multifuncionais, e poucos ornamentos.

O minimalismo – que é estilo arquitetônico também – casa com o minimalismo como estilo de vida, cuja proposta questiona principalmente o acúmulo de supérfluos, priorizando que se tenha apenas o essencial para

manter uma vida mais simplificada e prática.

Para a arquiteta Olívia Ferreira, embora pareça contraditório, minimalismo e praticidade não necessariamente andam lado a lado. “Na arquitetura, o minimalismo sempre foi muito questionado justamente por não oferecer praticidade”.

“São projetos que ficam muito bonitos nas fotos, mas que, na prática, não funcionam ou funcionam apenas para uma parcela muito pequena da população”, completou ela.

Casa vazia

Olívia Ferreira acredita que o estilo minimalista pode funcionar para pessoas solteiras, que moram sozinhas e passam a maior parte do tempo fora de casa, voltando apenas na hora de dormir, mas, para famílias, por exemplo, é praticamente impos-

sível. “Em casa que tem criança, a decoração é o brinquedo”, disse ela, bem-humorada.

“

São projetos que ficam muito bonitos nas fotos, mas que, na prática, não funcionam ou funcionam apenas para uma parcela muito pequena da população.

Olívia Ferreira

A arquiteta lembrou que, há alguns anos, fotos da mansão minimalista da celebridade norte-americana Kim Kardashian chamaram a atenção na Internet. Com apenas alguns móveis beges e nenhum objeto de decoração, alguns cômodos da casa chegavam a ser completamente vazios. “Ela só conseguia manter a casa daquela forma por ter uma equipe para manter tudo limpo e organizado”, avaliou.

Isso porque, embora uma casa praticamente vazia possa parecer muito mais fácil de limpar, qualquer sujeira ou bagunça fica muito evidente em um lugar assim, que acaba parecendo mais um mostruário de loja de móveis do que um local realmente habitado.

Atuando em João Pessoa, Olívia Ferreira contou que, hoje em dia, pouquíssimos clientes pedem projetos minimalistas para as suas casas e, quando pedem, muitas vezes é por desconhecer o que o termo significa. “Às vezes, eles só querem que não tenha excessos, mas isso, por si só, não caracteriza minimalismo. Por isso, quando eles pedem um projeto minimalista, a gente tenta entender se é o que eles realmente estão querendo, independente do termo que usaram”, explicou a profissional.



Foto: Arquivo Pessoal

Na análise da arquiteta Olívia Ferreira, a recente crise sanitária mundial “eclipsou” os ambientes minimalistas por conta das pessoas ficarem mais tempo em casa, almejando uma decoração mais personalizada

Na avaliação de Olívia Ferreira, a recente crise sanitária mundial causada pela pandemia da Covid-19 jogou a “última pá de cal” em cima dos ambientes minimalistas. “As pessoas passaram a ficar muito tempo em casa e sentir falta da natureza, querer plantas, fotos da família, objetos de valor sentimental, enfim, uma decoração mais personalizada”, opinou a arquiteta.

Ela destacou, ainda, que costuma montar apartamentos decorados para construtoras apresentarem aos potenciais clientes. “São apartamentos com metragem pequena que as construtoras pedem justamente para a gente encher de móveis. Claro que de forma organizada e não excessiva, mas a intenção é mostrar que cabe muita coisa, mesmo com o espaço reduzido”, finalizou Ferreira.

Imagens: Olívia Ferreira/Reprodução



Alguns exemplos de projetos com características minimalistas: estilo pode funcionar melhor para pessoas solteiras, que moram sozinhas e passam a maior parte do tempo fora de casa

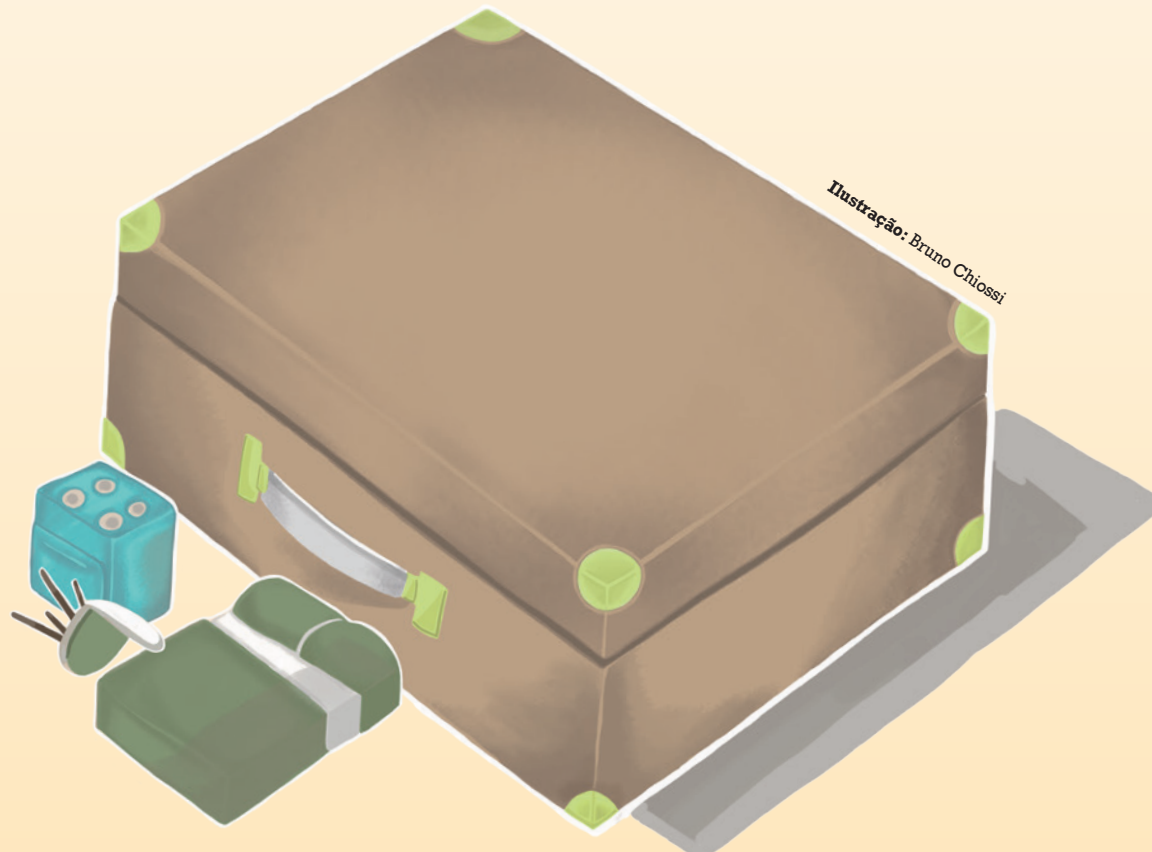


Ilustração: Bruno Chiossi